

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar
Centro de Educação e Ciências Humanas - CECH
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS

Depois de uma tragédia: família e
emigração em Gonzaga, MG

Dissertação de mestrado apresentada à banca
examinadora da Pós-Graduação em
Antropologia Social, Universidade Federal de
São Carlos, como requisito à obtenção do
título de mestrado .

São Carlos, 24 de Junho 2011

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

A447dt Almeida, Alexandra Cristina Gomes de.
Depois de uma tragédia : família e emigração em
Gonzaga, MG / Alexandra Cristina Gomes de Almeida. --
São Carlos : UFSCar, 2012.
152 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2011.

1. Antropologia. 2. Migração. 3. Etnografia. 4. Doce, Rio,
Vale (MG). I. Título.

CDD: 306 (20^a)



antropologia social

ufscar

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós Graduação em Antropologia Social

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

Alexandra Cristina Gomes de Almeida

21/06/2011



Prof. Dr. Igor José de Renó Machado
Orientador e Presidente
Universidade Federal de São Carlos / UFSCar



Profa. Dra. Bela Feldman-Bianco
Universidade Estadual de Campinas / UNICAMP



Prof. Dr. Piero de Camargo Leirner
Universidade Federal de São Carlos / UFSCar

Agradecimentos:

Após este longo período de mestrado, três anos de dedicação e paciência para lidar com as dificuldades da pesquisa e contornando sérios problemas pessoais. Primeiramente devo agradecer a minha família que mesmo em um momento de doença e fragilidade não deixou de me apoiar, confortar e sempre incentivar a minha pesquisa. Inúmeros foram os conselhos de meu pai, mãe e irmã que me nortearam a não desistir de tudo, pois confesso que a hipótese da desistência cercou meus pensamentos em vários momentos. Porém, ao ver a força de meus familiares lutando pela vida, isto me incentivou a seguir adiante. Dedico este trabalho ao meu pai Paulo, a minha mãe Márcia, a minha irmã Juliana e a minha avó Terezinha.

Não posso deixar de mencionar o apoio, amor e compreensão do meu companheiro Cesar B. Borges, que nos momentos de ausência e falta de atenção ao nosso relacionamento, ele não deixou de me apoiar, além de contribuir com ótimas sugestões, argumentos e, claro, muitas críticas valiosas para o trabalho. Agradeço também as amigas construídas com a turma de 2008 de pós-graduação em antropologia social, para sempre levarei na memória as risadas, companheirismos e discussões com (as) (os) amigas (os): Érica Hatugai, Yara Ngomane, Camila Firmino, Natália Sganzella, Mariana Medina, Victor Hugo Fisher, Tatiana Massaro, Christiane Tragante e Thaís Mantovanelli Silva. E claro não posso deixar de mencionar as amigas que por diversas vezes me ofereceram um lugar para pernoitar em São Carlos: Camila Mainardi, Flávia Costa, Marília Lourenço meus sinceros agradecimentos.

Agradeço também ao meu orientador Igor Machado que sempre compreendeu meus problemas pessoais, que interferiram de maneira relevante ao longo do mestrado. E principalmente as pessoas de Gonzaga que me acolheram e o apoio de algumas famílias como os Carmo, sem estes jamais teria concretizado esta etnografia.

Por fim, agradeço a FAPESP que possibilitou a execução da pesquisa, além de tolerar os pedidos de prorrogações na entrega de relatórios, como também, por apresentar críticas relevantes e pertinentes nos pareceres.

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo expor o fenômeno do fluxo emigratório no município de Gonzaga (MG). A cidade ganhou repercussão internacional tanto na mídia impressa quanto televisiva, devido a morte de um dos cidadãos em setembro de 2005, Jean Charles Menezes. O mineiro foi assassinado numa das estações de metrô londrinas (Inglaterra) após a polícia britânica o ter confundido com um suposto terrorista, o evento tornou-se notícia por causa da violência da morte, além de ter se transformado num exemplo das condições problemáticas as quais milhares de imigrantes são expostos. A partir da perspectiva antropológica, esta pesquisa relata a dinâmica social da cidade após da exposição imprensa mundial, focando a análise nas noções de família e nas tradições locais. Portanto, esta etnografia descreve as famílias na sua organização e valores, que influenciam nos fluxos migratórios do local.

Palavras-chave: Migração, Etnografia, Família, Vale do Rio Doce (MG)

Abstracts:

This dissertation addresses issues of emigration flow in the city of Gonzaga (MG). The city was featured in the international media world in consequence of the death of a citizen in September 2005, Jean Charles de Menezes. The young man was killed in a London subway station (England) after the British police have mistaken for a suspected terrorist, the event resumed debate on the problematic conditions which thousands of immigrants are exposed. From the anthropological perspective, the survey reports the social dynamics of the city, focusing on the notions of family and local traditions. So this ethnography describes families in their organization and values, which influence emigration flow

Sumário:

Introdução.....	06
1. O início da análise.....	06
2. Conhecendo Gonzaga.....	08
3. Estrutura da dissertação.....	14
Capítulo 1: A cidade, apresentando o local.....	16
1.1. O contexto histórico.....	27
Capítulo 2: Explorando o Espaço Público.....	31
2.1. A Religião.....	37
2.2. O trabalho na escola.....	47
Capítulo 3: As mulheres de Gonzaga.....	51
3.1. O papel da mulher e o casamento.....	59
3.2. O casamento e constituição da família.....	61
3.3. A emigração enquanto um valor social.....	65
3.4. A emigração para os homens.....	67
3.5. O discurso das mulheres sobre o filme Jean Charles.....	73
Capítulo 4: A Mídia e Gonzaga.....	76
4.1. A imprensa e a imigração.....	76
4.2. A opinião da população de Gonzaga sobre a mídia	81
4.3. O Filme.....	91
Considerações Finais.....	97
Referências.....	105
Anexo 1 – Histórico oficial de Gonzaga.....	111
Anexo 2 – Reportagens.....	113

Introdução:

No segundo semestre do ano de 2005 ocorreu um incidente internacional que marcou o debate acerca da imigração. No dia 22 de julho daquele ano, o imigrante brasileiro, Jean Charles de Menezes, foi assassinado pela polícia Scotland Yard. A polícia justificou a execução do brasileiro argumentando que o rapaz possuía semelhança com um dos supostos terroristas, responsáveis pelos atentados ocorridos no dia 7 de julho em Londres. Em 2005, os meios de comunicação destacaram inúmeras discussões sobre o fenômeno migratório, em consequência aos diversos atentados que ocorreram naqueles últimos anos como: o atentado aos edifícios World Trade Center, nos Estados Unidos em 2001; a rede ferroviária de Madri em 2004; no ano 2005 ocorreram os ataques ao metrô de Londres (Inglaterra). E com o desfecho do assassinato do brasileiro após o ataque ao metrô de Londres, a imprensa mundial retomou os questionamentos sobre a imigração internacional.

O destaque dado pela imprensa chamou a atenção do LEM – Laboratório de Estudos Migratórios, grupo de estudo de migrações da UFSCar coordenado por Igor Machado. Ainda no ano de 2005, parte dos membros do grupo iniciou uma pesquisa sobre os novos fluxos emigratórios no município de Governador Valadares (MG). Após o acompanhamento da mídia nos temas da migração e com o incentivo do Prof^o Dr. Igor Machado, eu optei pesquisar a emigração da região do Vale do Rio Doce (MG)¹, porém restringi o estudo ao município de Gonzaga, cidade natal de Jean Charles. A importância de priorizar a etnografia em outra cidade mineira teve a preocupação em aprofundar a compreensão do alto contingente de emigrantes que saem de Minas Gerais e entender os motivos desta evasão para outros países.

1. O início da análise:

Para analisar o contexto de Gonzaga considerei informações advindas dos meios de comunicação², mas somente esta fonte não seria suficiente para delinear a perspectiva da população gonzaguense sobre a relação que a morte de Jean Charles representou na imigração. Optei pelo método etnográfico para aprofundar os aspectos da

¹ A mesorregião do Vale do Rio Doce está localizada ao sudeste do Estado Mineiro e muitos municípios são envolvidos com o fenômeno migratório.

² Em anexo há as principais reportagens utilizadas como fonte para esta pesquisa.

população mineira. É importante explicar que através de uma primeira análise do material midiático, isto me despertou algumas questões que foram levadas as primeiras visitas ao campo.

A primeira estadia em Gonzaga foi entre os dias 15 e 22 de Janeiro de 2008, sem delimitar nenhum objetivo na coleta de dados, a intenção era apenas para o reconhecimento do local. Entretanto, neste curto período ocorreram situações que desconstruíram a proposta inicial de pesquisa. Deste primeiro contato já se observou que um evento massivamente explorado pela mídia não necessariamente apresenta à mesma importância às pessoas abordadas pela imprensa. Neste encontro de campo, considerava que o evento de Jean Charles era um assunto de comoção para os nativos, porém me deparei com meu primeiro engano. De acordo com Geertz (1989), o trabalho de campo denso apresenta a importância dos dados a partir daquilo que é processado pela interpretação do etnógrafo, no sentido que este se preocupa em interpretar o significado que o campo revela tanto das próprias ações dos nativos, quanto na relação deles com o pesquisador (KUPER, 2002). Consequentemente, as informações oriundas da etnografia se contrastaram com os dados analisados dos meios de comunicação.

Na perspectiva de Viveiros de Castro (2002), a etnografia é o “levar a sério” a fala do informante porque explicita a condição de relação da autoridade do antropólogo perante a fala de seus interlocutores, definindo, de certa maneira, o grau de acesso do antropólogo na lógica de pensamento do outro. Isto determina qual o lugar que o antropólogo deve trabalhar respeitando as questões que mais importam ou se sobressaem no discurso dos informantes. Assim, após uma delicada inserção e aceitação no trabalho de campo em Gonzaga o objetivo inicial da pesquisa tomou outra direção. Depois de acessar informações da perspectiva de um grupo de mulheres passei a entender que a emigração em Gonzaga está para além da especulação das atribuições de mudanças no fenômeno migratório depois do evento de Jean Charles³. Neste sentido o trabalho de campo em Gonzaga, aprofundou o entendimento do discurso nativo através da minha efetiva participação na rotina deste grupo de mulheres como: frequentar cerimônias religiosas, auxiliar na organização de festas de aniversários e da cidade,

³ A menção constante do nome de Jean Charles tem o intuito de realçá-lo como evento, na abordagem teórica de Sahlins, em que as mudanças da prática social são fruto da reprodução cultural (SAHLINS, 1990). Deste modo, com o assassinato, este evento, poderia ter redefinido os fluxos e se isto causaria um “marco simbólico” na emigração da população de Gonzaga.

fazer trabalho voluntário da escola; ações que se tornaram um instrumento de conhecimento para análise antropológica. Para Jeanne Favret-Saada (2005), a etnografia define a experiência vivida do antropólogo que é “afetado” pela experiência do outro, em outras palavras, o envolvimento do antropólogo como seus informantes não pode acontecer num lugar diferente do “nativo”, é importante estar num mesmo patamar de comunicação com o outro.

Após 2008, apenas retornei para Gonzaga na segunda quinzena de Janeiro de 2009, permaneci na cidade até final de abril do mesmo, retornando para São Carlos para finalizar os compromissos com a Fapesp, como também discutir as percepções iniciais do campo com o Prof^o. Igor Machado Na primeira semana de agosto de 2009 voltei para Gonzaga onde permaneci até o final do mês de setembro, encerrando o trabalho de campo, para focar na escrita da dissertação.

Os meios de comunicação mantiveram a atenção sobre os percalços da investigação da tragédia e na família do falecido, que até os dias atuais batalha na justiça em busca de explicações sobre o erro da polícia britânica. Para a população, grupo de informantes o qual me envolvi, outras relações acerca da emigração foram levantadas, como a consolidação e manutenção de núcleos familiares, através da opção de emigrar a outro país. O trabalho de campo denso aliado à observação participante permitiu a familiarização com as questões proeminentes como as noções de construção de família. Desta maneira, pouco desenvolvi questionamentos sobre o impacto da memória do evento Jean Charles nos fluxos migratórios da cidade.

2. Conhecendo Gonzaga:

O conhecimento prévio dos fluxos emigratórios em Governador Valadares levou-me a pensar numa análise de Gonzaga pelo viés da teoria do transnacionalismo. As abordagens sobre migração transnacional, em sua maioria, abordam grupos populacionais na condição de imigrante, porém poucas são as que apresentam os resultados da migração nas cidades de origem dos imigrantes. A relevância da teoria transnacional para os estudos das ciências sociais é que esta contempla o entendimento da imigração priorizando a diversidade dos grupos sociais envolvidos em tal circunstância porque “constitui tipos peculiares de famílias, muitas delas divididas entre espaços

amplios, entre estatutos de legalidade e ilegalidade, entre saudades e preconceitos” (MACHADO, 2010, p.06).

Segundo Castro, M. (2001) a destaque da literatura internacional das migrações iniciou-se na década de 70 e priorizava a mobilidade dos migrantes, a flexibilização do trabalho e do capital, dando ênfase ao local de destino em detrimento da origem dos imigrantes. Nos anos 80, desenvolveram-se duas frentes teóricas com a temática das migrações internacionais: a primeira priorizou a reflexão das grandes transformações econômicas, sociais, políticas, demográficas e culturais no âmbito internacional. Os movimentos migratórios foram apontados como uma reestruturação econômica-produtiva de escala global, neste sentido, fortalecendo a globalização da força de trabalho.

O debate seguiu com o estudo das redes sociais, que buscou as relações estabelecidas entre os sujeitos que permaneceram no país de origem e os que emigraram. Analisam-se as mudanças das práticas sociais, no sentido de como o fenômeno migratório reestrutura a relação de parentesco entre os emigrados e as famílias que permanecem no país de origem, como também se observa alterações nos *habitus* entre os gêneros, as relações entre público e privado – livre circulação de indivíduos, independente de vínculo comunitário - e a valorização do trabalho feminino e dos jovens (CASTRO, 2001). Apesar do reconhecimento das relações construídas pelos migrantes com as famílias que permanecem na cidade natal, ligadas pelo envio de remessas de dinheiro ou de planejamentos familiares que levam outros membros para o exterior, estes estudos ainda deram pouca importância para os possíveis efeitos da migração nos contextos sociais de origem dos migrantes.

Na década de 90, os estudos partem para a análise das identidades nacionais e políticas de Estado, destacando o desenvolvimento de vínculos inter-fronteiriços dos indivíduos transnacionais (MITCHEL, 2003). Feldman-Bianco (2009) aprofundou as noções de transnacionalismo ao explicitar o papel desempenhado pelas populações imigrantes junto das suas redes sociais, compreendendo como isto transforma e reestrutura cidades envolvidas nestas circunstâncias. Esta corrente teórica aponta que estes deslocamentos populacionais ressaltam a importância da continuidade das relações dos migrantes com a cultura e vínculos sociais do país origem, explicando a formação de sociedades em redes, expandindo as fronteiras geopolíticas. Em outras palavras, essas trocas materiais e simbólicas desempenhadas pelo sujeito transnacional legitimam

a construção de uma identidade relacionada com noções de continuidade e resistência dos grupos através de ligações sentimentais com os familiares, financeiras, práticas religiosas e atividades políticas, estas que reelaboram as experiências simbólicas e sociais para além dos espaços geopolíticos (GLICK SCHILLER; FOURON, 2000).

A teoria transnacional remete aos múltiplos laços sustentados entre o país de origem e o país de acolhimento do migrante. Todavia esta abordagem teórica acompanha as mudanças da construção social e simbólica de espaços e lugares de pertença e de familiaridade dos sujeitos migrantes. Porém, como eu poderia abordar, com base no debate do transnacionalismo, a peculiaridade emigratória em Gonzaga se todos os relatos do trabalho de campo foram registros de mulheres, que na maioria não imigraram, entretanto vivenciaram esta situação com os respectivos maridos, parentes próximos (como: pai, irmãos, irmãs, sobrinhos, sobrinhas e etc) ou amigos? Assim, analiso os dados de campo que remetem aos aspectos da emigração através daquilo que denominei o “meu processo de inserção de campo”. Este apontou para alguns símbolos gonzaguenses que aludem à emigração, desta maneira, a observação do desdobramento de aspectos cotidianos mostrou o acúmulo de experiência emigratória no município.

Deste modo, houve a necessidade de alterar a análise, priorizando especificamente os (as) informantes que nunca emigraram, assim, foi necessário procurar recursos bibliográficos que tratam especificamente do tema sobre família em Minas Gerais. Ao começar com uma referência sobre migração da população mineira, recorreremos à obra de Eunice Durham, que na década de 60 já identificava a movimentação de pessoas de diversas regiões do estado mineiro que se mudavam da zona rural para as principais capitais brasileiras da época: Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro. A contribuição do trabalho de Durham (1983; 2004) para o meu entendimento de Gonzaga foi o cuidado de observar como a autora focou o processo de integração daqueles migrantes rurais nas novas cidades e as implicações nas mudanças práticas, conhecimentos e valores dos sujeitos.

Ademais a autora explica que a migração populacional de Minas Gerais é impulsionada pelo desejo dos indivíduos em buscar trabalho em outras regiões de economia mais fortalecida. Todavia não se trata da oposição entre os sistemas tradicionais e sistema industrial, e sim de uma migração que punciona a preservação da estrutura da família. A mudança destas pessoas das zonas rurais para centros urbano-industriais não envolveu necessariamente a dissolução das relações familiares, mas sim

modificações na reestruturação do grupo familiar, mantendo a importância e funcionamento do grupo. Como segue a explicação da autora, os migrantes:

são os grupos que persistem na passagem de uma para outra ordem de vida social e orientam a participação no novo universo sociocultural, promovendo a reelaboração das representações que norteiam o deslocamento no espaço social (DURHAN, 1983, p. 10).

Apesar da pesquisa de Durham tratar da migração mineira nas décadas de 60 e 70, deve-se relevar o fator histórico sobre como o fenômeno migratório envolve os indivíduos de Minas Gerais. Claro que, atualmente, a migração neste estado já adquiriu diferentes características, motivos e destinos e há de se considerar as especificidades de cada caso emigratório. O município de Gonzaga que está localizado na mesorregião do Vale do Rio Doce e possui um contexto histórico que envolve a presença e influência norte-americana nas décadas de 40 e 50 com a exploração de minérios (ASSIS, 2002). Por isto, é necessário explicitar a perspectiva das populações que permanecem no país de origem dos imigrantes, pois há de se considerar quais são os processos sociais e culturais que influenciam e dão continuidade ao movimento migratório.

Igor Machado (2009), analisando o município de Governador Valadares explica que emigração envolve tanto as relações das fronteiras geopolíticas como também processos da cultura local. Neste contexto, as pesquisas de Machado e o grupo de estudo LEM prioriza a análise do que ocorre nos “sujeitos que ficam”, os que não emigram. Os agentes que permanecem no país de origem são primordiais para dar continuidade ao projeto emigratório, pois eles também são os responsáveis por incentivar ou influenciar um parente a optar pelo trabalho como migrante, além do mais os “sujeitos que ficam” finalizam o projeto migratório construindo, mantendo e preservando a casa (tanto sentido de habitação, quanto no valor moral da família). As razões para a construção física e moral da casa ora é para tornar o indivíduo independente da casa dos pais, ora é estar atrelada à manutenção do casamento, da vida do casal (esposa e marido), ou seja, define o status social do indivíduo perante seu grupo, para as pessoas solteiras influenciam também em projetos futuros de constituir uma família. Na reflexão do autor, os valadarenses emigram:

para construir o projeto futuro de suas famílias e constituir novas centralidades nas suas relações (o próprio parentesco) não é mais a convivência e o sangue, mas o envio de sinais diacríticos de presença e interesse no núcleo familiar (...) esse mecanismo configura-se na principal fronteira a ser analisada, aquela que

impulsiona a migração e a sustenta, ou seja, a fronteira que se deseja criar como um 'novo núcleo familiar' (MACHADO, 2009, p. 174).

De acordo com Machado (2009), para, então, tratar a perspectiva dos “sujeitos que ficam” o autor defende que a descrição etnográfica “permite uma reflexão que estabelece relações de afinidade entre processos culturais; que o entendimento dessas conexões permite entender mais claramente os fenômenos” (2009, p.170). Em Gonzaga, não muito diferente da posição de Igor Machado, busquei observar a imigração nos processos que evolue as especificidades locais, as quais explicam o fenômeno migratório através da valorização e status social da família. Assim, notamos que a migração em Gonzaga encontra-se como um atalho para alocar o indivíduo no seu contexto social, ou seja, há fortes significações dos papéis sociais que circundam a divisão sexual do trabalho, a concepção de família, o status do indivíduo que são vivenciados no cotidiano e nas ações da população.

As conclusões acerca sobre Gonzaga só foram possíveis de serem pensadas devido à realização do intenso trabalho etnográfico. Segundo Goldman (2006, p. 171), para apreender as idéias “nativas” é relevante levantar os fatos e aspectos que perpassam a vida social de forma despercebida no contexto social. Portanto, conduzo a dissertação para os eventos que marcaram a minha inserção e aceitação na cidade, indicando como alcancei relatos gonzaguenses que explicitaram tanto os efeitos positivos quanto os negativos que a migração provoca nas relações matrimoniais e de parentesco. Os dados de campo exibiram uma série de apontamentos que delinearam comportamento, status e valores morais advindos das relações familiares imbricados nas motivações que levam uma pessoa gonzaguense a emigrar.

Ao longo do campo eu precisei adequar-me às normas sociais partilhadas pelas mulheres da cidade, assim, o contexto migratório de Gonzaga se mostrou a partir das etapas do meu processo de inserção etnográfico. A cada interação ao lado das mulheres, reforçavam-se explicações sobre o comportamento, trabalho, família e do papel social feminino, porém envolvendo aspectos da migração. Isto reforçou a observação do fenômeno migratório local. A minha participação em ambientes públicos demonstraram a emigração compartilhada em diversas situações que não apenas na figura do imigrante. Nas instituições da escola pública, presenciando os agentes educacionais

lecionando às crianças e jovens, vi como usavam exemplos que influenciam atitudes do processo migratório. Já nas atividades religiosas, ao frequentar cultos e atividades junto dos principais líderes religiosos locais, percebi como os sermões transmitem as circunstâncias que afligem os fiéis e perpassam a experiência e vivência da população com os processos emigratórios.

Porém, os questionamentos ao longo do trabalho de campo não ficaram restritos apenas aos interesses de aspectos da migração, as dificuldades do processo de integração etnográfico me fizeram recorrer a monografias, dissertações e teses que também tratassem e demonstrassem os empecilhos de se fazer estudos antropológicos em cidades de Minas Gerais. Todos os (as) pesquisadores apontaram a necessidade de levantar as noções de família e o distanciamento do papel de pesquisador (a), para com isso alcançarem os questionamentos que motivaram ao início de cada pesquisa.

O mesmo ocorreu na pesquisa em Gonzaga, conseqüentemente, é de suma importância privilegiar o que a minha presença em campo influenciou no decorrer da pesquisa, o aspecto de me afastar da associação de pesquisadora e demonstrar como alguns aspectos da minha família pessoal influenciaram no modo como eu interagi com as (os) informantes. Assim, obtive dados relevantes para descrever a emigração gonzaguense, como também entendi qual foi o impacto da memória de Jean Charles no município. Por fim, atento para a minha inserção de campo e como ela afetou os dados recolhidos em Gonzaga e ressalta as diferenças deste processo migratório, lembrando que esta posição está relativizada criticamente pela influencia da minha pessoa no campo (VIVEIROS DE CASTRO,2002).

3. Estrutura da dissertação:

O primeiro capítulo trata da apresentação da cidade com uma breve referência histórica da emigração na mesorregião do Vale do Rio Doce e da cidade de Gonzaga (relato oral), seguido das descrições das primeiras relações conflituosas que ocorreram na primeira abordagem com os (as) gonzaguenses. A partir destas impressões iniciais houve a mudança no objetivo da pesquisa, em que as questões que remetiam apenas ao evento Jean Charles foram dissolvidas e a prioridade se tornou as relações cotidianas

entre informantes e a minha pessoa. Assim, discuto quais foram os recursos necessários para articular a minha presença nos ambientes sociais em Gonzaga.

No segundo capítulo exponho a segunda etapa do trabalho de campo e como foi possível penetrar em determinados espaços sociais públicos do município. Para tal análise utilizo no debate as categorias “casa” e “rua” baseado na obra de Roberto DaMatta (1997a, 1997b) somando a discussão aponto algumas questões semelhantes sobre a relação dos espaços públicos com etnografias realizadas em outros municípios do estado mineiro. Esta compreensão ocorreu devido a minha intensa participação nos eventos religiosos e participação voluntária na escola estadual, de maneira que a minha presença na cidade é analisada a partir do significado que isto adquiriu perante a população, determinando os espaços que eu poderia circular na localidade.

Após a compreensão da minha figura durante a inserção de campo e o complicado processo de aceitação, o terceiro capítulo segue com uma nova etapa de interação em campo. Em certo envolvimento com os espaços públicos foi possível adentrar a esfera doméstica, todavia, saliento que o domínio da casa está descrito a partir da oratória feminina. A circulação no espaço da casa revelou informações relevantes da subjetividade das mulheres que explicam como se dão as relações de parentesco, gênero e trabalho na cidade, permitindo entender as exigências sociais que os homens enfrentam por parte das mulheres, reforçando que o fenômeno imigratório está atrelado as particularidades deste grupo social.

As relações da esfera doméstica permitiram também entender o porquê da imagem de Jean Charles articulada na imprensa não ter representatividade positiva na opinião da população gonzaguense. Assim, o último capítulo analisa as matérias lançadas nos meios de comunicação a respeito do caso de Jean Charles, estas que não tiveram alguma aceitação e identificação da população. O impacto que ocorreu em Gonzaga, como a mídia enfatizou, não desenvolveu nenhum trauma ou mudança nos fluxos emigratórios na cidade, o discurso da população demonstrou um incômodo devido à fama que cidade conquistou na região, que alterou a rotina com a presença de forasteiros e estranhos. Por fim, a pré-estréia do filme de Jean Charles em julho de 2009 em Gonzaga, levantou outra polêmica, o descontentamento da população com o roteiro, pois este não estaria de acordo com os valores morais dos (as) gonzaguenses. Portanto esta dissertação prioriza a inserção etnográfica como ponto essencial para compreender as dinâmicas emigratórias visando alcançar como o discurso da população envolve este

fenômeno através das experiências acumuladas na história da região e nas vidas destas pessoas.

Capítulo 1 – A cidade, apresentando o local:

No ano de 2007 quando decidi realizar um projeto de mestrado sobre Gonzaga eram poucas as informações as quais consegui acesso, a maioria advinha dos meios de comunicação e do conhecimento sobre a cidade vizinha, Governador Valadares, ambos os municípios pertencem a mesorregião do Vale do Rio Doce, região marcada pela intensa mobilidade migratória da população.

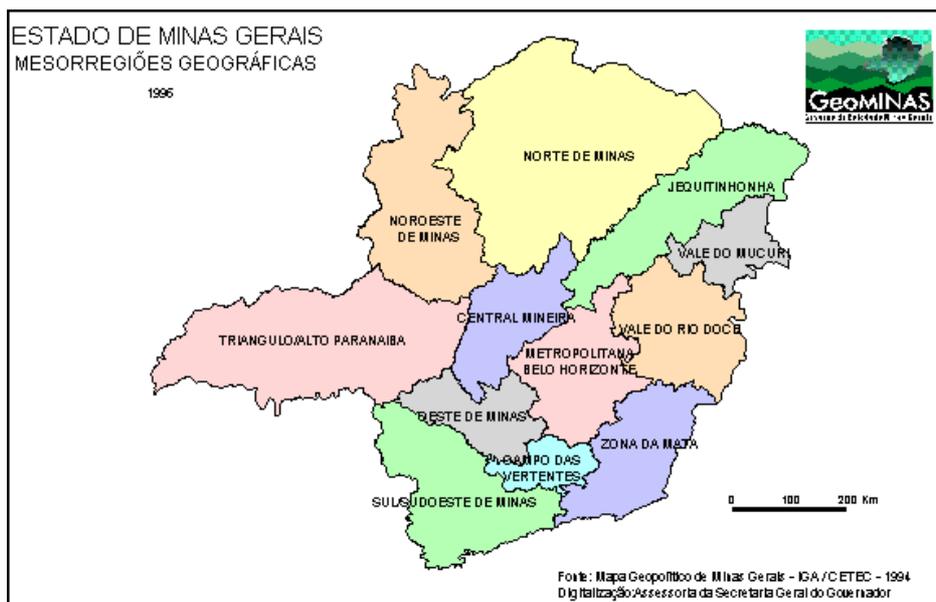


Figura 1: Divisão Mesorregiões Geográfica de Minas Gerais

Fonte: Mapa geopolítico de Minas Gerais – IGA/CETEC 1994

As notícias referentes à Gonzaga revelavam aspectos da investigação e da repercussão do assassinato de Jean Charles. A mídia nacional aproveitando a comoção internacional perante a tragédia lançou uma série de reportagens especulativas sobre cidades envolvidas com o fenômeno migratório enfocando, principalmente, o aumento da imigração clandestina de brasileiros para países da Europa e Estados Unidos. Nesta circunstância, Gonzaga conquistou considerável destaque na imprensa, estimulando um aumento das discussões acerca do tema. Governador Valadares, por sua vez, também voltou a ter destaque nos noticiários.

Entretanto, antes de Jean Charles as questões da imigração de brasileiros já foram temas explorados pela mídia. No artigo *“De Gonzaga para Londres: gênero etnicidade e preconceito na história de Jean Charles de Menezes”*, Gláucia Assis (2008) relembra que as primeiras notícias sobre migração retrataram a época da ditadura e os exilados políticos na década de 70. No início da década de 1990, Assis (2007) observou que a imprensa brasileira abordou a imigração nacional como um fenômeno exótico, pois até então a história do país fora marcada por receber imigrantes e não o contrário. As informações produzidas na década de 90 traziam relatos das “aventuras” e dos “infortúnios” dos brasileiros nos EUA, matérias que explicitavam as estratégias da imigração sem documentação, as deportações, a clandestinidade da travessia da fronteira entre México e EUA, entre outras informações. A imprensa brasileira abordou

principalmente as dificuldades e preconceitos que os brasileiros e latino-americanos enfrentavam nestes processos (ASSIS, 2008), mas pouco aprofundou os motivos, influências e subjetividades que levam brasileiros, principalmente mineiros de Governador Valadares, a saírem do país em busca de outras oportunidades de trabalho.

Nos estudos feitos sobre Governador Valadares⁴, hoje um dos principais pólos metropolitanos do Vale do Rio Doce, exerce considerável influência sobre os municípios vizinhos devido à infraestrutura disponível em serviços públicos, administrativos (bancos, cartórios e etc.), comércio e centros educacionais. E a cidade compartilha a memória de que seu desenvolvimento econômico e social é fruto da relação histórica com os Estados Unidos. A conexão G. Valadares - Estados Unidos (ASSIS, 2002) se fortaleceu na década de 40, durante a II Guerra Mundial. A economia valadarense foi impulsionada pela extração e comercialização da mica, importante matéria prima da indústria bélica, sendo realizada apenas por empresas estadunidenses. Em 1942 através do convênio Brasil- EUA, a presença norte-americana exerceu enorme impacto na vida dos moradores, pois além da economia houve investimento em obras de melhorias na Estrada de Ferro Vitória-Minas e na construção do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), para extinguir a malária na região (SOARES,2002). Este período contribuiu para que os valadarenses criassem certa utopia sobre os Estados Unidos. Alguns valadarenses, como também outros brasileiros que se fixaram na cidade naquele período, cultivaram lembranças de que as melhorias de condições de vida e progresso associam-se à presença americana. Um relato coletado por Gláucia Assis (2002, p.45, grifo nosso), ajuda nessa explicação:

Esses jornalistas, esse pessoal sempre quer falar comigo e eu nunca me interessei em responder porque eles querem que eu diga que os americanos tinham interesses imperialistas e por isso nos ajudaram. Eles nunca conseguiram incutir no valadarense sentimentos antiamericanos, pois foram eles que nos deram saneamento básico, água, esgoto. Além disso o SESP realizou também pesquisa sobre doenças endêmicas. Eles ajudaram as firmas de mica fornecendo material e pessoal técnico, mas as firmas eram brasileiras.(...)Esta identificação já faz parte de nossa identidade. Governador Valadares é uma cidade de interior voltada para o exterior, para o oceano, antes da guerra eram os alemães e os japoneses depois os americanos - estes só trouxeram progresso. **Nós hoje somos uma cidade internacionalizada, tanto é que você vê qualquer pé de chinelo**

⁴ Para uma análise maior sobre imigração em Governador Valadares ver: Margolis (1994), Fusco (2000), Soares (2002), Assis (2002), Machado (2010, 2009a, 2009b)

sai destas cidadezinhas aqui perto vai para o Galeão pega um avião chega no Kennedy e se sente em casa. (Hist I - 70 anos)⁵

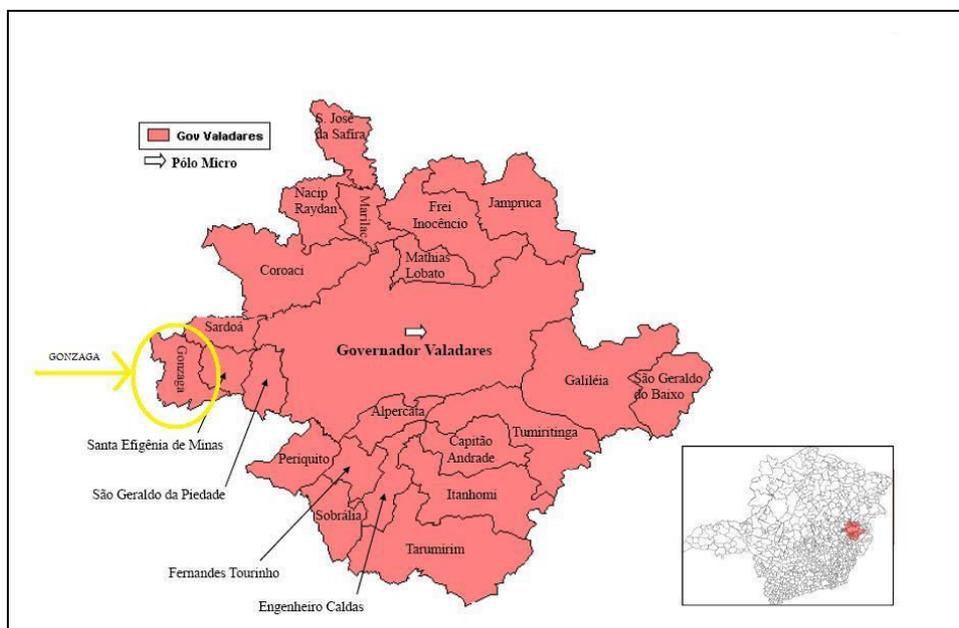


Figura 2: Localização do município de Gonzaga. De acordo com informações do IBGE, Gonzaga pertence à microrregião de Guanhães.

Fonte: GeoMinas (MG)⁶

Nas décadas posteriores, a economia valadarense começou a enfrentar uma estagnação devido à diminuição de investimento na exploração de mica. Nos anos 50 iniciou o desenvolvimento do ciclo pecuário, entretanto não foi o suficiente para absorver a mão-de-obra. Nos anos 70 o problema persistiu, a economia ainda baseava-se na comercialização de gados, porém havendo uma nova atividade, a exploração de pedras semipreciosas, que não supriu a demanda de empregos para a população. A presença americana na cidade, embora temporária, produziu na memória da população o mito de que a cidade é internacionalizada e que a noção de progresso encontra-se fora do Brasil. De modo que, nos anos 80, com a crise econômica que assolou o país, as

⁵ O grifo o qual eu destaquei no relato é para mostra a relação influência e ligação de Governador Valadares com outras cidades do Vale do Rio Doce. Ver figura 2.

⁶ http://www.geominas.mg.gov.br/kit_desktop/kit2/paginas/mapas/mg

lembranças do desenvolvimento provocado pela presença americana, associado aos casos de valadarenses que imigraram nos anos 60 e as redes de imigrantes fixadas entre familiares e amigos, incentivou outros (as) a tentarem novas experiências de oportunidades de trabalho no exterior.

Segundo Weber Soares (2002), que analisou a redes migratórias de Governador Valadares e Ipatinga, concluiu que “os Estados Unidos da América passou a ser o “mundo estrangeiro”, a referência mais concreta” (2002, p. 95), ou seja, o país norte-americano incorporou-se à extensão do conhecimento geográfico da sociedade valadarense, envolvendo relações tanto da esfera econômica (comercial) quanto sociais, estes como redutos de esperança e parte de vida. Nas pesquisas sobre Valadares, todas destacaram a importância da consolidação das redes sociais, o vínculo dos (as) valadarenses com as comunidades de brasileiros (as) no exterior ocorrem como um compromisso de auxílio entre afins e parentes. (FUSCO, 2000; ASSIS, 1995; SOARES, 2002).

De acordo com Margolis (1994), as cidades do Vale do Rio Doce são marcadas por uma “cultura de migrar”⁷ porque apresentam amplos padrões de migração internacional, conseqüente do envolvimento de laços históricos com outros países. Segundo a pesquisadora, esta característica leva ao fortalecimento de padrões que estruturam e simbolizam o ato de imigrar, tornando-se projeto de vida de muitos cidadãos, como exemplo, muitas crianças ao crescerem esperam e desejam emigrar, como parte de experiência de vida (tais dados etnográficos constam no capítulo 2). Outro exemplo, em Governador Valadares é comum se deparar com redes facilitadoras da migração, como agências de turismo exibindo propagandas para viagens aos Estados Unidos, México e Portugal.

A familiaridade com o contexto migratório no Vale do Rio Doce não se restringiu apenas a leituras de trabalhos já publicados. Desde 2005, o grupo de estudo LEM - UFSCar (Laboratório de Estudos Migratórios) coordenado pelo Prof.º Dr. Igor Machado desenvolve pesquisas em Governador Valadares. Em 2007, eu concretizei a iniciação científica⁸ “*Brasileiros em Portugal: nova identidade e mercado de trabalho*”.

⁷ Expressão usada pelo cientista político Wayne Cornelius (MARGOLIS, 1994).

⁸ A iniciação científica (2007) se desenvolveu com dois trabalhos de campo realizados pelas alunas Alexandra C. G. de Almeida, Ariele Basinello, Ellem Saraiva Reis, Lara Tejada Stahlberg, Thaisa Lumie Yamaie, (2006 e 2007) em Governador Valadares, totalizando cinquenta dias de etnografia. O trabalho

O objetivo da pesquisa traçou alguns aspectos da recente rota imigratória de valadarenses em direção a Portugal ⁹. Com a experiência de trabalho em Governador Valadares, onde as relações de migração são explícitas, afinal nos lugares públicos é comum escutar conversas paralelas sobre pessoas trabalhando no exterior, além da presença de aspectos visuais que ressaltam o fenômeno – os inúmeros cartazes de publicidade das agências de turismo - não houve dificuldade na execução da pesquisa de campo. Com o envolvimento em Governador Valadares, associado ao destaque de Gonzaga nos meios de comunicação, a proximidade geográfica (ver figura 2) entre as cidades e o incentivo do professor Igor Machado, acabaram por incentivar e despertar minha curiosidade, levando-me a elaborar o projeto sobre o caso de Jean Charles de Menezes, em Gonzaga.

O primeiro contato com Gonzaga ocorreu nos dias 15 a 22 de janeiro de 2008, visei estabelecer qualquer vínculo a fim de coletar um mínimo de informações sobre a cidade. Porém influenciada pela experiência em Governador Valadares, onde não houve problemas em utilizar a observação participante como metodologia, que permitiu a compreensão dos significados que contextualizam a migração na vida dos valadarenses, com execução de entrevistas, as quais auxiliaram “traduzir” o comportamento da emigração em palavras (GIUMBELLI2002, p.16), tentei aplicar as mesmas considerações metodológicas no novo campo. Porém, nesta semana de conhecimento sobre Gonzaga já me apresentei na condição de pesquisadora, desconsiderando a premissa que o “fazer etnográfico” implica no como se dá as relações entre antropólogo e nativos, neste sentido não estruturei o olhar reflexivo das diversidades culturais que aproximam o pesquisador do informante e isto trouxe alguns conflitos para o começo da pesquisa (CASTRO, 2001).

No dia 15 de janeiro de 2008 ao percorrer o trajeto que liga Governador Valadares a Gonzaga um fato me chamou a atenção, o de não haver placas de

foi supervisionado pelo Prof^o. Dr. Igor J. R. Machado, pelo Departamento de Ciências Sociais, da UFSCar e contou com apoio e financiamento da FAPESP.

⁹ O resultado da pesquisa destacou as diferentes expectativas dos (as) valadarenses durante o processo de concretização do trajeto migratório. Antes de emigrarem, os (as) valadarenses esperavam encontrar semelhanças culturais entre Portugal e Brasil, devido à proximidade da língua, como também, especulavam que os laços históricos poderiam amenizar a convivência entre brasileiros e portugueses, além de contarem com a ajuda das redes sociais valadarenses já estabelecidas nas terras lusas. Porém, as expectativas rompiam-se ao chegar ao destino, pois em Portugal a maioria encontrou dificuldades na procura de emprego, ausência de auxílio entre brasileiros, xenofobia por parte dos portugueses, consequentemente, gerando estranhamento e dificuldade de adaptação aos costumes do país luso.

identificação dos municípios na estrada, tão pouco rodoviárias, dificultando para qualquer pessoa saber por onde se percorre. Isto sugere que somente moradores ou frequentadores assíduos da região transitem pela localidade. Todavia Gonzaga é exceção, pois na chegada a cidade há uma placa de boas vindas e ao lado outra que homenageia Jean Charles. Assim que eu avistei a placa deduzi que não haveria problema para a população expor ou comentar a respeito de Jean com pessoas de fora da cidade. Porém, tal fato esteve entre as minhas primeiras observações errôneas, as quais resultaram em conflitos iniciais ao longo da inserção etnográfica. A seguir descrevi algumas situações que contextualizam os obstáculos da pesquisa, mas que estimularam a mudança do foco de análise deste projeto e ao mesmo tempo revelaram algumas peculiaridades da população gonzaguense.

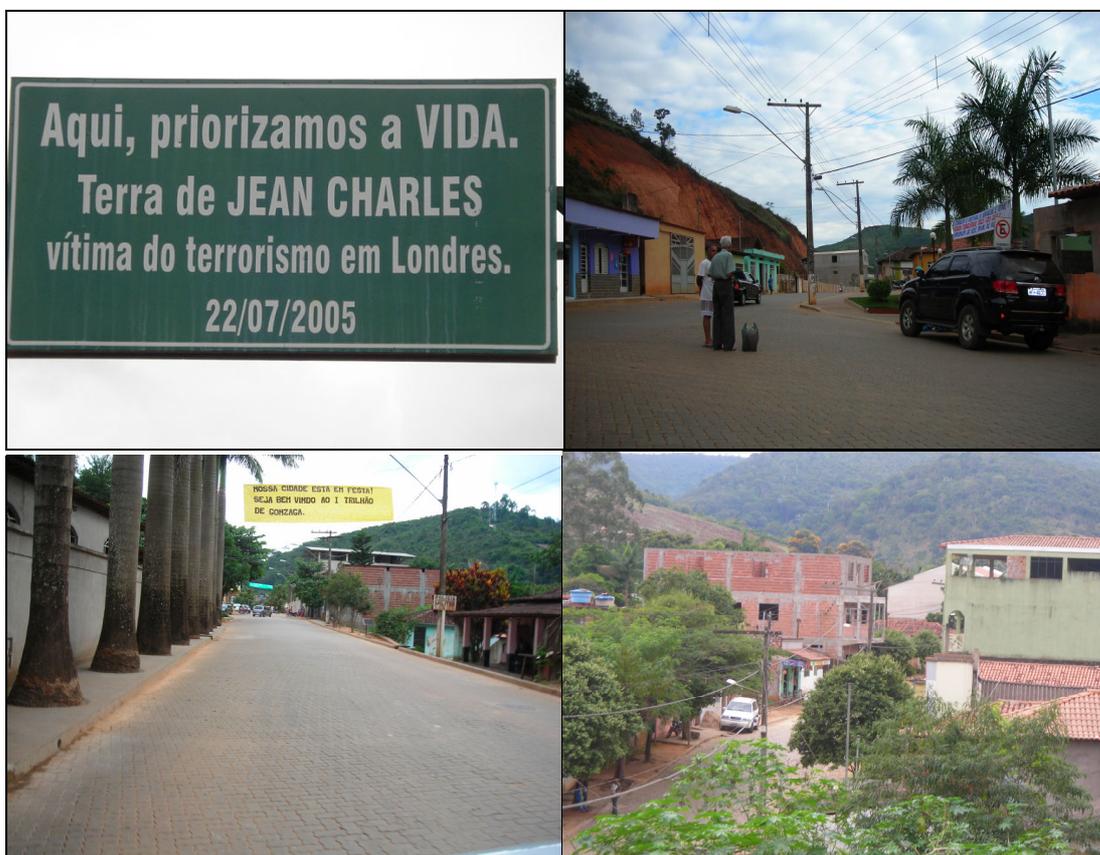


Figura 3: Em sentido horário: Placa exposta na entrada do município que homenageia Jean Charles; Início da Avenida Presidente Kennedy – umas das principais ruas, onde se localiza a prefeitura, correio, hotel, posto de saúde, além do acesso à BR-259 (estrada que liga Gonzaga à Belo Horizonte); Parte central da Avenida Kennedy; Imagem do alto da Rua Antônio Perpétuo.
Fonte: Imagens próprias.

Ao chegar o ônibus deixa os passageiros na praça central do município, localizada na Avenida Kennedy (Fig.3), nesta avenida há os principais prédios de

serviços públicos e o único hotel da região. Durante a negociação para a hospedagem, o dono do hotel, mesmo sem intimidade, não escondeu sua curiosidade e de imediato perguntou o quê uma jovem fazia numa cidade onde não tem nenhum conhecido (a) ou parente. A minha resposta foi me apresentando como uma estudante interessada em pesquisar a região. Depois da minha fala, o homem não prolongou a conversa e logo me levou ao aposento, observei que o meu comentário já demonstrou um incomodo. Nas primeiras horas, ainda sem saber como proceder no campo, optei por uma caminhada a fim de melhor conhecer a cidade e, entrei em uma farmácia para comprar alguns cosméticos de uso pessoal, então veio o segundo impacto com o campo.

Na farmácia depois fazer o pedido para a balconista, imediatamente, ela lançou um olhar desconfiado e perguntou se eu era paulista. Não escondi minha surpresa com a observação e sem tempo de resposta, ela atenta a minha reação fez outro comentário: *“Ora, reconheci o seu sotaque!”*. Porém, o constrangimento continuou quando a moça fez a terceira pergunta: *“E você veio de São Paulo para também saber algo sobre o Jean Charles? Porque quem é da sua terra só tem interesse nisso, mesmo assim seja bem vinda. O povo daqui é receptivo!”*¹⁰. Com a entonação ríspida, ela me devolveu o troco da compra virou-se e não deu mais atenção. Perplexa, eu saí da farmácia em silêncio.

Insegura com a receptividade negativa eu retornei ao hotel e lá conheci a funcionária responsável pela recepção, limpeza e café da manhã, ela demonstrando maior liberdade de aproximação permitiu que eu comentasse a respeito do que acontecera na farmácia. Ela ficou sensibilizada com a minha falta de jeito e nenhum conhecimento sobre a cidade, aconselhou-me a não perguntar nada sobre Jean Charles, informando que o caso não é quisto, pois o assunto está desgastado entre os moradores. Então, ela me aconselhou a participar do Jubileu de São Sebastião (festa católica do santo padroeiro), propondo que eu procurasse o padre, pois ele poderia vir a ser um canal de comunicação com a população. Após o primeiro dia conturbado, acatei ao conselho e participei da festa religiosa. Entretanto, a sensação de exclusão aumentou ainda mais, pois durante a missa notei que os católicos lançaram alguns olhares curiosos

¹⁰ As palavras escritas em itálico referem-se ao vocabulário usado pela população gonzaguense. E todos os nomes citados ao longo deste trabalho foram alterados a fim de preservar e respeitar os (as) informantes da pesquisa.

e outros hostis sobre a minha presença. Ao fim da cerimônia religiosa tentei me apresentar ao padre, mas devido à organização da festividade ele não pode me atender.

Porém, naquele ano, havia um seminarista que aceitou conversar comigo. Ele perguntou o que eu fazia na cidade e quem eram os meus familiares, depois de explicar os interesses eram acadêmicos, desabafei o quanto estava espantada com a exclusão por partes os moradores perante a minha pessoa, não compreendia o motivo de tamanha repulsa. O seminarista explicou que circulavam boatos entre os moradores de que eu era outra jornalista interessada em informações sobre o caso de Jean Charles, o que contextualizaria a minha dificuldade de interação. Segundo o seminarista, para os gonzaguenses não é conveniente expor informações íntimas das famílias para desconhecidos. A dinâmica da cidade determina que as relações de amizade sejam mediadas por afinidade e proximidade entre as famílias locais. De modo que, sem algum conhecido ou familiar, dificilmente, eu conseguiria entrevistar ou conversar informalmente com qualquer pessoa.

Em outras etnografias também realizadas em cidades mineiras algumas apresentaram semelhantes contratempos na interação entre o antropólogo e campo, não no sentido de repulsa à figura de pesquisador, mas na classificação de pessoas “do lugar” e os “forasteiros”. Esta contraposição com os “forasteiros” demarca os grupos sociais e suas relações atribuindo os valores locais, ou seja, a categoria nativa “do outro” desempenha os valores que constituem a identidade da comunidade (CHAVES, 2003, p. 19). Como exemplo, no trabalho de John Comerford (2003) realizado em Muriaí, Zona da Mata de Minas Gerais (Fig. 1), o pesquisador enfrentou o não reconhecimento da figura de pesquisador sendo classificado como “o outro”, pois as pessoas sempre perguntavam qual era o parentesco dele na cidade. Comerford interpretou esta relação de parentalidade como um símbolo de conduta que marca a entrada dos indivíduos em Muriaí. Os acontecimentos cotidianos dos indivíduos são eventos sempre no plano das famílias e de suas relações, a respeito e compartilhamento das qualidades e fraquezas de cada família e as posições de solidariedade (COMERFORD, 2003, p. 33). Da mesma maneira, enfrentei a mesma curiosidade por parte dos (as) gonzaguenses, a falta de parentes me rotulou como a nova “forasteira”, e erroneamente a “outra jornalista”.

A categoria do ser “a outra” esteve atribuído a falta de parentesco com famílias da região, tanto que em diversas ocasiões pessoas perguntaram se eu tinha parentesco

com duas famílias locais, pois me atribuíam semelhanças físicas com mulheres destas famílias. Eu interpreto este questionamento como modo das pessoas perguntarem indiretamente o que eu fazia na cidade. A compreensão dos valores “ser do lugar” ou ter vínculos familiares evidencia o conjunto de representações sociais nativas. De modo que, o fato de eu não ter parentesco na cidade influenciou que eu compartilhasse e concretizasse ações que resultassem na eficácia simbólica da noção de família local. Apesar do pouco tempo de permanência na cidade as dificuldades emergidas da interação com população lançou considerações relevantes a respeito da relação família, trabalho e religião enquanto parte da subjetividade dos (as) gonzaguenses.

Assim, nesta ausência de laços consangüíneos, aceitei o auxílio do seminarista, que me colocou para trabalhar voluntariamente na quermesse da Igreja, possibilitando meus primeiros passos de inclusão. No restante dos dias eu trabalhei na quermesse, nada perguntei sobre migração ou qualquer outra informação sobre Jean Charles, apenas interagi com pessoas que se dispunham a me conhecer. Neste processo algumas crianças que participavam da festa católica iniciaram um diálogo comigo, o que logo despertou a atenção das mães. Entre as mães, uma me convidou para almoçar em sua casa porque afirmou ter se sensibilizado com o meu isolamento na barraca de alimentos da quermesse, pois imaginou suas filhas numa situação semelhante – a de estar numa cidade desconhecida, sem receber ajuda de ninguém. Durante dois dias frequentei este lar, ampliando a oportunidade de conhecer outras pessoas, na circunstância a mulher me apresentou os seus parentes e algumas amigas da família, melhorando um pouco a inserção no campo. Embora ela confessasse ter especulado informações a meu respeito¹¹, ofereceu hospedagem em sua casa para uma próxima visita. Mas com restrições na hospitalidade, como eu jamais poderia levar qualquer homem à sua casa. Ela explicou que este cuidado de evitar a presença masculina na sua casa era uma

¹¹ Na viagem de São Paulo para Gonzaga quase todo o dinheiro que levava em mãos foram utilizados para pagar o valor das passagens, considerei que na cidade haveria algum caixa eletrônico do Banco do Brasil, onde sou correntista. Porém, há apenas uma agência bancária do grupo Bradesco. Sem dinheiro, contei com a ajuda da igreja, no qual o trabalho na quermesse garantia meu almoço e jantar, além do auxílio do dono do Hotel, pois foi necessário que meus familiares depositassem o valor da hospedagem e das passagens para o retorno a São Paulo na conta pessoal dele, de modo que ele repassou o dinheiro a mim. Assim, deste laço de confiança com o dono do Hotel e com a Igreja informações ao meu respeito “espalharam” entre as pessoas da cidade. O que também facilitou o desligamento da minha imagem enquanto jornalista.

medida de segurança¹² para as três filhas, já que o seu marido ainda encontrava-se trabalhando no exterior e isto poderia resultar em problemas com os familiares dele.

Sem condições financeiras de permanecer mais dias no local, precisei retornar para São Carlos, apesar do pouco tempo desta visita em 2008, foi possível entender que a questão migratória local nada se alterou não após o assassinato de Jean Charles. E se algo interferiu na cidade, com certeza, foi a relação da população com os “forasteiros”, pois muitos desconhecidos passaram a frequentar a região especulando onde a família do jovem falecido residia, oferecendo serviços de advocacia ou se fazendo de parentes da família. Gonzaga apresenta poucos habitantes e os moradores sabem identificar aqueles que são nascidos lá e até mesmo parte das pessoas de cidades vizinhas, pois há uma movimentação muito grande entre as cidades próximas, que vão de atividades comerciais, à interação entre festas religiosas.

Retornei à Gonzaga no dia 13 de Janeiro de 2009, neste tempo de ausência física, mantive contato por telefone e internet com a mulher que ofereceu hospedagem, ela tornou-se a principal informante da pesquisa. Em proporção menor também mantive contato com o seminarista, entretanto ele não estava mais auxiliando na paróquia da cidade, porém o seminarista facilitou a aproximação com o padre, o qual foi de extrema importância para o desenvolvimento do campo. Ademais, o regresso à cidade ainda me proporcionava insegurança, pois como abordar a questão da migração e depois de tanta jornalística sobre o evento Jean Charles? Apesar do pouco conhecimento sobre o município, já era possível entender a importância da referência familiar nas relações sociais gonzaguenses, assim, a estratégia adotada para o retorno ao campo consistiu em levar a minha mãe como minha acompanhante por alguns dias. A intenção foi apresentar a minha mãe àqueles que ofereceram assistência como uma maneira de demonstrar que a ausência de parentalidade na cidade, não excluía a minha tentativa de firmar laços de afinidade com os (as) moradores.

A figura da minha mãe em campo transformou o meu processo de inserção de campo, no sentido de direcionar o meu círculo de informantes. É relevante citar certos valores morais presentes minha família; como exemplo a religiosidade católica da minha mãe contribui para concretizar a minha ligação com informantes católicas, deste

¹² A noção de segurança a qual me refiro significa preservação da reputação da família, isto será abordado no terceiro capítulo.

círculo social religioso algumas mulheres eram funcionárias públicas da área da educação, o que facilitou o diálogo com crianças e algumas mães. Através destes dois canais a escola e a igreja foram possíveis tecer a rede de contatos para a pesquisa.

Assim, optei desenvolver esta dissertação expondo a etapas de integralização com estas informantes do campo. Os valores exposto da minha relação e minha mãe aproximou um gama de informações particulares do contexto migratório em Gonzaga. O participar de determinados espaços e eventos na cidade classifiquei enquanto etapas da inserção de campo, no sentido de um processo de socialização. Ou seja, relato as aproximações e afastamento dos valores sociais da população de Gonzaga com a minha pessoa na posição de etnógrafa. Como exemplo, após as participações de festas públicas, algumas mulheres disseram jocosamente a mim “*Quem bebe das águas de Gonzaga, não vai embora nunca mais*”, insinuando que por eu estar morado num lar de família, levar um dos meus parentes à cidade e ainda me envolver eventos da cidade, isto me incluiu nos circuitos sociais da cidade não como jornalista, mas como uma nova amiga ou apenas uma visitante.

Das interações que ocasionaram a mudança no foco da pesquisa é importante explicar que os dados são informações do contato majoritário com mulheres, entre 25 a 50 anos de idade, na maioria das vezes, casadas e com filhos (as). Esta aproximação com as mulheres mostrou a importância do núcleo familiar a partir da perspectiva de mulheres católicas e cristãs. Do mesmo modo, foi essencial eu participar das atividades coletivas e particulares com a população como: tarefas em igrejas, trabalho voluntário na escola estadual, auxílio na organização de festas de aniversários infantis. E apesar de não concederem entrevistas formais, as mulheres me contaram diversas histórias de moradores (as) com o intuito de auxiliarem a pesquisa. Este olhar de gênero na construção da etnografia valeu de ferramenta para interpretação do discurso social, este que se sucedeu a partir das interações articuladas entre a minha pessoa e as informantes (Clifford, 2008). Segundo algumas informantes, elas consideravam a minha presença e a pesquisa como um meio de entretenimento, pois lembrar as próprias trajetórias pessoais e os casos de conhecidos e vizinhos proporcionava uma divertida alteração da rotina doméstica.

A troca de experiências com a população distanciou-me da dimensão do fenômeno Jean Charles e do debate hegemônico de questões político-econômicas da imigração. Não convém explicar a questão migratória de Gonzaga a partir da

repercussão da morte de Jean Charles ou sobre a importância política que o evento ganhou perante a sociedade internacional. A representatividade gonzaguense difundida na mídia tem por base somente fundamentos político-econômicos e, não condiz com os dados da pesquisa. A etnografia demonstra que o caso de Jean Charles está aquém das explicações e informações midiáticas, maneira pela qual foi necessário articular a minha inserção tanto no espaço público, quanto no espaço da casa (DAMATTA, 1997a). A circulação por algumas esferas de sociabilidades da cidade levantou à análise questões das esferas morais e ação social gonzaguense que contextualizam o fenômeno migratório na cidade.

1.1. Contexto Histórico:

Ao longo da estadia na cidade mineira não tive acesso a nenhum documento e relação com a prefeitura da cidade. A única informação oficial disponível para o trabalho são os dados disponíveis no IBGE¹³. Ao tecer algumas amizades com famílias de Gonzaga, elas forneceram parte da história política local. O relato aqui descrito trata da uma família atuante na política e oposição à atual gestão.

A descrição histórica da cidade não ocorreu nos primeiros momentos da etnografia, mas sim nas últimas semanas do campo. Em consequência da minha atuação na escola como assistente acabei tecendo amizade com uma das professoras cujo pai foi um dos primeiros líderes políticos da cidade. A professora fez questão de me apresentar para o pai incentivando-o dar um relato pessoal sobre a história da cidade. A história política narrada por Efigênio da Cunha Menezes envolve sua trajetória política, atualmente ele em Divinolândia na companhia de uma das filhas, que também é professora nesta cidade, e não atua mais politicamente. Ainda sim, é lembrando pela população gonzaguense como importante referência histórica de Gonzaga.

Efigênio conta que o povoamento da atual Gonzaga começou por volta de 1900 e neste período o território pertencia ao município de Guanhões. A região possuía três fazendas com poucos moradores, as cidades vizinhas apelidaram o local como

¹³ Documentação histórica de Gonzaga fornecido pelo IBGE está em anexo.

“*Gonzaga das três porteiras*”, o limite da comunidade era demarcado por três porteiras de diferentes fazendas. Os poucos habitantes daquela época moravam em casas de pau a pique, não havia calçamento nas ruas, as pessoas dependiam de tropeiros para realizar a venda e escambo de produtos de uso doméstico (sal, querosene, entre outros), também faltava rede de esgoto e energia elétrica. Somente uma casa possuía gerador, que fornecia pouca luz e clareava minimamente os arredores da rua.

Os moradores enfrentavam inúmeras necessidades, umas delas era o acesso à educação, pois a escola oferecia somente três turmas nos períodos da manhã e da tarde, a estrutura precária não permitia a separação de turmas por série, de modo que, as professoras se preocupavam em alfabetizar e ensinar a matemática básica, garantindo a leitura e o conhecimento nas operações matemáticas de soma, subtração, divisão e multiplicação. Por volta de 1960 os políticos, já na comarca de Virginópolis, conseguiram trazer o ensino de 5ª a 8ª série. Mesmo com a ampliação da escola ainda permanecia o problema em contratar e manter professores (as) para lecionar, naquela época havia um déficit de professores, o ensino continuou precário e os jovens que desejavam cursar o segundo grau só conseguiriam caso tivessem meios (financeiros) para estudar na cidade vizinha de Divinolândia de Minas.

Em 1947, começa o processo de emancipação de Gonzaga do município de Guanhães. Gonzaga torna-se distrito de Virginópolis, cidade mais próxima. A mudança decorreu depois das articulações políticas de Efigênio para emancipar o bairro Xodó (Gonzaga)¹⁴, para este feito ele precisou realizar a documentação civil de todos os moradores do bairro, o senhor sente-se orgulhoso em dizer que pagou todos os registros dos moradores de Xodó com o seu próprio dinheiro, embora ele já estivesse intencionando emancipar Gonzaga como município com o intuito de manter-se na carreira política.

Em 1948, Efigênio mudou-se com toda a família para o bairro do Xodó para ele candidatar-se a vereador. Naquele período cargos políticos eram em caráter voluntário. Efigênio contou que a dificuldade de comunicação com o governo de Minas Gerais atrapalhou o desenrolar de muitas aprovações de projetos benéficos para o ainda distrito de Gonzaga e Virginópolis. Todas as viagens para o debate de projetos eram custeadas

¹⁴ A divisão territorial do município consiste em: Gonzaga (sede) e Conceição da Brajaúba (conhecido também como Xodó)

pelas economias particulares dos próprios políticos, não havia salário para vereadores. A história da cidade é traçada por dificuldades financeiras, mas com a iniciativa política a emancipação municipal de Gonzaga se iniciou em 1958 e foi concretizada em 1963. Gonzaga, elevado a município passou a ter melhores investimentos e verbas dos governos estadual e federal.

E somente depois da década de 1980 que ocorreram obras de infra-estrutura, como calçamento das ruas, instalação de rede e captação de esgoto e energia elétrica. Boa parte da população dependia da prefeitura para ter acesso a médicos, outros necessitavam de doação de roupas, cobertores no inverno, cestas básicas entre outras necessidades de sobrevivência. As dificuldades da região foram tão marcantes na vida da população que, além de Efigênio Cunha, outras pessoas relataram episódios marcantes sobre a cidade, principalmente o momento da instalação de postes de eletricidade. Os primeiros postes de luz foram implantados pela Companhia Energética de Minas Gerais - CEMIG - em 1979, a população festejou o evento porque todos teriam acesso a eletrodomésticos, facilitando o cotidiano das famílias, algo que até então poucas casas possuíam.

No decorrer da década de 80 e 90, a população gonzaguense começou sua evasão para o exterior. Apesar das melhorias na cidade ainda havia um déficit de emprego na região e as poucas vagas oferecidas eram serviços públicos do Estado ou da prefeitura. O porquê e os motivos que iniciaram a emigração dos gonzaguenses não é pauta de discussão entre eles.

A discussão um sobre a migração na região por vezes surge como uma opção para enfrentar os problemas econômicos e sociais da região como: poucas oportunidades de emprego e baixa possibilidade de crescimento econômico. Como exemplo, o censo de 2001 sobre Gonzaga demonstra que entre os 5.620 habitantes, a maioria, dos habitantes (33,4%) recebe um rendimento mensal de até um salário mínimo, 6,5% recebem até dois salários mínimos; enquanto 2.534 habitantes são residentes que declararam não possuírem rendimento. Através destes dados o censo de 2001, calculou que a média do rendimento nominal mensal dos cidadãos de Gonzaga está em torno de 238, 76 reais¹⁵.

14. Dados obtidos no IBGE (www.ibge.com.br).

Em rodas conversas os gonzaguenses deixaram claro que através da emigração a cidade melhorou algumas estruturas visíveis, como o comércio e as casas, pois muitos conseguiram reconstruir casas e estruturar a vida familiar por meio do envio de remessas de parentes que trabalham no exterior. Compartilha-se uma visão de que a melhoria de renda para as pessoas de Gonzaga é por meio de trabalho e oportunidades fora da cidade.

Durante o tempo de vivência no município observei alguns problemas de infraestrutura, como há um posto de saúde na cidade que não comporta a demanda e necessidade da população, quando há um caso hospitalar mais grave é necessário encaminhar o paciente para outras cidades, como Governador Valadares, Guanhães ou Virnópolis e até mesmo Belo Horizonte. Há uma escola pública estadual para o ensino fundamental e médio, e uma escola municipal para atender o ensino básico. Outro questionamento dos moradores é a falta de opções de lazer e cultura.

A emigração passou, aparentemente, a ser um modo de ascensão de qualidade de vida, afinal com o envio de remessas as famílias obtêm maiores condições financeiras para comprar eletrodomésticos e computadores ligados à internet. As pessoas afirmam que a emigração é um fato de extrema relevância na vida e manutenção da cidade. Segundo os relatos, se não fosse a emigração a cidade estaria fadada ao esquecimento, pois não há perspectiva de melhoras via ações governamentais.

Capítulo 2. Explorando o espaço público:

Em 12 de Janeiro de 2009, retornei à Gonzaga e nada mudara estruturalmente, ainda era ausente a presença de uma rodoviária, com os ônibus mantendo a parada na Praça Coronel Quincote, localizada em frente a prefeitura municipal. Antes de hospedar-me na casa da minha principal informante, durante três dias permaneci no mesmo hotel do ano anterior e logo observei que a única alteração fora a presença da nova funcionária, que é sobrinha do dono do hotel. O dono do estabelecimento demonstrou surpresa ao me reencontrar, principalmente, porque minha mãe me acompanhava. Com um pouco mais de conhecimento do local foi possível circular pelas ruas sem as inseguranças das hostilidades ocorridas na visita anterior. O retorno aconteceu de maneira mais branda e algumas pessoas ao me reconhecerem, nos deram boas vindas.



Figura 4: Praça Quincote
Fonte: Nataniel Oliveira¹⁶.

Não é novidade para a antropologia que o método da etnografia apresenta dificuldades nos primeiros momentos de execução do campo. E cabe ao pesquisador localizar quais são as experiências significativas que explicam as fronteiras simbólicas que evidenciam a heterogeneidade cultural, identidade, origem regional, crença religiosa ou ideologia política da sociedade pesquisada (CHAVES, 2003). Dessa maneira, para Christine Chaves (2003) para valer a proposição nativa é preciso o antropólogo reeducar-se para compreender o sentido nativo e este capítulo tratará das ações que eu executei justamente para poder penetrar nos círculos sociais da cidade e compreender

¹⁶ Imagem disponível no site: <http://www.panoramio.com>

minimamente o discurso gonzaguense. Em outras pesquisas sobre cidades mineiras¹⁷ também apresentaram obstáculos durante o desenvolvimento do trabalho de campo semelhantes aos quais me ocorreram em Gonzaga, dentre elas a alteridade que se faz entre os (as) habitantes dos municípios versus aquele que chega, classificado como “forasteiros (as)”. A categorização de “*forasteiros*” demarca, acirradamente, como a pessoa de “fora” circulará pelos espaços sociais e terá acesso à comunicação a determinados grupos.

Neste capítulo abordarei situações as quais me proporcionaram a alteração do status de “forasteira” para a pesquisadora de Gonzaga. Como mencionei no primeiro capítulo, inicialmente a população me rotulou como “*jornalista paulista*”, aquela “outra” sem vínculo com qualquer pessoa da cidade. Para romper tal imagem, precisei articular relações tanto nos ambientes coletivos como nos ambiente domésticos, pois ambos revelam eficientes espaços de controle coletivo das ações sociais. Como Comerford (2003, p.130) explica, esse controle inclui mecanismos básicos como a vigilância atenta e minuciosa sobre as ações uns dos outros, especialmente no deslocamento físico das pessoas e nas associações (com quem anda, quem encontra, quem frequenta a casa), e indiretamente este “vigiar” apontou para a explicação de parte do fenômeno migratório em Gonzaga e a imagem de Jean Charles.

No mês de Janeiro de 2009, fato que marcou parte da compreensão das fronteiras simbólicas da aceitação dos (as) gonzaguenses foi a presença da minha mãe, que demonstrou à população que mesmo distante do meio familiar, ainda sim, eu não me ausentei das relações com os meus familiares estando disposta a compartilhar “parte” da intimidade com as pessoas, as quais permitiam uma aproximação, neste caso com as mulheres católicas cristãs. O papel de filha permitiu um diálogo com o campo, pois demonstrou que a minha presença já não configurava mais um conflito para o local. Embora, a minha mãe tenha permanecido apenas três dias na cidade, houve tempo dela participar de algumas visitas a casas de família, missas e jantares na casa paroquial permitindo que as mulheres católicas me observassem; aspecto essencial para o processo de integração com algumas famílias.

A observação das gonzaguenses, segundo minhas informantes, recaiu na comparação entre as “semelhanças” da minha relação familiar com os padrões de

¹⁷ Abreu Filho (1982), Piscitelli (1990), Comerford (2003), Chaves (2003), Carneiro (2010).

família local, como uma maneira para avaliar se eu não traria maiores problemas em circular e frequentar os espaços domésticos. Muitas mulheres preocupam-se com quais pessoas circulam em suas casas com o intuito de evitar eventuais comentários e maldizeres, pois há uma vigilância entre vizinhos, parentes e até dos próprios maridos sobre o movimento da residência. Como exemplo, a irmã da minha principal informante, disse-me que teve receio de recepcionar a minha mãe porque pensou que ela fosse uma mulher de “*frescuras*”¹⁸ e isto a irritaria, pessoas esnobes não são bem vindas na sua casa, porém este imaginário só se rompeu quando na ocasião da visita, a minha mãe ao ver um pé de manga, pediu a fruta e a comeu descascando com a boca. Nesta simples ação de saborear a manga com as mãos, a anfitriã afirmou que a minha mãe era “*gente como a gente*”, ou seja, o hábito de comer frutas sem o uso de talheres nos aproximou daquelas mulheres e me distanciou da imagem pejorativa dos (as) jornalistas paulistas / forasteira. A figura da minha mãe representou a importância da noção de família gonzaguense como um dos códigos de conduta regulador de relações sociais (MARQUES, 1999, p.136).

Entretanto, saliento que antes de compreender a importância da presença dela no campo houve situações conjuntas que demarcaram o progresso de minha integração com parte da população. Gonzaga, com pouco mais de 5.600 habitantes, me expôs a árduas atividades que dessem algum sentido a minha presença na cidade – já que eu não tenho parentesco com ninguém. Em 2008 eu trabalhei como voluntária na quermesse da Igreja católica; já em 2009 aceitei morar numa casa de família, continuei fazendo serviços para Igreja e depois trabalhei na escola estadual. Por meio destas ações, a insistência de permanecer na cidade, diferente da imagem de “*jornalista paulista*”, eu consegui transformar esta imagem para amiga ou parente. Assim, associado à hospitalidade da minha anfitriã e às participações em diversos espaços, levaram-me ao status de amiga, algo fundamental naquele lugar. Deste modo, eu pude circular em um maior número de residências, festas infantis, noivados e até funerais. Antes de Gonzaga eu pouco frequentava cerimônias religiosas, tão pouco me envolvia com crianças. Além disso, a prestação destes serviços voluntários se traduziu para a população como um indicativo do meu envolvimento e identificação mínima com a comunidade.

¹⁸ Neste contexto o termo “*frescuras*” significa uma pessoa esnobe.

A partir desta participação em locais públicos e privados de Gonzaga analiso tais fatos com base na obra de DaMatta (1997b). De acordo com o autor, na sociedade brasileira “casa” e “rua” são categorias sociológicas que estão para além de espaços geográficos, são espaços simbólicos, esferas dotadas de moralidade, domínios culturais e ação social (1997b, p.08). As categorias casa e rua transpareceram constantemente ao longo do meu processo etnográfico, pois o observar e conviver na dinâmica de um lar, principalmente aquelas envolvidas com as circunstâncias da migração¹⁹, obrigou-me a adequar à operacionalidade das regras locais.

Nos ambientes fora da casa outras regras são observadas, como exemplo nos espaços como Igrejas, escola e festas observa-se situações mediadas por relações de trabalho, de gênero, sexuais e da importância local sobre imigração. Mas apesar das diferenças de comportamentos em ambos os espaços há uma complementação entre eles, pois aquilo que ocorre no ambiente público reflete nas situações, relações afetivas e até discórdias no meio doméstico. As atividades nos locais públicos constam com a participação de vizinhos, parentes, amigos e conhecidos que juntos formam o cerne “público”, mas as ações de cada um influenciam as relações na casa e no coletivo.

A participação no ambiente público centra na observação das pessoas nos fatos e narrativas do momento, formando uma densa rede de julgamentos, interpretação e avaliação das qualidades morais dos indivíduos, neste sentido as pessoas com seus julgamentos e focos influenciam a atitude dos outros determinando em consequências tanto nas casas (entre a família) como nas relações com o público (vizinhos e amigos) (COMERFORD, 2003). Na etnografia de Jonh Comerford (2003, p. 40) no interior da Zona da Mata Mineira, ele também identificou que as relações entre os atos, narrativas e observações das ações dos moradores colocam em prova a familiaridade e os valores das pessoas no comportar-se como família, portanto, vemos que em cidades interioranas de Minas Gerais essa relação entre as atitudes e comportamentos do “ser de família” é uma das chaves para a interpretação do discurso nativo, sendo mais relevante que a ordem jurídica ou econômica presente na dinâmica social de um grupo.

¹⁹ A família enfrentava conflitos em aceitar o retorno do pai, após oito anos de distância em consequência da imigração.

Nos estudos urbanos nos diversos grupos da sociedade brasileira segundo Claudia Fonseca (2000, p. 08), muitos²⁰ trabalhos mostraram a importância do lugar da casa na organização social, apresentando significativa relação com o domínio público, pois o ambiente doméstico implica também no envolvimento das relações de redes entre vizinhança e parentesco distantes²¹. Segundo Geertz, citado por Cláudia no livro *Família, Fofoca e Honra*, Fonseca, ressaltou que a observação das práticas sociais contemporâneas apóia-se mais na “*lógica informal da vida inscrita no fluxo de comportamentos*” do que na linguagem normativa dos ritos (2000, p.07). Assim, ela prioriza a análise sobre família nas circunstâncias do pensar o sistema de valores em termos do espaço social ocupado nos diferentes grupos sociais brasileiros. A seguir segue uma descrição dos dados de campo que ressalta a dimensão do valor de família e a relação com o espaço público em Gonzaga.

Em certa ocasião, eu esperava uma carona para Governador Valadares²² e neste pouco tempo houve oportunidade de escutar a conversa de um motorista com os seus amigos e eles discutiam a atitude do primo de Jean Charles. O motorista comentou que depois que o rapaz concedeu entrevistas à imprensa, aparecendo inúmeras vezes na televisão para esclarecer o assassinato do primo, ele passou a tratar com indiferença os antigos conhecidos gonzaguenses, não cumprimentando nenhum outro morador. Os senhores atribuíram esta atitude do rapaz um aspecto negativo, que é o fato dele não trabalhar mais e sobreviver à custa das indenizações do governo britânico. O assunto se prolongou com um dos senhores comparando a trajetória do filho com a do primo de Jean Charles, enfatizando as diferenças entre os jovens com um discurso que enaltece a relação família e trabalho. O primeiro rapaz trabalha nos Estados Unidos há alguns anos e por aprender a língua inglesa ampliou suas oportunidades de emprego – segundo o pai, o filho sempre foi responsável e atento com o futuro²³, por isto soube aproveitar a oportunidade no exterior, aumentando sua renda financeira, de forma que presenteou o

²⁰ Zaluar (1985), Duarte (1986), Magnani (1984), Macedo (1979 e 1986), Scott (1990) e Sarti (1996).

²¹ O termo parentesco distantes se refere as definições sobre família de Abreu Filho (1980), em que o núcleo da casa nas famílias mineiras corresponde ao casal matrimonial mais filhos.

²² A falta de transporte público e de uma rodoviária faz com que aqueles que precisam se deslocar para outro município dependam de caronas de outros moradores que fretam seus carros, como um táxi informal.

²³ A noção de futuro dos gonzaguenses representa o status de sucesso do indivíduo, que consiste em obter a casa própria e se possível possuir o próprio negócio, sendo este um comércio, um transporte ou casas de aluguel em Gonzaga.

pai com um automóvel. O pai aproveitou o carro para fazer dele um transporte coletivo entre o trajeto da zona rural para o centro urbano, pois há uma carência de transporte público no município. Um terceiro homem que participava da prosa elogiou a atitude do jovem imigrante dizendo que isto representava a atitude de um “*bom rapaz*”, afirmando que é essencial um filho ajudar a família. O mesmo ainda afirmou ter o direito de julgar a atitude dos rapazes porque ele mesmo já fora um imigrante, permitindo-lhe opinar sobre as ações da família de Jean Charles julgando-a como aproveitadora e gananciosa por ter se beneficiado do assassinato para acumular riqueza.

Então, surge a pergunta: por que tamanha cobrança sobre a atitude dos parentes de Jean Charles? O exemplo desta situação indica parcialmente a dinâmica social que prevalece sobre as ações do indivíduo gonzaguense. Para Gilberto Velho (2004, p.46) a partir do espaço social conferido ao indivíduo, este desenvolve papéis que permitem a elaboração de uma identidade sólida e respeitada, de maneira que, a importância da família e o universo de parentes são fundamentais no processo da construção social e de prestígio do indivíduo. Portanto, o julgamento sobre as atitudes do primo de Jean Charles ocorreu porque a relação da família foi considerada como interesseira, já que os parentes conseguiram construir a casa com o dinheiro proveniente de uma “*morte*” e não do trabalho, do auxílio entre parentes; a atitude classificada como ambiciosa foi desvalorizada pelos moradores. O *status* de respeito compartilhado entre a população de Gonzaga advém da ação dos indivíduos que se preocupam e beneficiam os familiares, o auxílio pode ser tanto de ordem financeira quanto apoio moral. O rapaz rompendo o vínculo com as redes de vizinhos e conhecidos da família, conseqüentemente, passou a ser visto como um indivíduo ausente de relações, o isolamento lhe trouxera atribuições negativas deixando-o marginal, alvo de críticas e piadas perante os outros homens de Gonzaga.

O pensamento damattiano (1997a, 1997b) contribui para explicar a minha inserção em campo, pois como eu não possuía parentes na cidade precisei compartilhar de situações que relacionassem a minha conduta com os valores morais da rede de informantes. A importância de trabalhar e partilhar ambientes comuns entre a população me trouxe aproximação com meu grupo de informantes e a escolha de me afastar da posição apenas de observadora no campo, permitiu entender a eficácia do conjunto de representações e valores gonzaguense. Como explica DaMatta, o indivíduo brasileiro define-se como um ser relacional, havendo uma noção de referência a um sistema social

cujas “*as relações de compadrio, de família, de amizade e de troca de interesses e favores se constituem um elemento fundamental*” (SOUZA, 2000, p. 48). Neste contexto, as noções de casa e rua correspondem aos papéis sociais, ideologias e valores de determinados grupos (DAMATTA, 1997b).

As categorias de casa e rua são pertinentes para a análise Gonzaga, pois durante a pesquisa os fatos que se destacaram as minhas observações foram os momentos da “entrada” no espaço de campo em contraste com as expectativas que eu considerava sobre o local. Como em outras etnografias em cidades interioranas de Minas Gerais a relação das categorias casa e rua foram evidentes a partir do momento que os pesquisadores se depararam com as categorias: os “forasteiros” e “do lugar”, determinando o aspecto dos pesquisadores não possuírem família nos municípios, para estabelecer comunicação com as populações foi preciso demonstrar comportamentos em espaços públicos para provar o respeito do “forasteiro” para as pessoas “do lugar”. Assim, sobressaindo a importância da noção de família como sistema simbólico construído nas relações sociais (ABREU FILHO, 1980).

Em Gonzaga, frequentando diversas residências de diferentes condições de classes²⁴ sociais, todos os discursos ressaltaram as atividades cotidianas e as relações dizendo a respeito das qualidades e fraquezas das famílias, determinando os papéis sociais. Ademais, nos ambientes religiosos e no domínio escolar, os frequentadores enfatizavam e ressaltavam os valores da família, trocavam notícias e comentários sobre a vida de conhecidos, vizinhos e amigos. A seguir descreverei alguns dos acontecimentos que marcaram a minha inserção gradual com a população local, ao mesmo tempo em que despontaram significativos códigos de valores.

2.2. A Religião:

Desde o primeiro dia na cidade eu fui convidada a participar de eventos religiosos tanto na igreja católica quanto na evangélica. A demonstração de religiosidade é um aspecto relevante na vida social dos gonzaguenses, claro que não são

²⁴ As hierarquias sociais em Gonzaga não são evidentes, porém nas falas das informantes explicitam uma separação social entre aqueles que moram no perímetro urbano e aqueles que moram nas roças (bairros afastados classificados como a zona rural do município). Devido aos locais que frequentei em campo pude apenas observar que há hierarquia social através ocupação geográfica das residências.

todas as pessoas que frequentam regularmente os cultos, entretanto não tive acesso a ninguém que se denominava agnóstico. Outra informação falha do trabalho do campo foi a dificuldade de encontrar centros religiosos que não cristãos, em consequência da minha relação com o principal grupo de informantes, deste envolvimento enquanto a “nova amiga”, de certo modo, isto me inibiu em aprofundar uma busca por informantes que não seguissem ao cristianismo. Considero isto uma falha, pois, provavelmente, este outro segmento poderia apresentar um contraste de informações, no sentido de ampliar diferentes percepções da população gonzaguense no entrelaçamento entre imigração, trabalho e família.

Na igreja católica eu estive presente por quase todo trabalho de campo, primeiro porque eu fui criada numa família praticante do catolicismo – embora, não frequentasse mais a religião antes morar em Gonzaga. A importância da igreja é que ela proporciona festas para toda a comunidade, embora nestes momentos de distração predomine a vigília e comentários entre as famílias, controlando, principalmente, a conduta dos (as) jovens sobre namoros, bebidas alcoólicas e drogas. Este vigiar condiz com prática das pessoas na identificação das relações sociais cotidianas e de parentesco. Ou seja, este vigiar se traduz nas conversas entre os (as) indivíduos propagando a reordenação das relações sociais, em outras palavras, este observar do cotidiano presente nas festas e nas ruas é o modo de reproduzir os valores compartilhados de um determinado grupo social.

Como já mencionei no primeiro capítulo, o contato com a Igreja católica começou em 2008 com a sugestão da funcionária do hotel, pois lá eu poderia tecer alguns contatos. Naquele ano apesar dos poucos contatos, a aproximação com membros da igreja católica proporcionou ótimas reflexões. Naquele período, o seminarista estendeu o meu olhar sobre os códigos locais, com a explicação de que os (as) gonzaguenses evitam aproximação com forasteiros, principalmente, depois da repercussão do assassinato de Jean Charles, pois muitas pessoas desconhecidas circularam pela região. O seminarista alertou que a migração é uma questão que envolve famílias em situações de delicadas devido à ausência de parente, da relação de ajuda entre familiares e amigos, aspectos que permeiam a coesão entre os grupos e as relações cotidianas. Deste modo eu não deveria tratar imigração e as diferentes histórias da população como apenas um dado de estudo, mas sim como a experiência de interação, de estabelecer afinidades com os habitantes, pois somente dessa maneira conseguiria informações.

O seminarista buscando exemplificar o que me explicava, chamou uma senhora, que cozinhava para a quermesse do Jubileu de São Sebastião, para uma breve conversa. Assim, ele perguntou o que ela achava da homilia da noite anterior. Ela, ignorando a minha presença e direcionando sua atenção ao seminarista, respondeu que as palavras do padre a emocionaram muito porque remeteu lembranças e saudades dos filhos que estão fora da cidade. A senhora demorou a falar sobre a situação dos filhos sendo preciso que o seminarista perguntasse onde eles trabalhavam. Com lágrimas nos olhos, a mulher explicou que três dos cinco filhos viviam em países do exterior e não havia um dia em que ela não se preocupasse com a segurança e bem estar deles, desabafando, afirmou que suas idas à Igreja eram para orar, pedir benção e proteção divina aos filhos. O seminarista perguntou propositalmente sobre os filhos da mulher para demonstrar-me que as (os) gonzaguenses compartilham sua intimidade somente com aqueles que possuem vínculo comunitário. É interessante retratar que durante o desabafo a mulher que ignorou a minha presença, tanto que se despediu somente do seminarista.

Desta maneira, ele sugeriu que antes de fazer entrevistas e buscar informações diretas sobre imigração, eu deveria tentar conhecer a rotina da cidade, lentamente, eu me envolveria com as pessoas sendo o suficiente para desenvolver a pesquisa. Em outras palavras, o seminarista, indiretamente, indicou que eu fizesse etnografia²⁵. O meu gradual envolvimento possibilitaria à população notar a minha posição de pesquisadora e permitindo a mesma se ver na posição de investigada, não obrigando todos a se envolverem comigo – diferentemente da relação que ocorreu com a presença da mídia na cidade, tema que será abordado no capítulo 4. A partir desta interação entre a minha pessoa e a população cristã, os dados seriam mais precisos e evitaria classificações errôneas, como a imposição das minhas classificações e julgamentos sobre as atividades sociais em Gonzaga (VELHO, 2004, p.18); como exemplo, considerar que a mesma metodologia que pratiquei em Governador Valadares e a influência das reportagens sobre imigração e Jean Charles levaram-me a crer que os (as) gonzaguenses exporiam suas relações com o fenômeno da imigração a qualquer pessoa.

Em 2009, já ciente da importância de compartilhar a noção de família, contei com o auxílio da minha mãe e a presença dela teve destaque na Igreja católica. Após a primeira participação na missa, ao fim da cerimônia, fui cumprimentar o padre e

²⁵ Agradeço ao comentário pertinente do Prof. Dr. Piero Leiner sobre o posicionamento do seminarista.

apresentar ela, surpreso o padre disse: “*Você voltou mesmo! E trouxe sua família (risos). É menina, você gostou daqui!*”. A figura materna permitiu uma aproximação com os valores das famílias cristãs, pois eu demonstrava ter uma “sólida” família. Ademais, com a participação dela na Igreja, nos jantares da casa paroquial, a curiosidade das mulheres que freqüentavam o local diminuiu sobre nós. Católica fervorosa, a minha mãe conversou sobre festas religiosas que ocorrem em Jundiá (SP) (cidade natal dos meus familiares), das preferências por santos e como ela influenciou na minha educação religiosa, o que me alocou na definição de “*moça de família*”. E as relações com a população começaram a fluir, o contato com a Igreja se intensificou, passei a freqüentar diversas ceias na casa paroquial e nas residências dos fiéis, além disso, o padre me atribuiu pequenos serviços direcionados à comunidade católica, facilitando este processo de inclusão no campo.

No princípio alguns ministros²⁶ da paróquia não aceitavam a minha presença e raramente me cumprimentavam. Porém, depois de demonstrar iniciativas voluntárias com as atividades da Igreja, principalmente nas tarefas que nenhuma beata se interessava executar, como atividades que envolviam informática. Como a Igreja não possui verba para fazer panfletos com as letras das orações e músicas utilizadas nos sermões, o padre resolveu projetar slides na parede da paróquia para que os fiéis pudessem acompanhar o culto. Assim, eu fui designada para preparar tais slides e durante semanas digitalizei todo o material. Com esta atividade, o padre demonstrou confiança em mim e a participação neste serviço, que trouxe benefício à igreja, agradaram os ministros, as beatas e fiéis. E um dos ministros que não me cumprimentava, comentou a minha principal informante que antes me julgou soberba, porém devido ao meu empenho à cidade²⁷, ele me atribuiu simpatia, afirmando que até a minha expressão havia mudado a partir de então eu transmitia simpatia, de modo que ele passou a me cumprimentar.

O participar dos eventos públicos na cidade, mantendo um bom relacionamento com a família que me recepcionava e com outras cidadãs consideradas de respeito, aliado à participação na Igreja, ampliou minha circulação em outros ambientes da cidade. Segundo Piscitelli (1990), a aceitação em campo, longe de ser homogênea,

²⁶ Ministros são católicos ordenados e responsáveis pelo cuidado da casa pastoral, prestando serviços desde a catequese ao auxílio de altar durante as celebrações das missas.

²⁷ O senhor também se referiu ao trabalho voluntário que realizei na escola estadual de Gonzaga.

depende das situações colocadas e das diversas pessoas com as quais o antropólogo estabelece relações. Segundo Briggs, citado por Piscitelli (1986, p.35), muitas vezes as experiências de antropólogas apresentam dificuldades para consolidar uma relação com os (as) informantes. Pois, como explica Golde apud Piscitelli (1986, p.38) fatores como sexo, idade, estado civil e etc podem representar empecilhos e serem determinantes nas inter-relações sociais. No caso de Gonzaga as atividades para igreja católica desempenharam um canal para eu representar um papel social o qual não representasse perigo, constrangimento ou quebra das regras da comunidade. Não é à toa que o padre, para retribuir o meu trabalho, levou-me para diversos almoços nas casas de fiéis, na maioria das vezes eu não conhecia as pessoas, mas elas sabiam da minha existência e dos motivos que me levaram à cidade. Todavia, em todas estas confraternizações eu fui bem recebida e nada impediu que conversas e histórias fluíssem independentes da minha presença, diferente do que ocorrera em 2008.

Em um dia a caminho ao trabalho na Igreja encontrei o padre acompanhado de uma senhora, como eles estavam de saída, para não me deixar sozinha na paróquia, o padre convidou-me a acompanhá-los²⁸. Durante o trajeto conversamos pouco, para evitar o silêncio constrangedor falamos sobre a beleza da paisagem, mas a senhora quase não se pronunciou e eu ainda estava tímida com a situação, predominando um desconfortável silêncio. Quando chegamos ao destino, num conjunto de residências distante do centro urbano, no portão de uma casa o padre explicou que o motivo da visita era para realizar a unção da mãe da dona da residência. Assim que entramos no local, o padre logo mandou que todos ficassem em pé para rezar pela doente, deixando-me mais encabulada com a circunstância. Após a unção da idosa todos se retiraram da sala para deixá-la descansar e o casal nos convidou para tomar um café na cozinha, localizada nos fundos da casa. No primeiro momento pensei que o casal fosse estranhar a minha presença, mas como eu estava ligada a Igreja, o casal e o filho mostraram receptividade. Durante o café, entre uma prosa e outra²⁹, a outra senhora, amiga da

²⁸ Em Gonzaga, o uso do termo roça refere-se a casas não localizadas no perímetro urbano. As roças são bairros afastados da região central da cidade, onde se concentra a igreja, a prefeitura e posto de saúde. Os bairros classificados como roças são: Barbalho, Barro Branco, Xodó, entre outros aos quais não tive acesso.

²⁹ Nas visitas a casa dos fiéis católicos, na maioria das situações, o padre aproveitava para levar consigo algum alimento das roças das casas, pois muitas residências possuem horta, alguns pés de frutas ou animais de pequeno porte – galinhas, porcos e poucos criam bois e vacas.

família, não se importou em contar uma história trágica que ocorreu recentemente com o seu vizinho.

A história é sobre um rapaz que morreu num acidente de moto e antes de falar do acidente ela relembrou toda a trajetória da vida dele. O jovem ainda recém-nascido foi abandonado num riacho, mas, segundo a narradora, ele teve sorte porque a família quando o encontrou decidiu adotá-lo, tratando a criança como filho consanguíneo. Já adulto o rapaz decidiu trabalhar nos EUA, detalhe que a senhora não comentou o tempo que ele permaneceu lá, nem questionou os motivos da imigração. No retorno para Gonzaga o rapaz comprou uma casa, uma moto e ajudou financeiramente a família adotiva, assim, o rapaz *estabilizado* se casou com uma moça da região, que engravidou em seguida. A tragédia aconteceu quando o jovem casal voltava de uma consulta médica na cidade de Guanhães. Na estrada o rapaz perdeu o controle da moto e a violência do acidente ocasionou a morte dele, a esposa perdeu um braço e estava em coma, apenas o bebê sobreviveu ao acidente. A mulher contou a história porque ela estava preocupada com a criança, pois ela já considera que o futuro do bebê se repetirá como o do pai, uma criança sem elo familiar. A senhora não considerou que o bebê poderia ficar aos cuidados dos avôs paternos ou maternos. Os anfitriões não comentaram sobre a história porque não se recordavam de qual família pertencia o rapaz, logo não conheciam o mesmo. Já o padre também se mostrou indiferente por também não conhecer as vítimas, poucos minutos depois a conversa mudou de rumo e o padre aproveitou para levar consigo alguns presentes (frutas, plantas, frango, produtos cultivados nas terras da família) oferecidos pelos anfitriões.

Nos encontros, corriqueiramente, surgiam narrativas de casos ou cenas de outros núcleos familiares e a partir deles observei um padrão nas descrições das estruturas familiares cristãs em Gonzaga. A família consiste no núcleo: marido, esposa e filhos; há também a inclusão da consanguinidade tanto do lado paterno quanto materno na constituição da pessoa. O casamento representa o deslocamento provisório da mulher para a casa dos parentes do marido. Apenas no começo da união os casais optam por morar em casas próximas dos pais do marido, porém isto é passageiro, pois cobra-se do homem a constituição da casa própria, atitude que simboliza a maturidade masculina, a responsabilidade de prover a casa recai sobre a figura masculina. Entretanto, o vínculo com os parentes maternos e paternos são ambos essenciais na formação do caráter (das características de personalidade, qualidade e moral do indivíduo). Por isto, na estória

anterior, como na próxima narrativa, observamos o discurso de preocupação com a criança que não terá o exemplo paterno e com a mulher jovem viúva ou mães solteiras associadas como desprotegidas.

Em outro almoço a convite do padre, a anfitriã que não me conhecia não se intimidou em expor os problemas pessoais que lhe afligiam, além de casos contados sobre conhecidos e outras famílias da região. Ela apresentou sua filha, uma jovem de 25 anos, a moça estava grávida e não permaneceu o durante todo o encontro e tão pouco conversou. O padre, discretamente, explicou que a moça não estava aceitando a gravidez porque o pai da criança não assumiu a paternidade e, muito menos, propôs uma união com a jovem. Desesperada, ela cogitou abortar porque ser mãe solteira em Gonzaga é vergonhoso, pois a constituição de família local desvaloriza a mulher que não tem um marido ou companheiro. Nas palavras do padre, as mães solteiras são estigmatizadas como “*mães perdidas*” ou “*moças descabeçadas*”, termos pejorativos que simbolizam que uma mulher solitária não terá condições emocionais e financeiras para criar uma criança, valoriza-se a figura do homem para não atribuir leviandade ao papel social da mulher³⁰. Durante o almoço, quando a filha se retirou da mesa, a mãe preocupada pediu ao padre que, numa outra ocasião, conversasse mais com a moça para ela abandonar a idéia de abortar, pois a família enquanto católica condena a prática, apesar das consequências que a gravidez indesejada trará à reputação da moça.

O encontro prosseguiu com outro assunto entre a mulher e o padre, apesar do tema ser sobre pescaria, *hobby* praticado por ambos, a mulher lembrou de outro caso de um rapaz que retornara dos Estados Unidos. Ela contou indignada que o homem construiu uma lagoa artificial, no espaço da sua residência na roça, para futuramente criar um pesque-pague, porém ele não permitia que pessoas que não fossem conhecidas ou próximas de sua família utilizassem o espaço. O investimento no negócio foi resultado da aplicação do dinheiro que ele conquistou trabalhando nos Estados Unidos, além do pesque-pague ele também reformou a casa dos pais. Os comentários sobre os gonzaguenses imigrantes são freqüentes, o fato de trabalhar no exterior é corriqueiro nas

³⁰ De acordo com algumas das informantes da pesquisa, quando uma mulher engravida e não se casa com o pai da criança ou ele não assume a paternidade, ela torna-se estigmatizada como promíscua, que dificilmente conseguirá outro casamento ou relacionamento estável com qualquer homem da cidade. Nestas condições ou a mulher procura por outro relacionamento com alguém de outra cidade ou opta por emigrar para sustentar os (as) filhos (as).

conversas, porém o que sobressai são os julgamentos sobre como ex-imigrantes investem o dinheiro ganho no exterior e como a pessoa ajuda os familiares.

Estes encontros do padre na residência das famílias, geralmente aconteciam porque as famílias necessitavam dos conselhos ou dos serviços do pároco, ao mesmo tempo o padre visitava algumas casas para solicitar favores aos fiéis. Como eu desempenhava o papel de convidada do padre, atribuída também a função de “*a moça que fazia serviços para a Igreja*”, as pessoas já não se incomodavam mais com a minha presença, pois me incluíam nas conversas, porém sem a liberdade de eu manifestar qualquer opinião. Isso demonstra que fui integrada parcialmente no campo, pois circulei por diferentes espaços sem maiores complicações, mas o fato das pessoas jamais perguntarem a minha opinião me alocava ainda como a “nova amiga de fora”.

Durante todas as etapas do trabalho de campo eu mantive envolvimento com a Igreja católica e entre almoços e quermesses notei a impossibilidade de acessar o discurso masculino, pois a quaisquer aproximações com algum homem surgiam perguntas de possíveis interesses que eu teria nos rapazes e, qualquer homem entre 20-35 anos que conversasse comigo transformavam-me numa potencial noiva. Para evitar qualquer mal entendido mantive distância dos círculos masculinos, exceto quando os homens estavam acompanhados de esposas, mãe ou filhos (as). Como exemplo desta associação de imagem de potencial noiva, em outra visita a casa de uma beata, a mulher planejava com o padre as futuras obras de construção que o filho dela realizaria para a Igreja, explicando que o rapaz faria o serviço depois do encerramento do Jubileu de São Sebastião, pois naquele momento ele acompanhava o irmão que estava de férias na cidade depois uma jornada de trabalho nos EUA. Depois que a beata encerrou o negócio com o padre, ela iniciou um interrogatório comigo, perguntando minha procedência, por quanto tempo permaneceria na cidade, qual era a minha religião e por fim perguntou se eu namorava. Em seguida o filho dela entrou na cozinha e ela nos apresentou deixando subentender que eu poderia ser pretendente do rapaz.

Constrangida, eu me esquivei das insinuações casamenteiras da mulher e acredito que o interrogatório da beata esteve relacionado à desconfiança ao meu respeito antes do envolvimento com a Igreja, pois me hospedei temporariamente no único hotel da cidade, o comentário sobre mulheres hospedadas em hotel é que estas são promíscuas. Por isto o fato da minha mãe me acompanhar durante alguns dias na cidade, os almoços e jantares na companhia do padre demonstraram que eu estava

agindo de acordo com a prática local - uma moça religiosa, prestativa e relacionada em ambiente familiar.

Frequentando algum tempo os eventos religiosos e realizando todas as tarefas a pedido do padre, as pessoas aconselharam a afastar-me do padre, pois ele começaria a abusar da minha ajuda e não cessaria em me atribuir responsabilidades. Alguns dos meus informantes explicaram que eu estava sendo excessivamente prestativa com o religioso e isto não era algo bom, pois em pouco tempo, segundo os comentários, ele começaria a me criticar porque ele é extremamente crítico, perfeccionista, além disso, os serviços mais entediantes da paróquia ele delega para outras pessoas executarem. As pessoas reconheceram o meu empenho e associaram à disposição de me envolver com a cidade sem interesse de “abusar” ou de “especular” a vida alheia, como eles pensam a respeito dos jornalistas e da imprensa.

O intenso trabalho e serviços para a Igreja perdurou até a segunda semana de fevereiro de 2009, nos meses seguintes participei apenas das missas, que também renderam valiosos dados sobre a relação das pessoas com a imigração e com papéis sociais compartilhados lá. Em diversos cultos quando aproximava o fim da cerimônia o padre anunciava a presença de homens que haviam retornado do exterior pronunciando palavras de conforto ao indivíduo, enaltecendo os (as) imigrantes por terem se dedicado ao trabalho, a família e incentivando as pessoas presentes darem uma salva de palmas aos homenageados. Em outras missas, o padre direcionava a homilia para confortar as mulheres incentivando-as a esperar pelos maridos ora sem questionar a ausência ora aceitando as dificuldades de adaptação do retorno do homem a casa, de modo que nada pudesse prejudicar a união matrimonial. Assim, vemos que a migração está em diversos espaços sociais, enquanto processo sócio-cultural presente também na religião.

Em outros momentos também participei dos cultos da Igreja Batista a convite do pastor e de duas fiéis, mas não freqüentei assiduamente os cultos porque isto poderia criar algum desconforto ou intriga com os católicos, grupo com o qual eu estabelecera intenso contato. As duas vezes que participei do culto foram constrangedoras porque eu não tinha nenhum conhecimento do ritual de celebração. Porém, o que chamou a atenção foram os momentos da reza coletiva³¹ em que as mães, pais, esposas, filhos e o

³¹ A reza coletiva é uma parte da celebração em que os fiéis pedem a proteção e benção publicamente, em voz alta para todos ao redor escutarem.

pastor dedicam uma oração aos imigrantes desejando a proteção divina para que esses suportem o trabalho, ausência da família e as dificuldades de adaptação nas terras estrangeiras e, muitos (as) freqüentadores (as) do culto choraram naquele momento. A relação com os Batistas não se aprofundou, pois não há muitos festejos e os fiéis vão embora para suas casas logo após o término do culto. Além disso, caso eu freqüentasse ambas as religiões a minha crença seria questionada pelos batistas e pelos católicos, assim, as relações provavelmente ficariam estremecidas. O envolvimento em duas religiões poderia gerar ambigüidade à minha conduta perante a percepção dos (as) gonzaguenses.

O envolvimento com a religião contribuiu para a abertura de comunicação com as mulheres da cidade, intensificando a relação com as pessoas e distanciando-me da figura de jornalista. Assim, construindo um envolvimento com local, pois passei a participar de festas de aniversários, noivados e do trabalho voluntário na escola. E cada etapa de socialização com os ambientes e esferas sociais de Gonzaga revelou um entrelaçamento com o processo migratório. Na religião como os líderes religiosos da comunidade enobrecem os indivíduos que seguem a ordem do casamento, da família, da religião, contribuindo para a definição dos papéis sociais estabelecidos na comunidade. Nos momentos rituais tanto da Igreja católica como da batista, os líderes atribuíram um respeitoso status aos imigrantes associando-os a indivíduos virtuosos e preocupados com o bem estar da família. E como a população, com a qual mantive contato, é envolvida com religião, este valor moral é difundido para outros espaços sociais como descreverei na minha relação com a escola, envolvendo as professoras e alunos.



Figura 5: Crianças em homenagem aos dias das mães na Igreja Católica São Sebastião.



Figura 6: Crianças em atividade escolar.
Fonte: Alexandra C. Gomes de Almeida

2.3. O trabalho na escola:

Nas atividades da Igreja pude conhecer outras pessoas relevantes para a pesquisa, como a professora e a inspetora da única escola estadual. Ambas as educadoras se interessaram em saber os motivos os quais me levaram a cidade. Eu expliquei que eram motivos acadêmicos que levaram ao município, porém aproveitei a oportunidade para ampliar as relações ao me oferecer para trabalhar voluntariamente na escola. As educadoras manifestaram satisfação com a minha disposição em ajudar e anteciparam meu contato com a diretora da escola. Comecei o trabalho depois Carnaval (22 de Fevereiro de 2009), a diretora e as duas inspetoras me escalaram para alfabetizar os alunos da turma de reforço do ensino básico e também para prestar outros pequenos serviços como distribuir merenda e organizar grupo de leitura com os alunos. Algumas situações na escola chamaram a atenção e forneceram valiosas informações para entender o contexto da migração na cidade.

No primeiro dia do trabalho, as educadoras escalaram-me para auxiliar na alfabetização de quatro alunos, meninos com idade entre nove e quinze anos. Eu ainda não fazia idéia de como poderia alfabetizar aquelas crianças, então, resolvi buscar a atenção deles através de brincadeiras com o material que havia na biblioteca (espaço

disponibilizado para as aulas). Nas brincadeiras utilizei um globo terrestre e perguntei se eles sabiam localizar o Brasil no mapa, os garotos apenas apontaram no mapa ainda com dúvida a América do Sul, porém eles souberam indicar precisamente a localização dos Estados Unidos e de Portugal. Impressionada com esta resposta perguntei o porquê sabiam indicar corretamente estes países. Então os meninos disseram que são naqueles países que os pais e alguns familiares próximos deles trabalham. Os meninos ainda falaram que desejam e pretendem trabalhar junto do pai, dos irmãos ou tios quando completarem a maioridade. Podemos identificar que a relação de trabalho envolve aspectos da família, seja em apoio quanto na influência dada às crianças, e vemos que o aspecto econômico que levam pessoas a imigração não é única motivação para este fenômeno. Depois deste dia na escola questionei quais seriam os motivos que levam aos fluxos migratórios, procurando entender minimamente quais os significados que atrelam o funcionamento das instituições locais, o status social e os valores compartilhados pelos gonzaguenses que codificam o ato de emigrar.

Nas aulas eu conversei com os garotos sobre suas famílias, sonhos e perspectivas com a escola, os meninos respondiam que não encontravam qualquer justificativa para continuar os estudos porque seus parentes – pai, irmãos, padrinhos, tios e outros - não concluíram os estudos, mesmo assim, conseguiam trabalhar fora da cidade, no exterior, proporcionando uma boa vida aos familiares que permanecem em Gonzaga. Ainda um dos meninos contou com orgulho que ao completar a maioridade civil, o pai prometeu levá-lo para trabalhar nos Estados Unidos, por isto o menino é indiferente à escola, afinal ele espera pelo momento de trabalhar ao lado do pai. O importante para os esses garotos é o trabalho e o vínculo com a família, pois é isto proporciona o respeito alheio.

O espaço da escola ampliou o entendimento sobre a acentuada divisão sexual dos papéis sociais. Por exemplo, as professoras escolhem somente meninas para auxiliá-las na arrumação das mesas do refeitório, as meninas deixam a sala de aula quinze minutos antes do horário da merenda para aprontar as mesas do refeitório, nesse tempo os meninos aguardam o almoço na sala de aula ou terminando as tarefas ou fazendo algazarra. Eu perguntei para uma das meninas o porquê os meninos não ajudam na organização das mesas e ela me respondeu: “*Ora, porque os meninos não sabem fazer essas coisas de cozinha. Eles são muito bagunceiros!*”. Com essa resposta da garota, que não tem mais de dez anos de idade, fica explícito que desde a formação escolar as

meninas são educadas para cuidar dos afazeres domésticos e os meninos são educados para trabalhar fora do ambiente doméstico.

Em outras ocasiões tanto a diretora como as professoras revelaram nas suas atitudes a importância social de algumas atribuições que constroem o imaginário da migração na educação das crianças. No período da merenda, a diretora orientando as crianças a terem “bons modos” no momento da refeição aconselhava-as a utilizarem garfo e faca³², para enfatizar o conselho a diretora disse: *“Mas se vocês não aprenderem usar garfo e faca como é que vocês comerão num restaurante nos Estados Unidos, lá não é igual aqui. Lá as pessoas comem usando garfo e faca!”*. As crianças desajeitadas e incomodadas com os talheres perguntavam desapontadas: *“Nos Estados Unidos não se pode comer com colher?”*. As educadoras explicaram às crianças que quando elas forem trabalhar fora de Gonzaga, comer de colher será motivo de vergonha, afirmando que em outros lugares, cidades e países todos são “educados” porque sabem que o correto é usar garfo e faca. Contrariadas, as crianças terminaram o almoço questionando o uso dos talheres, ainda que não houvesse facas para todas.

As pessoas não questionam a migração, até porque já é dado no discurso gonzaguense, o fato de optar ser imigrante em outro país não uma situação questionada ou refletida é apenas algo comum e do cotidiano dessas pessoas. Notei que termo migrante era usado por mim, enquanto pesquisadores do tema, para Gonzaga ser imigrante é uma condição de trabalho, uma oportunidade emprego, porém uma tarefa comum destinada principalmente aos homens e que determina a função e prestígio social. Após ver os alunos identificando os Estados Unidos no mapa em contraste com fato deles mal saberem escrever o próprio nome, as atitudes das educadoras perante a organização do refeitório, entre outros comentários dos corredores da escola, os gonzaguenses consideram muito mais importante a manutenção de uma moralidade familiar e uma divisão rigorosa que delimita o papel social entre homens e mulheres. A manutenção da família contextualiza a questão migratória local.

Esta relação da imigração como aspecto do trabalho e prestígio social também esteve presente enquanto um valor da família com um grupo de adolescentes. As garotas

³² Observei que a maioria das pessoas tem o hábito de usarem somente colher nas refeições.

me procuraram para pedir ajuda com um trabalho escolar de geografia, sem maiores problemas aceitei auxiliá-las. Quando perguntei sobre o tema do trabalho, elas responderam que se tratava sobre o atual fluxo migratório do Brasil. Então, eu perguntei qual era a dificuldade delas com o tema. Semelhante ao caso dos meninos na biblioteca, as garotas disseram que não faziam a menor idéia do que se tratava fluxo migratório. Pacientemente, perguntei se algum parente delas trabalhava ou já havia trabalhado em outro país, uma respondeu que o pai já trabalhou nos Estados Unidos, outra respondeu que a mãe estava trabalhando em Portugal, as outras disseram que tinham primos e tios no exterior. Então, expliquei que a migração atual consistia neste movimento de pessoas que buscam outras oportunidades de trabalho em locais que não a cidade natal. Assim, para não impor a minha perspectiva sobre migração, incentivei as garotas a procurarem nos livros da escola e na internet os países que mais recebiam brasileiros. Interessante que, em nenhum momento, elas cogitaram pensar sobre a realidade local e buscaram todos os dados na internet. A atitude das garotas mostra que a migração no local encontra no plano da manutenção do ciclo doméstico das famílias gonzaguenses, por isto elas também tiveram dificuldade em apresentar o fenômeno da migração relacionado ao cotidiano local, dificultando pensar dentro do contexto escolar de geografia política.

A extensão da divisão sexual do trabalho forçou-me aos ambientes privados e domésticos. De maneira que a perspectiva perante o evento de Jean Charles, que no início do projeto foi posto como algo pertencente ao domínio de políticas migratórias e esfera pública, ao longo da inserção revelou intrínseco ao discurso gonzaguense. Entre as mulheres de Gonzaga, elas valorizam e compartilham a importância do casamento e da qualidade delas enquanto mães, ou seja, do auxílio à dinâmica interna da casa e dos laços familiares. Não encontrei na fala das mulheres o termo migrante, emigrante ou imigrante, apenas “*o meu marido*”, o “*meu filho*”, “*minha filha*”, a emigração é uma parte do plano de trabalho de sustentação da família, algo que é provisório, sempre há o planejamento do retorno, são raros os que quebram os laços familiares. O próximo passo é descrever e analisar a convivência com as mulheres.



Figura 7: Alunos da Escola Estadual São Sebastião
Fonte: Alexandra C. Gomes de Almeida



Figura 8: Alunos com a Professora na saída da Escola Estadual São Sebastião
Fonte: Alexandra C. Gomes de Almeida

Capítulo 3. As mulheres de Gonzaga

No capítulo anterior mencionei meu envolvimento em dois lugares públicos. A igreja e a Escola Estadual de ensino fundamental me proporcionaram integrações com diferentes pessoas para além do círculo de conhecidos da minha principal informante. Nesta aproximação com outros distintos grupos, principalmente com as funcionárias da escola, compreendi que as relações com as quais eu me envolvia determinavam a minha aproximação em outros ambientes, ao mesmo tempo em que revelava os papéis dos indivíduos na vida cotidiana local. Como exemplo, não foi possível alcançar a esfera política da cidade, entendendo que este afastamento era consequência do meu envolvimento com as funcionárias da escola e com determinadas famílias, que eram oposições políticas no município.

O único contato com a prefeitura ocorreu em uma reunião com algumas funcionárias: duas assistentes sociais, uma psicóloga e a assessora da prefeitura (esposa do ex-prefeito). No encontro elas fizeram perguntas como onde eu estava hospedada, quem eram as pessoas que eu havia conhecido, em qual universidade estudava, sobre o

que pretendia pesquisar e o que eu esperava da prefeitura. Em um ambiente tenso, após responder todas as perguntas, eu disse que ao menos precisava dos dados históricos da cidade e solicitei se poderia acompanhar um pouco do trabalho da assistência social, com a intenção de expandir contato com a população dos bairros mais distantes do perímetro urbano. As funcionárias disseram que não poderiam me ajudar, pois eu deveria ter em mãos um documento do reitor da universidade explicando a relevância dos meus estudos e o porquê seria preciso o auxílio da prefeitura. Após essa reunião ficou subentendido que não seria possível contar com qualquer informação da prefeitura.

De acordo com a minha rede de informantes a atitude ríspida da equipe de assistência social da prefeitura se deu em decorrência de conflitos pessoais das funcionárias com o círculo de amigas e contatos que vinha estabelecendo com a população. Infelizmente, por conta destas diferenças não foi possível nem os dados históricos oficial da cidade. As professoras e outras mulheres com as quais mantinha intenso diálogo não estranharam a reação dos funcionários municipais e disseram que eu não deveria esperar outra coisa. Elas explicaram que todos os funcionários da escola estadual e as famílias as quais eu mantinha contato eram oposição política, por isto as relações de amizade e aproximação nas quais eu estava envolvida na cidade afetavam diretamente qualquer ligação com as outras instituições atreladas à política local.

Uma das professoras explicou que a prefeitura separou o ensino básico criando outra escola municipal, com o intuito de receber mais verba do governo estadual e federal, mas isto diminuiu a verba da escola estadual, além da prefeitura ter indicado alguns cargos para amigos (as) e parceiros (as). Consequentemente, isto iniciou um conflito entre os funcionários estaduais versus os municipais. Já uma das irmãs da minha anfitriã também explicou que eu não deveria ter informado às funcionárias da prefeitura onde eu estava hospedada, porque ela já havia tido um atrito com a psicóloga, motivado por ciúmes de namorado, além do fato que, a matriarca da família que me recepcionava, movia uma ação trabalhista contra a prefeitura. Portanto, o fato de eu estar envolvida com essas pessoas estendia todas as intrigas e conflitos também a mim.

Nestes dois primeiros capítulos foram descritos como a importância da inserção no campo evidenciou o quão são significativas as relações de amizade e da noção de família na constituição da pessoa gonzaguense. No segundo capítulo a descrição dos dados que envolveram as igrejas, a escola e as pessoas que lá freqüentam demonstram

como a esfera pública delinea, de certo modo, o comportamento das pessoas. E no processo etnográfico o meu conviver nestes espaços deram um significado ao porque da minha presença na cidade, embora isto tenha restringido a movimentação para outros ambientes.

A sensação de vigilância sempre circundou a minha estadia e, indiretamente, para evitar qualquer conflito ou fofoca, eu coordenava minhas ações de acordo tanto com os valores da família a qual me hospedava, quanto com os valores partilhados nos locais públicos dos quais participei, reforçando o debate de que os espaços são invenções sociais (DAMATTA,1997b). Esta situação de manter relação com um grupo de pessoas, frequentar algumas casas sem saber antes das intrigas, influenciou a aproximação com outros locais, por isto não acessei a prefeitura de Gonzaga, como também tive dificuldade geográfica em visitar bairros distantes, denominadas *roças*³³.

Desta maneira, demonstrando respeito e compatibilidade com alguns dos valores compartilhados na cidade, a minha imagem foi associada àquelas pessoas as quais mantive maior proximidade, entretanto não impediu de acessar outro discurso, o feminino. Com a inserção no grupo feminino envolvido na escola estadual e igreja católica obtive acesso a histórias, desabafos e conversas, assim, adentrei a esfera da casa gonzaguense. Isto permitiu acessar parte da constituição das relações de família, delineando como são definidas as diferenças entre gênero, a divisão sexual do trabalho, além da relação da emigração. Através da perspectiva feminina, este capítulo apresentará o domínio da casa, as definições sobre família a partir do grupo de mulheres que vivem no centro urbano da cidade. O grupo diversifica-se entre solteiras, casadas, divorciadas e viúvas.

Para começar a explicar estes valores de família segue a descrição literal de um trabalho de especialização feito por uma professora que passou a infância e juventude em Gonzaga, filha de Efigênio da Cunha Menezes – citado no primeiro capítulo. Na redação percebemos a importância dos sentimentos de família e da valorização do ser cidadão gonzaguense, pois o trabalho expõe as lembranças de infância, a relação do matrimônio e como são definidos alguns dos papéis sociais local.

³³ Eu consegui visitar com certa regularidade apenas um destes *bairros*, o Barro Branco, pois a caminhada não durava mais que vinte minutos, sendo que conheci algumas famílias por intermédio das relações estabelecidas na escola.

“(1) *Sentada no sofá da sala de frente para a janela, posso observar uma paisagem ofuscada pela chuva que cai. Me sinto só, **na solidão desta casa que agora está vazia.** Na mente, me vem várias lembranças e envolvidas por ela, viajo à casa onde nasci, onde passei minha infância e adolescência. O lugarejo onde ficava localizada a fazenda do meu pai e a casa grande .*

(2) *Localizado entre montanhas, lugarejo de poucas casas, passa por ele um riacho e a casa onde nasci, fica após o rio, depois da ponte estreita, que liga o lugarejo à minha casa. A sede da pequena fazenda.*

(3) *Da porta da cozinha, posso ver o moinho de fazer fubá movido a água. Água que movimentava a roda, que roda a pedra, que mói o milho e o transforma em fubá. O barulho da execução dessa tarefa se transforma em uma sinfonia que embalou sonhos e planos, que encantou e que agora me faz chorar. Chorar de saudades da sinfonia doce que embalou romances, nas noites de luar. **Como o amor do meu pai, homem honesto, fiel, romântico e minha mãe, meiga, vaidosa. Eles eram cúmplices na vida, em tudo. Um casal perfeito, feitos para amar**³⁴.*

(4) *Na varanda da casa grande meu pai contava histórias que nos faziam rir e chorar. E nas noites o barulho da água do rio embalava o meu sono, e de madrugada as aves se punham a cantar. Ao levantar cedo e andando pelo campo verde, pegava folhas redondas, grandes e nelas continhas gotas de orvalho, e eu as balançava para lá, e para cá, e ao penetrar sobre a gota d'água, a luz do sol, ela transmitia as cores do arco íris que me encantava, me fascinava e me fazia imaginar, um mundo de luzes coloridas, onde agente pudesse morar. E no embalo, a gota escapolia, assim como o sonho do mundo colorido onde pudesse morar.*

(5) *O dia vai passando e **as pessoas, simples, humildes, mas que reluziam uma beleza incalculável como a natureza daquele lugar, transitavam atarefadas com seus afazeres, se punham a trabalhar.** E os gados no campo pastando tranquilamente muge a caminhar. Cavalos transportando pessoas, silenciosos e obedientes se deslocam de lá para cá.*

³⁴ O destaque em negrito destes trechos é para elucidar alguns dos papéis sociais e valores morais que serão apresentados neste capítulo.

(6) *Os irmãos se casam, constroem suas famílias. A minha mãe que doce lembrança, já não está mais aqui, quanta falta ela me faz, meu pai, já está velho, mas lícido, tenho dele na mente a imagem de um herói, um guerreiro pois o tempo e a vida o ensinou muito, e com ele, aprendi e aprendo muitos valores, é meu exemplo, o admiro muito.*

(7) *A vida pacata no lugarejo, onde olhares se cruzam amores se consomem. Amores se almejam e alguns nunca se vivem, só sonham. Dos olhos a lágrima cai, da cadeira onde estou sentada, vejo o retrato da casa grande, mas dos dias atuais. Quantas mudanças, agora vejo prédios vejo carros. Para onde foram os animais? A natureza, que contraste! A foto presente me faz voltar da viagem, das boas lembranças, do lugar onde vive, das pessoas que convive de imagens e vivências que jamais esqueci. (L.R.C. 25/04/09).*

Na redação notamos nostalgia na descrição das lembranças de infância da narradora, mas, implicitamente, ela descreve a casa não apenas como um espaço físico, algo material, mas enquanto valor moral, entendendo ser elemento central na constituição das relações de parentesco e da vida pública da pessoa. Em quase em todos os parágrafos identificamos algum significado moral. No trecho (6) a narradora afirma que seus irmãos fizeram suas famílias, mas ela não se esquece da casa e da família que seu pai e mãe constituíram e os formaram enquanto pessoas. Na carta ainda há palavras que expressam os papéis sociais dos indivíduos, nos trechos (3) e (6) nota-se a atribuição da função do pai e da mãe – o pai possui o status do trabalho e transmissor de valores morais (educação), já a mãe mantém o status de dedicação e cuidado com o lar. Portanto, a casa dinamiza as considerações sobre a subjetividade que o próprio indivíduo constrói das suas relações sociais.

Igor Machado (2010) no artigo “*Reordenações da casa no contexto migratório em Governador Valadares*”, contribuiu para o debate acerca da análise de novas formas de relação de famílias. Após extensa pesquisa nessa cidade mineira, ele analisou como as famílias, devido ao processo de migração transnacional vêm mostrando interessantes e diferentes concepções de estruturas familiares e constituição da casa. Com o aporte teórico de Janet Carsten, Machado considera que os estudos sobre a família precisam focar a perspectiva do sujeito na sua própria visão de montagem das relações sociais, de consangüinidade e de família, pois se deve relevar que as “*noções de pertencimento são*

complexas, dinâmicas e distintas”, ou seja, “*pretende-se um olhar sobre a produção do parentesco como uma “prática nativa”*” (MACHADO, 2012, p:09).

Machado, apoiando-se no conceito de *relatedness* de Janet Carsten (2004), compreende novas considerações sobre a teoria do parentesco englobando aspectos dos fenômenos da vida moderna, que interferem nos pressupostos da construção da noção de família como as práticas relacionadas à genética, a legislação de Estado (como adoção, divórcio entre outras relações jurídicas que envolvem a concepção de parentesco). Em Governador Valadares e Gonzaga considera-se também o transnacionalismo, afinal todos estes pressupostos colocam em questão o mundo privado das famílias, os quais trazem novas questões sobre a construção de pessoa, gênero e substâncias corporais (MACHADO, 2010, p. 09). Esses questionamentos levam a uma nova preocupação com a experiência cotidiana dos indivíduos nos estudos de parentesco, trazendo outras dimensões que envolvem as emoções e imaginações sobre as noções de família dos próprios indivíduos (2010, p. 10).

Após eu construir um significado com os gonzaguenses sobre a minha presença na cidade, participei das conversas entre mulheres e nestas interações o discurso feminino sempre apontou para as questões de casamento e as relações que transmitiam a subjetividade de ser mulher gonzaguense. De acordo com Machado (2010), as práticas de noção de família e as estruturas de parentesco como uma “prática nativa” estão expostas nas estórias destas mulheres, as quais indicam a estrutura simbólica da casa e alguns aspectos da família, revelando conjuntamente como a migração perpassa pelo cotidiano dessas pessoas.

Para este quadro do discurso feminino que margeia as diversas relações de família exponho um dos relatos obtidos no campo, de uma mulher que enfrentava uma situação delicada ao acolher uma jovem cuja mãe encontrava-se emigrando na Espanha, num momento de desabafo a interlocutora, de nome fictício Leda³⁵, relatou o seu cansaço com a situação. Leda diz que a garota foi “*deixada*” pela mãe, pois a adolescente não quis ficar na casa dos avós maternos, preferindo permanecer com a amiga de escola, a filha de Leda. A adolescente não tem contato com o pai e a mãe emigrou para poder sustentar a casa – o ato de emigrar simboliza o status de

³⁵ Todos os nomes citados nesta dissertação são fictícios, com exceção do relato de Efigênio da Cunha, que por tratar das questões história-política pediu para que o seu nome verdadeiro fosse mencionado no trabalho.

independência financeira e moral (preocupação e dedicação com o cuidado da casa). O problema para Leda é que a mãe da adolescente não está contribuindo financeiramente para a estadia da garota, alguns meses já se passaram e a mãe não demonstra importar-se com a educação da filha, pois pouco entra em contato para saber como está a situação da jovem. Para a Leda a omissão dos cuidados com a garota é uma atitude “*gravíssima*” da mãe, considerando um absurdo e uma vergonha a mãe que não se preocupa com as condições de educação da filha. Nas palavras de Leda: “*obrigação de mãe é estar ao lado dos filhos*”.

A garota com doze anos de idade já começou a despertar o interesse dos garotos da cidade por conta da sua beleza física, por conta disso ela passou frequentar as ruas até tarde da noite. Leda tem uma postura diferente com a educação da sua filha – pois permite o namoro dela com um jovem de outra cidade, porém os encontros ocorrem sempre na presença de algum dos pais -, deste modo, Leda não sabe como educar ou reprimir a amiga da filha, afinal a ausência de consanguinidade faz com que ela não tenha autoridade sobre a jovem. Por conseguinte, Leda achou conveniente entrar em contato com a avó materna da garota pedindo que ela retome a responsabilidade sobre a neta. Leda prevê que se continuar com a garota será acusada de maus tratos ou terá possíveis problemas com a adolescente, afinal Leda tem dois filhos também adolescentes e diz ser uma mulher vivida e que tem consciência dos conflitos que virão se a jovem permanecer sob seus cuidados.

No desabafo de Leda e na descrição do trabalho da professora notamos como a construção de parentesco em Gonzaga é uma relação biológica, como também é uma variedade de sentidos (moral, política, econômica, imigração e entre outras variantes), nas palavras de Jorge Villela (2009) “*o sangue é suporte cognitivo para as relações serem costuradas, o que não é desprezível; ao contrário, é fundamental*” (2009, p:228). No exemplo da professora, vemos que em sua carta ela descreve o seu pai como aquele quem passou e é exemplo dos seus valores para torná-la na mulher adulta de hoje, mas na descrição do penúltimo parágrafo, observa-se que relação dela com o lugar de nascença e parentes também constrói sua pessoa. Já na descrição de Leda, o seu problema em cuidar da amiga da filha envolve o dilema da ausência de consanguinidade como um empecilho na educação da garota, aliada ainda à falta de auxílio financeiro da mãe da jovem. Vemos as relações de sangue evidentes nestes dados, claro que isto não abarca completamente a simbolização da noção de família e da concepção de casa

gonzaguense, contudo, este capítulo pretende expor descrições de campo entrelaçadas com análises que dêem conta de expor a casa e a família no contexto social de Gonzaga.

Abreu Filho (1980), que realizou pesquisa de campo em Araxá (MG)³⁶, observou que a construção das identidades individuais e familiares parte da definição cultural do parentesco. A sua proposta consistiu em entender o parentesco como um sistema simbólico não necessariamente circunscrito ao parentesco biológico definido a priori, mas sim construído nas relações sociais, morais e históricas do grupo estudado. Para o pesquisador o sangue aparece como uma ordem da natureza articulado com a ordem da cultura, ou seja, sangue não nasce apenas na natureza, apenas no corpo, a pessoa também nasce moralmente, constituída, representante de uma família, de uma tradição. Associando com a pesquisa de Igor Machado (2010), encontramos semelhanças teóricas, pois em Governador Valadares o que define a casa é a manutenção das relações de convivialidade e a circulação de remessas de dinheiro dos imigrantes surge como uma dessas transformações de relações, aparecendo como parte da consolidação da casa. A casa se constitui nas relações centradas nas pessoas do casal e perpassa as relações com filhos e parentes, significando uma hierarquização das relações a questão de possuir e manter uma *casa*³⁷, “*nesse contexto, seria um índice de autonomia e centralidade de relações (de parentesco)*” (MACHADO, 2010, p. 23).

No discurso dessas mulheres veremos que a relação entre o espaço público e a casa envolve como o indivíduo se define enquanto pessoa, ou seja, como as relações entre famílias contribuem para a construção dos papéis sociais das pessoas gonzaguenses no cotidiano (VELHO, 2001). Os (as) gonzaguenses entendem família no núcleo: esposa, marido e filhos (relações de consangüinidade), entretanto, a dinâmica familiar gonzaguense estende suas relações e o funcionamento da casa também entre aos outros familiares do casal, tanto do lado materno quanto paterno. O modelo conjugal na sua organização é influenciado pela opinião dos parentes, afins e compadres considerados mais experientes pela idade e experiência de vida, tanto que muitas das histórias contadas pelas mulheres abordavam os conflitos entre elas e os familiares do marido, principalmente, nas situações que envolviam a emigração do homem.

³⁶ Localiza-se na mesoregião do Triângulo Mineiro/ Alto do Parnaíba (Ver figura 1).

³⁷ A utilização da palavra em itálico significa que o sentido da palavra não se restringe a casa no aspecto material, mas na relação de centralidade das relações de uma família, da valorização da pessoa perante as hierarquias familiares, o filho se emancipando dos pais, a mulher se emancipando dos sogros e vice versa.

3.1. A mulher cristã e o casamento:

A mulher no casamento assume toda a responsabilidade do ambiente doméstico, que vai desde a criação (educação) dos filhos à manutenção da estabilidade matrimonial, pois, da mesma maneira, estas tarefas femininas também definem o status do marido. O casamento considerado de sucesso é aquele onde a mulher dedica-se exclusivamente aos afazeres domésticos, à criação dos (as) filhos (as) e às vontades do marido. Entende-se este comportamento feminino como o poder de controle do marido na dinâmica da casa. E quando a mulher trabalha para terceiros, o serviço e o salário dela são considerados complementares ao trabalho do marido.

No discurso das interlocutoras da pesquisa, ao homem é atribuída a responsabilidade do sustento da casa, do vigiar os (as) filhos (as) e esposa, a fim de que esses não sejam alvos de críticas nem dos maldizeres na comunidade, pois uma fofoca pode abalar ou destruir a reputação de um homem e caso ele perca o respeito perante sua família e amigos, sendo alvo de piadas e comentários por toda a cidade e, como consequência, o casamento poderá ser desfeito. A seguir apresento dois casos sobre a postura da mulher no casamento, o primeiro trata de uma mulher jovem, de aproximadamente 30 anos de idade, que aguardava o retorno do esposo, mantendo um bom relacionamento com a família dele; a segunda descrição já mostra os conflitos de um casal devido a não aceitação do comportamento da mulher pela família do homem.

A oportunidade de conhecer Daniela ocorreu depois da minha procura por algum salão de beleza, assim, ela foi indicada por algumas mulheres que moram na mesma rua que o salão. Daniela montou seu negócio num espaço rearranjando na própria residência, aproveitando um dos cômodos da casa ainda em construção. O seu marido trabalha nos Estados Unidos há quatro anos e pretendia retornar a Gonzaga ainda em 2009 (não confirmo o retorno do esposo, pois até setembro, período que permaneci na cidade, ele ainda não havia retornado). O casal planeja ampliar e investir no salão de beleza. Entusiasmada, ela diz que ambos já programaram fazer compras de material e estrutura para o negócio na capital do estado de São Paulo.

O que destacou na conversa foi sua explicação de não ter emigrado com o marido, o motivo de ter permanecido no Brasil foi para poder cuidar do filho de cinco anos. Ela afirma que uma criança precisa ter atenção materna e caso ela fosse para os Estados Unidos, provavelmente, trabalharia tanto quanto o marido e deixaria o menino

sozinho aos cuidados de terceiros. Daniela diz estar feliz pelo retorno do marido porque já estava se sentindo cansada e solitária, pois ela coordena a construção da casa, administra o dinheiro proveniente da imigração e educa o filho. Nestas circunstâncias familiares notei que a imigração é aceita e extremamente valorizada pela população gonzaguense. Daniela não tem problema com os familiares do seu marido, pois, em suas palavras, ela se dedicou ao casamento e à criação do filho, ademais os familiares do marido freqüentam sua casa constantemente, o que não incita comentários maledicentes por parte de parentes, nem de vizinhos.

A maioria das mulheres que possuem relação conflituosa com a família do marido diz ter o espaço doméstico invadido moralmente, pois não controlam este ambiente sem a interferência da opinião de algum parente do homem. A intromissão constante dos familiares na dinâmica da casa é considerada uma ameaça na opinião das mulheres, pois podem surgir intrigas e conflitos entre o casal devido ao fato do esposo, geralmente, considerar a opinião da sua família e não da esposa. A próxima situação retrata esta interferência da família na rotina de um casal, narrada pela informante Carla.

A influência dos familiares do marido ocorre desde a época do namoro do casal, mantendo-se até os dias atuais. Na época em que eles namoravam, cerca de quinze anos atrás, um namoro que perdurasse pouco mais de um ano não era tolerado pela família da mulher, principalmente, quando a mulher já namorara outros rapazes. Assim, o jovem casal quando completou pouco mais de um ano de relacionamento sofreu imposição de ambos os lados familiares para concretizar o casamento civil e religioso. Depois de se casarem, em poucos meses de união o marido foi trabalhar no Rio de Janeiro e em seguida em Belo Horizonte.

Carla permaneceu em Gonzaga sobre a vigilância constante da família do marido, pois a primeira residência do casal era uma casa vizinha aos sogros. Com as imposições severas da sogra, Carla era controlada até mesmo para visitar sua mãe e irmãs. Enquanto, o marido a visitava numa média de três a quatro vezes por ano e mesmo com essa ausência ele a obrigava a ajudar os seus pais nos serviços da roça e domésticos. Carla só conseguiu uma maior liberdade quando nasceu a primeira filha, naquele momento ela constituiu o seu próprio núcleo familiar. Entretanto, ainda com a ausência do marido, a sogra e o sogro controlavam minimamente suas idas e vindas pela cidade.

A distância do casal fez com que o marido se relacionasse com outras mulheres no Rio de Janeiro – ele admitiu todas as traições à esposa e este foi o primeiro grande conflito do casal. Carla pediu a separação e durante alguns dias voltou a morar na casa de seus pais, mas ela se revolta ao lembrar-se dessa época porque a cidade comentava que o fim do casamento era sua responsabilidade, pois se o marido arrumou uma amante isto foi em consequência dos atos da esposa que não teria cumprido bem o seu papel. Carla sentiu-se triste e humilhada com a situação e com quinze dias de separação, o marido pediu a reconciliação. Ela aceitou reatar com o marido, pensando nas consequências de não conseguir sustentar a filha sem a presença dele e pela influência de sua família, que considera mulher divorciada motivo de vergonha. A família de Carla jamais a aceitaria na condição de divorciada.

Mesmo com a reconciliação o marido continuou trabalhando fora da cidade e neste tempo nasceram mais duas filhas. Com o aumento das despesas da casa ele decidiu emigrar para Portugal e lá ele permaneceu durante um ano e oito meses. Carla garante que a partir da mudança dele a qualidade de vida dela e das filhas melhorou, principalmente, porque o marido alugou uma casa maior devido ao nascimento das outras filhas e a ausência dele proporcionou liberdade e “*tranqüilidade*” na casa, inclusive os familiares de Carla passaram a frequentar sua casa. Apesar desta liberdade estar sob controle pela família do marido, que observava toda a rotina da casa e repassava todas as informações a ele, a esposa conseguiu controlar todas as discórdias geradas pelos entes do marido.

Depois de retornar de Portugal, o marido seguiu sua trajetória de trabalho para os Estados Unidos. Ele contou com a ajuda do cunhado, marido da irmã de Carla e por mais oito anos o marido de Carla trabalhou em terras estrangeiras. A única queixa da esposa sobre a ausência do marido é que ele não pode acompanhar o crescimento das filhas e a construção das duas casas, para Carla esta omissão é a causa para que o marido não valorize a dedicação dela enquanto dona de casa e mãe de família. Ela se entristece por não ser reconhecida como uma “*boa esposa*” e afirma que os conflitos atuais do casal derivam desta falta de reconhecimento.

A não valorização do papel social de “*boa esposa*” revolta Carla, ela crê que são poucas as mulheres felizes no casamento na cidade porque a maioria acata as ordens e pedidos dos pais para se casarem. Carla perdeu o respeito por seu marido porque ele nunca valorizou o fato dela ter se dedicado integralmente às vontades dele. Ela investiu

todo o dinheiro do trabalho na construção dos imóveis, automóveis e na educação das filhas, conforme a preferência dele, além disso, Carla afirma que a reputação dela e das filhas nunca esteve nos círculos de fofoca. Entretanto para o marido e seus parentes a esposa merece críticas, pois ela participa regularmente das festas organizadas por seus parentes, com isto, os familiares do marido acusam Carla de gastar dinheiro desnecessário com as filhas porque elas usam roupas consideradas elegantes e caras para os padrões da cidade e que as garotas não possuem consideração e respeito com os parentes paternos.

Depois que o marido voltou dos Estados Unidos os conflitos entre o casal e dele com as filhas aumentaram porque, enquanto pai, ele retomou sua autoridade e hierarquia controlando os horários e o funcionamento da casa, porém as filhas não o obedecem com regularidade e elas contam com o apoio da mãe para enfrentar o poder paterno. O marido considera um absurdo Carla não obedecer todas as suas ordens e ainda a responsabiliza pelo fato das filhas não demonstrarem autoridade nem afeto por ele. Apesar dos conflitos entre o casal terem se acirrado Carla só cogita a separação quando as filhas não precisarem depender financeiramente do pai, enquanto isto, ela diz que suporta o casamento porque não quer ser rotulada como divorciada, prejudicando assim o futuro de suas filhas.

3.2. O casamento e a constituição da família:

Com estes exemplos de campo faço a associação com a análise de Abreu Filho (1982) para entender o parentesco em Gonzaga. Nota-se que há um conjunto de categorias que definem o parentesco através do sangue, nome de família (qualquer pessoa em Gonzaga se identifica pela origem da família) e herança familiar (o comportamento, características da personalidade de um indivíduo são atribuídos como herança da família). O sangue aparece como a categoria que dá conta da ordem da natureza e da articulação desta com a cultura, ou seja, a pessoa nasce moralmente constituída, representante de uma família, evidenciando que o indivíduo não está no plano principal nem a classe como unidade básica de avaliação, mas sim a família (ABREU FILHO, 1982, p. 99). Nas descrições anteriores vemos como as mulheres são avaliadas dentro de seus núcleos familiares (as pessoas do casal), o status dessas mulheres é atribuído pelos próprios familiares como também pelos parentes dos

maridos, de modo que elas são julgadas dentro de uma moralidade que as definem no papel de esposa e de mães.

O nome da família se relaciona com a categoria do sangue pelo motivo de que aquele se constitui como um “operador de comparações entre famílias e como um mediador da passagem da condição de indivíduo à de pessoa” (ABREU FILHO, 1982, p. 100). A categoria do nome é essencial para o estabelecimento da rede sócio-moral das pessoas, o sobrenome do indivíduo se forma pela junção do sobrenome do homem e da mulher. No casamento a mulher entra para a família do marido, por isto na ausência dele, principalmente por circunstâncias da emigração, a esposa fica sob a vigília dos familiares do esposo. Entrelaçado as duas categorias a herança de família explica a hereditariedade moral da ascendência e descendências das famílias, a categoria define as qualidades e fronteiras de universo do consangüíneo, isto no plano físico, moral e nos comportamentos. Assim, o status da família está contido nas categorias de sangue e nome, “pois se realiza a possibilidade de avaliações dos comportamentos onde se sublinha o desempenho pessoal” (1982, p. 103).

A união entre um homem e uma mulher então confirma a herança, nome e sangue de família, isto através de certas atitudes que sublinham as distinções entre gênero. De modo que o casamento ocorre e se mantém através do comportamento da mulher, ou seja, da sua conduta moral. A mulher aparece como fundamental para a perpetuação da herança da família, isto explica porquê a família do homem vigia intensamente a esposa, detalhando que a sogra tem papel fundamental sobre esta vigília. Na descrição de Carla, ela afirmou que um dos motivos para que ela e o marido não se separem, foi o fato de Carla perdoar a traição do marido preservando o casamento, e porque a sua sogra, embora não aceite a educação que Carla dá as netas, admite que ela seja uma boa esposa, pois enquanto aguardava o retorno do filho, Carla soube cuidar da casa e investir corretamente as remessas de dinheiro enviadas pelo marido e, principalmente, não levou o nome dele às rodas de fofocas ou pré julgamentos de traições ou outro comportamento não aceito pelos padrões da cidade.

De acordo com Piscitelli (1990), o casamento é, sem dúvida, o elo entre a linha de parentesco mediante o qual se transmite propriedade, poder e prestígio, assim, na escolha do parceiro a família opera como uma doadora de posição social para sua descendência, reproduzindo uma hierarquia social. Para exemplificar o que é considerado o casamento ideal laçado as relações de parentesco gonzaguense, segue a

descrição de uma adolescente que começou a namorar um rapaz do colégio e sua família não aprovou o namoro.

O namoro foi classificado como um romance de adolescentes (sem seriedade de uma união estável), o garoto precisou conversar e pedir o consentimento do namoro para o pai dela. A mãe da garota descontente, disse que a filha precisava namorar um homem mais velho e que tivesse mais objetivos na vida, pois a família do garoto possui uma herança que não lhe favorece, os homens possuem fama de não trabalhar e geralmente se envolvem em situações ilícitas, há boatos de que o pai do rapaz já foi preso por furto, logo o filho dificilmente terá outro destino que não semelhante aos de seus familiares.

O namoro dos jovens não durou muitos meses, já que a família da menina incentivou o término do relacionamento para ela começar outro romance com um rapaz oito anos mais velho. Este novo pretendente pertence a uma família conhecida da jovem, com proximidade de parentesco entre ambas as famílias³⁸, além disso, o novo namorado já possui um emprego estável (funcionário público). Com o apoio de ambas as famílias, em menos de um ano o relacionamento, o jovem casal já concretizou o matrimônio. A jovem abandonou seu sonho de finalizar os estudos, pois ela dizia que seu sonho era tornar-se policial e jamais pensaria em casamento sem antes concretizar sua formação profissional. Assim, com tamanho incentivo das famílias e a valorização do casamento na subjetividade feminina gonzaguense, o desfecho não poderia ser outro para a garota.

A perspectiva das mulheres amplia a análise sobre a reflexão entre as distinções de gênero e a constituição da casa, de acordo com Machado, I. (2010) o debate sobre a importância da casa como um esfera moral começou com Lévi-Strauss na década de 1980 que promoveu a valorização do interior da casa, pois é no seu interior que estão os principais aspectos os quais se desenvolvem a vida social tanto na esfera econômica, política e de parentesco. Nas discussões mais atuais Strathern e principalmente Carsten, estenderam a noção de casa “*como um universo das relações mais fundamentais da vida das pessoas ao redor do globo*” (MACHADO, 2010, p:11)

³⁸ A garota é sobrinha da esposa do tio paterno do jovem, de modo que eles se conhecessem desde a infância.

Apoiada nos trabalhos de Strathern, que enfatizam como os sujeitos são fruto de relações que constroem e desconstroem ao longo da vida, Carsten elabora análises sobre as relações que se constroem no interior da casa, preocupada basicamente com a noção complexa de substância. Segundo a autora, a comensabilidade se relacionaria à co-substancialidade, estimulando relações variadas (desde proibições de incesto até regras de etiqueta) (MACHADO, 2010 p.11).

Compartilhando desse aporte teórico que o interior da casa é construído e desconstruído ao longo da vida pessoas, entendemos o porquê as descrições sobre a perspectiva feminina preocuparem-se com o casamento e com sua reputação moral perante familiares e conhecidos. Ao longo do campo foi recorrente nas falas a preocupação dessas mulheres em como elas deveriam se comportar, no caso das jovens, estas são incentivadas a buscarem um bom casamento, pois assim serão respeitadas por suas famílias.

Dessa maneira, a construção da subjetividade da mulher gonzaguense perpassa a construção da família e a manutenção de sua casa (moral), logo vemos que os discursos pautam a preocupação dessas mulheres com o reconhecimento dos outros, com a imagem na esfera pública. E para aquelas que não conseguem concretizar este ideal de casamento a emigração surge como um mecanismo que auxilia a manutenção das relações da casa. Deste modo, notamos o quanto a constituição de família se faz importante no desempenho da pessoa gonzaguense. Como exemplo segue mais um relato de uma jovem, que foge dos padrões da cidade por ainda não ter se casado, incomodando-se com as críticas que recebe das outras mulheres, amigas e parentas, devido sua posição de solteira.

Regina relatou sua opinião sobre o que é ser mulher em Gonzaga. Primeiramente ela afirmou que Gonzaga não oferece crescimento profissional, mas oferece oportunidade para firmar bons casamentos e maternidade, nas suas palavras, “*ter uma vida boa e tranquila*”, opondo-se às preocupações dos moradores de cidade grande, como a violência, trânsito, urbanização. Regina quis contrapor a trajetória dela com suas outras duas irmãs, todas tiveram oportunidade de fazer faculdade, porém as irmãs nunca abandonaram suas relações com a cidade devido aos namoros já firmados em noivado.

Regina e as irmãs estudaram em Governador Valadares, mas apenas suas irmãs retornavam a Gonzaga todos os fins de semanas para visitar a família e os respectivos namorados. Depois de formadas, as irmãs logo se casaram e hoje já são mães e atuam profissionalmente na cidade, mas segundo a jovem solteira, as irmãs não vêem nenhuma outra projeção para vida como, por exemplo, melhorarem profissionalmente, viajarem,

entre outras coisas que Regina almeja; as irmãs garantem que a felicidade consiste nelas se dedicarem a casa, aos filhos e aos maridos. É interessante mencionar que uma das irmãs aguarda o retorno do marido que trabalha em Portugal e a outra irmã apesar de estar casada há pouco tempo já diz que o relacionamento conjugal não vai bem porque o marido tem freqüentado muito bares. Isto é algo preocupante para o futuro, pois o marido já dá indícios que se esquivará das suas obrigações de esposo.

Regina por ser solteira é alvo de comentários maldosos da sua família e das amigas porque ela está com 26 anos e sempre se envolveu em relacionamentos amorosos passageiros, algo que não é bem aceito entre as mulheres da cidade. Ela se justifica contra os comentários afirmando que sua pretensão é mudar-se de cidade porque não almeja o mesmo estilo de vida das irmãs, ela deseja crescer profissionalmente passando em algum concurso público, algo a que já se dedica há um tempo. Ela afirma sofrer com o preconceito das outras mulheres que não aceitam o pensamento de priorizar a carreira profissional em detrimento do casamento.

As poucas mulheres que conquistam um ofício, para além do trabalho de doméstica ou babás, são apontadas pela população como mulheres “*enjoadas*”, “*metidas*”. Aquelas que resolvem trabalhar fora, até no exterior, sofrem com as críticas. Algumas mulheres, que não recriminam estas outras que trabalham fora, como Regina, afirmam que as mulheres em Gonzaga não são educadas para terem liberdade de escolha, pois desde crianças são estimuladas a desejarem o casamento, aprenderem os afazeres domésticos (relembrando a situação da escola em que as meninas são escolhidas para organizarem o refeitório) e compartilhando a concepção de que o sustento da casa tem que ser provido pelo homem.

3.3. A emigração enquanto um valor social gonzaguense:

O discurso feminino gonzaguense quando questiona as limitações impostas pelo casamento, como a dedicação à criação dos (as) filhos (as), o cuidado com os idosos da família, além da organização da casa permite comentários que questionem a sua fidelidade. Não é tolerável a traição conjugal por parte da mulher, mas caso a traição ocorra, esta é marginalizada e excluída das relações sociais - mercado de trabalho, relacionamento afetivos, afastamento dos círculos de amizades femininas. Nas duas próximas estórias veremos que um dos meios utilizados para as pessoas ou

concretizarem a manutenção da casa (moral) ou fugirem da situação não bem sucedida de casamento é através da emigração.

Ana foi criada numa família pobre na zona rural de Gonzaga, tanto ela como suas irmãs viam no casamento a solução para fugir da pobreza e da violência do pai. Ana e as irmãs eram conhecidas na cidade tanto pela beleza física quanto pela agressividade com que o pai as tratava, boatos acusam o pai de ter abusado sexualmente de Ana. Para fugir dessa situação a moça casou-se com o primeiro namorado. Na noite de núpcias o marido descobriu que ela não era virgem, embora ela tenha explicado sobre os abusos sexuais do pai, o marido enfurecido não a perdoou e tentou anular o casamento. Porém, a família do marido entendeu a situação da moça e convenceu o rapaz a não desistir do casamento. Ao passar o tempo, o casal teve dois filhos, e o marido complicou ainda mais o relacionamento e a vida da esposa, pois ele a proibia de sair de casa tratando-a como uma serviçal.

Os comentários da população diziam que Ana era uma grande sofredora, pois apesar de ter se livrado das agressões do pai, ela não teve um bom casamento. Porém, a vida dela começou a mudar quando o marido decidiu imigrar aos Estados Unidos, os irmãos dele já estavam trabalhando lá e o ajudaram na emigração. Como o previsto, ele deixou a mulher e os filhos a vigia da sua família, que continuou a restringir a liberdade dela e enviava pouco dinheiro para o sustento da casa. A mulher exausta daquela situação decidiu fugir com os filhos, ela ainda teve o apoio de algumas amigas e das suas irmãs e, assim, seguiu para São Paulo.

Durante alguns anos Ana não mandou notícias a ninguém, somente após algum tempo ela retornou a Gonzaga para visitar as irmãs. O reencontro entre as irmãs precisou ser escondido para não causar conflito com o ex-marido, que já havia retornado dos Estados Unidos e nem com os esposos das outras irmãs, pois Ana é considerada pelos homens como um péssimo exemplo às outras mulheres. Algumas informantes consideraram corajosa a atitude de Ana, pois os boatos dizem que ela conquistou sucesso em São Paulo por ter arrumado bons empregos e de ter encontrado a felicidade amorosa com outro homem que não a julgou por seu passado e ainda assumiu seus filhos, constituindo uma nova família. Entretanto, os comentários garantem que Ana não tem pretensão de voltar a morar em Gonzaga.

Outro exemplo de casamento atrelado à imigração é o caso Joana. Ela enfrenta problemas com João, primeiro companheiro e pai dos dois primeiros filhos. A união

dela não foi através da Igreja, nem no civil, como dizem as gonzaguenses ela foi “*juntada*”, assim, a vizinhança não atribui o status de esposa, classificando Joana como “*a mãe dos filhos do João*”. Após nascerem as duas crianças, o rapaz emigrou para os Estados Unidos e lá trabalha faz cinco anos, por algum motivo desconhecido, ele parou de enviar dinheiro aos filhos. Joana ao enfrentar dificuldades financeiras e acreditando ter sido abandonada por João, iniciou outro relacionamento. Por conseguinte, passou a morar com um segundo companheiro e desta nova relação nasceu outro filho.

João ao saber que Joana teve outro filho, enfatizando a traição dela, ele jurou de morte a criança e o atual companheiro da ex-mulher. O segundo companheiro de Joana com medo das ameaças fugiu para outra cidade sem dar qualquer assistência a ela e ao filho. Os comentários na cidade afirmam que João liga para seus filhos pedindo para que as crianças matem o irmão caçula como punição para a “*safadeza*” da mãe. As crianças estão assustadas com a atitude do pai e não há um vizinho que não acredite na promessa de morte, pois os irmãos de João são famosos na região por serem violentos (herança de família).

Joana perdeu o apoio da sua família, mesmo estando sobre a ameaça de morte e com dificuldades para sustentar seus filhos, as outras mulheres julgam-na estúpida pelo fato dela ter se envolvido com outro homem, sem antes ter definido a separação do primeiro companheiro. Para as mulheres é óbvio que o resultado desta história resultaria em confusão, pois Joana não apresentou um comportamento digno de “*boa esposa*”, ela não foi fiel ao primeiro companheiro e no primeiro momento de dificuldade dele no exterior ela rompeu a união e começou outro namoro. As informantes a acusam de não ter pensado nos filhos. Os comentários especulam que com o retorno do primeiro companheiro ela irá para “*a rua*”, ficará sem ajuda dos pais de seus filhos, afinal já é esperado este tratamento às mulheres marcadas pela circunstância de traição, independente do rompimento ou abandono do homem.

3.4. A emigração para os homens:

Até o presente momento podemos observar que as descrições apontam a distinção do gênero articulado entre como as pessoas se relacionam entre a esfera pública e doméstica. Claro que há o cuidado de enfatizar que esta noção parte dos discursos femininos a respeito dos questionamentos sobre a imposição do casamento,

numa referência à família patriarcal de Gilberto Freyre (ABREU FILHO, 1982, p.95), em que a mulher é educada e valorizada para permanecer no ambiente da casa e quando alcança o casamento, projeta um novo status social perante seus familiares e a relação com os novos parentes.

Porém, o que parece ser um fardo ou glória para as mulheres é também um artifício para cobrar e reafirmar o comportamento dos homens, a educação dos meninos, como se observa no segundo capítulo. Para o homem se afirmar perante a família e a sociedade gonzaguense cobra-se a formação de família, caso isso não aconteça no início de sua juventude, os rapazes são influenciados a logo trabalharem para conseguirem construir suas próprias casas, seguido de constituir o próprio núcleo familiar. Como veremos adiante, aqueles homens que não executaram essa tradição de perpetuar o sobrenome da família ou tiveram uma falha ao constituir o núcleo familiar acabam difamados por outros homens, além das mulheres solteiras evitarem qualquer envolvimento afetivo com eles. Deixo claro que, esta perspectiva que aponto nas descrições de campo é oriunda das opiniões e conversas geradas com o principal grupo de informantes, mulheres cristãs, logo não pretendo generalizar estas descrições com o discurso hegemônico da população. Entretanto, estas informações nos auxiliam a pensar o fenômeno migratório enquanto uma série de entrelaçamentos das relações econômicas, históricas e culturais/ parentesco.

Descreverei outro caso que mostra uma situação de imigração que não teve grande êxito no reconhecimento da família, pois o pai emigrou para o exterior e não cumpriu as expectativas da esposa e das filhas, que permaneceram em Gonzaga aceitando o controle da família dele. Marcos, quando decidiu imigrar para aos Estados Unidos, não considerou a opinião da esposa e das filhas sobre esta escolha, somente argumentou que aquela seria a melhor opção para família enumerando uma série de promessas como: a reforma da casa, carro, computador, presentes e estabilidade financeira. Inicialmente Marcos conseguiu se fixar rápido no país norte americano, tanto que ele ajudou seus irmãos, os irmãos da esposa e outro cunhado a emigrarem para lá.

No período que ele viveu no exterior ainda havia abundância na oferta de emprego, de modo que, segundo a cunhada ele ganhou muito dinheiro, mas por não confiar na esposa, ele não permitiu que ela administrasse as remessas e toda a economia foi repassada à mãe dele, que controlou as necessidades das netas e da nora. A família de Marcos calculava e estipulava os gastos da esposa e das filhas repassando uma

quantia em dinheiro, que ainda as deixavam enfrentando algumas necessidades. O retorno de Marcos era muito esperado pelas filhas e pela esposa que acreditaram que ele ainda traria uma enorme quantidade de presentes, pois nos telefonemas ele dizia que estava trabalhando regularmente e que havia economizado uma boa quantia de dinheiro para o núcleo familiar.

Marcos permaneceu no exterior durante cinco anos, enviou somente uma caixa de presentes às filhas. Geralmente, os pais imigrantes enviam muitos presentes aos filhos, cuidados como este simbolizam que o homem se preocupa com o bem estar da família. No entanto, Marcos retornou sem cumprir a promessa que havia feito para a família, o que foi uma decepção para as filhas. E com ele em Gonzaga, o controle do dinheiro ainda permanecia com sua mãe e, mesmo assim, a reforma da casa começou, mas nada da construção levou a opinião ou ajuda da esposa, o que a deixou extremamente ofendida.

A esposa especula que parte do dinheiro que o marido economizou ainda continua sobre o poder da sogra, pois ela e as filhas não usufruem de uma possível ascensão financeira. Esta desconfiança da esposa ocorre através de algumas evidências do que ocorreu com os irmãos dele, que imigraram na mesma época e fizeram trocas de terrenos e negócios tirando vantagem sobre Marcos. Os irmãos conquistaram diversos bens imobiliários, construíram comércios, enquanto Marcos continua na busca por trabalhos esporádicos de pedreiro.

Depois de ver a ascensão dos parentes paternos, a proteção da avó paterna com os outros netos, a filha primogênita de Marcos entrou em depressão e demonstra grande revolta contra o pai. A mãe afirma compreender a revolta da filha, pois Marcos não demonstrou confiança na sua própria família. A garota não esconde que considera o pai um fracassado, pois também desconfia que o pai tenha sido enganado e roubado pelos irmãos e pela própria avó, que controlaram todo o dinheiro enviado por ele.

A segunda filha, adolescente com treze anos de idade, já trabalha de babá para complementar o sustento da casa, embora não tenha depressão como a irmã mais velha, a tia materna da garota relembrou o quanto foi marcante o retorno do pai para a sobrinha. A garota depois de presenciar o retorno de um dos tios dos Estados Unidos, que presenteou as primas (com computadores, roupas, aparelhos eletrônicos), chorou escondida porque a fez lembrar-se da promessa não cumprida do pai acusando-o de não ter feito nada para cuidar da família – Marcos possui muitas dívidas no comércio da

cidade, a esposa quase não sai de casa porque tem receio e vergonha de ser cobrada pelos credores.

A tia retomou o problema da sobrinha, que passa por tratamento psicológico, explicando que a garota menospreza o pai devido ao sofrimento que ele casou com sua ausência, e este afastamento não foi recompensado com a reforma da casa e com estabilidade financeira, contraditoriamente, a garota não admite a possibilidade de o pai trabalhar novamente em outra cidade, para ela não vale a pena lidar com a ausência se ele não tem capacidade para sustentar a casa. A garota tem medo que a avó paterna controle novamente a casa.

Aqueles que não conseguem ter sucesso com imigração acabam recriminados como é o caso de Marcos. A abundância de histórias como esta última, revela que a centralidade da questão migratória não é a situação de quem emigra, mas sim daquelas que ficam em Gonzaga. Muitas mulheres são infelizes no casamento ou porque o marido não consegue proporcionar uma estabilidade financeira para a casa, ou porque o casamento foi uma situação forçada para que a mulher não permanecesse solteira. Na situação das mulheres que se casaram por imposição, elas dizem que a decisão de emigrar dos maridos resultou nos melhores momentos do relacionamento, por que não era necessária a convivência entre o casal, mesmo com a vigilância da família do homem, estas mulheres diziam sentir maior liberdade, momentos de lazer com os filhos, afinal a casa estava livre para visitas das mães, das irmãs e cunhadas, pois com a presença do marido a frequência dos familiares da mulher tornam mais escassas.

A preocupação dessas mulheres é manter o respeito da sociedade local, através do casamento, da religião e do núcleo familiar, principalmente, quando o marido ou noivo dessas mulheres encontram-se migrados, elas precisam ainda maiores cuidados para não ser alvo de questionamentos e fofocas, pois isto pode abalar a estrutura do casamento e do funcionamento da casa. A imigração também determina a capacidade da pessoa ser astuta e responsável, porque proporciona crescimento financeiro e isto é um atalho para o indivíduo obter o respeito dos familiares e vizinhos, como também pode ser um meio para que casais consigam manter o matrimônio, pois alguns relatos de mulheres que se casaram por imposição disseram que emigração do marido foi uma solução para evitar brigas e o desconforto de conviver com alguém que não se ama.

A migração como solução para um casamento “forçado” para a mulher está no relato de uma mulher jovem (cerca de 30 anos de idade), casada e com dois filhos, um

menino de oito anos idade e outra menina com dois anos. Na juventude ela namorou diversos rapazes, mas com último namorado pelo qual ela não era apaixonada, engravidou. Com medo que a notícia da gravidez percorresse a cidade e começasse um julgamento moral contra a moça, a família dela não hesitou em forçar o casamento dos jovens. Após o nascimento do primeiro filho, o marido imigrou para os Estados Unidos, neste tempo de separação, ela coordenou a construção da casa e de uma mercearia, que hoje é a atual renda da família.

Ela afirmou que enquanto o marido estava trabalhando longe era fácil manter o casamento porque ela coordenava toda a casa e não havia interferência da família do marido. Mas depois do retorno do marido para Gonzaga o relacionamento se agravou, pois ele passou a controlar a rotina dela, obrigando-a trabalhar na mercearia e privando-a de fazer qualquer outra atividade. A loja funciona de segunda a sábado e nos poucos horários livres ela cuida dos filhos e somente nos feriados o casal visita os familiares. Nas conversas ela reclamava da autoridade do marido e afirmava ser uma questão de tempo para ela pedir o divórcio, ela diz que esperará os filhos crescerem para que possam entender o divórcio, pois como ainda são crianças, ela pensa no conforto dos filhos já que a separação poderá causar trauma na vida deles.

Este é um exemplo dos vários relatos femininos que desejam o divórcio, mas apesar de ser um discurso comum entre as mulheres, poucas gonzaguenses se divorciaram e as justificativas para a separação sempre são consequências do casamento por imposição e por não conseguirem manter a convivência com os esposos. Interessante notar que a imigração, além de estar vinculada à relação de trabalho e associada à responsabilidade do homem, é um meio que também indica a conduta moral das pessoas, o que neste sentido pode auxiliar no casamento, afinal a separação temporária de migração em prol da manutenção da casa garante menos conflitos entre a esposa e autoridade imposta pelo marido. A imigração em muitos casos aumenta os laços do casamento, como também tem o poder de destruir a relação porque pode afetar a conduta do homem quando retorna para Gonzaga, muitos que não conseguem outro trabalho acabam prejudicando sua imagem perante familiares e conhecidos.

A história a seguir é um exemplo relevante para entender a relação entre migração, papéis sociais e matrimônio. A informante falou sobre sua dificuldade de conviver com o seu marido depois do casal ter retornado de um período de trabalho nos Estados Unidos. Cora quando jovem nunca fora a mais disputada entre os rapazes para

namorar, as fofocas diziam que ela estaria fadada a ficar solteira e que nenhum homem a procuraria para casar, do contrário só se fosse por interesse financeiro, pois seus pais são antigos comerciantes, apresentando uma situação econômica estável para os padrões da região. Já próxima dos trinta anos de idade ela iniciou um relacionamento com um homem mais jovem e em pouco tempo eles se casaram. O marido pertence a uma família considerada pobre, moradores e trabalhadores nas roças, em consequência, a família de Cora não aceitou o casamento. Cora disse que naquela época ela teve raiva dos pais e para provar que eles estavam errados quanto ao seu casamento, ela e o marido decidiram juntos trabalhar nos Estados Unidos, pois o casal não queria receber ajuda da família dela, garantindo total independência.

A comerciante afirmou que enquanto viveu nos Estados Unidos o casal mantinha um ótimo relacionamento, pois ele trabalhava assiduamente, mostrava-se presente na criação da primeira filha (nascida em território norte americano). Após anos trabalhando como faxineira, a comerciante começou a ter problemas de saúde vinculados ao excesso de serviço, sem condições de ter o tratamento adequado, o casal retornou para Gonzaga. No Brasil, o casal já havia construído a casa onde reside atualmente, um comércio e mais alguns imóveis para alugar. Porém, mesmo com os problemas de saúde somente ela coordena o comércio e a rotina da casa. Já o marido mudou sua atitude, parando de auxiliar a esposa na educação das duas filhas (a segunda filha nasceu no Brasil). A esposa diz que ele voltou para Gonzaga para tornar-se um alcoólatra, pois desde que chegou à cidade mineira somente frequenta os bares. A mulher admite estar exausta com a situação, mas não cogita separar-se do marido, mesmo afirmando que ele não *“presta para mais nada”*. Nostálgica, ela disse sentir saudades da época que era imigrante, pois o marido cumpria com as funções de bom homem, trabalhador, pai e marido presente.

Dos relatos femininos compreendemos como se dá a formação da casa e como as pessoas a mantêm. O fundamental do discurso feminino é que pudemos notar a distinção complementar entre masculino e feminino. A mulher é integralmente referida à família e ao lar (ABREU FILHO, 1982, p.103), definida como um símbolo do lar, da moral doméstica. O homem aparece no discurso feminino referido ao domínio do público, ao trabalho fora de ambiente doméstico. Claro que a avaliação dos comportamentos ocorre em função de diferentes critérios, para as mulheres o vínculo da moral sexual e ao casamento é forte, já o homem é relação do trabalho e proteção da

família. Porém, a distinção complementar se funde com a formação da família, nos dados de campo as mulheres revelaram suas preocupações com o casamento, preservar sua moral perante os comentários alheios e principalmente ter o reconhecimento, status de boa esposa; e através disso há cobranças sobre as obrigações masculinas, que podemos descrever como a disposição do homem para formar e manter um núcleo familiar.

Os casos aqui expostos indicam que as relações em Gonzaga podem ser enfraquecidas ou fortalecidas através tanto dos meios de convivialidade, como da produção de parentesco através e também de meios que não o da convivialidade, já que imigração auxilia na manutenção de muitos núcleos familiares, pois o envio de remessas e os que bens materializam a relação entre pais e filhos, este consumo, como demonstrado nos relatos de campo, não é apenas uma questão econômica. Na importância da formação de um núcleo familiar, os discursos expõem regras de comportamento que indicam como devem atuar nos espaços de convivências, como também revelam os comportamentos que as mulheres exigem dos homens.

Admito não ter tido contato e muitos relatos masculinos a fim de tratar a perspectiva masculina, mas através da feminina temos algumas informações fundamentais para entender o contraste entre a imagem de Jean Charles vinculada na mídia e a repercussão da sua morte da cidade. Afinal, todos em Gonzaga enxergam-se em suas relações familiares ou na projeção de formar o próprio núcleo familiar, porém tanto a mídia quanto o filme, reportagens todas acompanhadas pela população, retrataram um Jean Charles solitário um indivíduo marcado pela ausência de preocupação familiar, sua imagem é exposta como o imigrante marcado pelas instituições de Estado e mercado, numa eficácia institucional com predisposição valorativa do individual.

3.5. O discurso das mulheres e apontamentos para análise de Jean Charles.

Não há como deixar de mencionar a repercussão da estréia do filme de *Jean Charles* na cidade, em julho de 2009, pois envolveu a discussão sobre a vida amorosa de Vivian, prima de Jean Charles. As mulheres de Gonzaga ficaram curiosas e esperançosas com filme para verem na trama o sucesso da moça, afinal ela é uma das poucas jovens mulheres que imigraram e tiveram sucesso independente do êxito do

casamento. Porém, o filme ainda gerou polêmica entre as mulheres porque muitas concordaram com a realidade dos imigrantes gonzaguenses retratada na película.

O interesse delas pelo filme não era sobre como seria abordada a injustiça do assassinato, mas sim no enfoque que a trama trouxe sobre as particularidades de Vivian, a prima de Jean Charles. Segundo as fofocas, Vivian antes emigrar para a Inglaterra vivenciou uma grande decepção amorosa. Ela namorou durante muitos anos um homem influente da cidade, dono de diversos bens imobiliários e de estabelecimentos comerciais. Ele, enquanto namorava afirmava para todos os amigos que jamais se casaria porque considera todas as mulheres gananciosas, assim, ele não permitiria que nenhuma mulher usufruísse das suas economias – atentando que ele foi um dos primeiros homens de Gonzaga a emigrar para os Estados Unidos na década 90. Vivian não questionava o posicionamento do namorado, pois estava apaixonada e ela enfrentava a pressão da família, que não aceitava o namoro justamente porque o moço não assumia o compromisso do noivado. A família da moça já visava que este descaso do rapaz poderia resultar na má reputação dela.

Vivian mudou de opinião sobre o relacionamento depois que o namorado sofreu um grave acidente de automóvel e ficou hospitalizado por um longo período. Ela cuidou do namorado como se fosse esposa, acreditando que depois de recuperado ele fosse pedi-la em casamento. Entretanto, com a total recuperação, ele não fez o pedido de casamento e continuou dizendo aos outros homens que jamais se casaria, com a mesma justificativa de que todas as mulheres só se aproximavam dele interessadas por seu dinheiro. A família dela, indignada com a atitude do rapaz, voltou a influenciar Vivian para terminar o namoro. Os comentários não sabem ao certo o que ocorreu para o fim do relacionamento, mas logo Vivian partiu para a Inglaterra, com a ajuda do primo Jean Charles.

A pré estréia do filme em julho de 2009, com a presença da imprensa, não incomodou parte da população porque a presença dos atores e do diretor na sessão trouxe distração e entretenimento à população, muitos nunca haviam visto cinema e o contato com artistas proporcionou certo entretenimento na cidade. Porém, todos os questionamentos sobre o que filme circundava a respeito da família e da prima de Jean Charles. Algumas das informantes garantem que a ida de Vivian à Inglaterra decorreu da separação do namoro. Apesar de Vivian estar estabilizada no exterior, em situação legal e com emprego, algumas das minhas informantes consideram precipitada a decisão

de emigrar dela, pois acreditam que a jovem poderia ter insistido mais no seu relacionamento e ter se casado com ex-namorado, fofocas garantem que toda vez que perguntam à moça sobre o ex-namorado ela se emociona e mantém silêncio sobre o assunto.

As mulheres, informantes da pesquisa, não questionam o que ocorre com os imigrantes, com o que as pessoas enfrentam fora do país, o que é relevante no discurso delas é a manutenção das relações parentais e o status do casamento. Os dados que pude acessar contextualizam este aspecto da migração. O envolvimento com religião, a manutenção do núcleo familiar e a conduta social são os motores simbólicos que permeiam a vida social em Gonzaga. Não é a toa que o filme foi criticado e não aceito pelas mulheres, pois muitas cenas mostraram Jean Charles trabalhando em situações de ilegalidades, como agenciador de passaportes, empregador de brasileiros, que abusa e aproveita-se maliciosamente de outros brasileiros, por ganância.

As mulheres associaram a narrativa e personagem aos seus parentes, o filme não mostra o personagem Jean Charles como o gonzaguense trabalhador e preocupado com a integridade da família. Outra polêmica do filme levantada pelas mulheres é a cena dos operários brasileiros, que após finalizarem a construção da obra civil ganharam de presente do chefe uma festa com a participação de prostitutas. A cena chocou as moradoras e, segundo elas, muitos que assistiam ao filme deixaram o local, pois consideraram a imagem ofensiva. Obviamente, que para as mulheres é desconfortante imaginar que seus maridos poderiam ter vivenciado uma situação semelhante.

O próximo capítulo mostrará uma análise das notícias de imprensa que retrataram a imagem de Jean Charles e também da cidade de Gonzaga de forma a articular e contrapor com as minhas experiências de campo que revelam aspectos distintos sobre a repercussão da tragédia na cidade.

Capítulo 4: A mídia e Gonzaga

Neste capítulo pretendo tratar como a imprensa brasileira veiculou as notícias sobre o assassinato de Jean Charles, analisando como a população gonzaguense refletiu sobre as representações articuladas pelos meios de comunicação e relação com a migração. Discuto também a polêmica que o filme “Jean Charles”, lançado em julho de 2009, suscitou na opinião dos (as) gonzaguenses.

As reportagens utilizadas para embasar a pesquisa foram coletadas de edições eletrônicas de jornal, de reportagens televisivas e do material eletrônico organizado pelo grupo Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios do Rio de Janeiro (Niem-RJ)³⁹. Não houve pretensão de fazer levantamento estatístico das reportagens, embora o acompanhamento intenso da imprensa eletrônica permitisse ver a grande incidência da imagem de Jean Charles⁴⁰.

4.1. A imprensa e a imigração.

A primeira problematização da presente pesquisa visou entender se a repercussão da morte do brasileiro havia impactado os fluxos migratórios da cidade, pois, inicialmente, meu conhecimento sobre Gonzaga deu-se através do acompanhamento de notícias lançadas imprensa logo após o assassinato de Jean Charles. Devido à influência dos meios de comunicação, surgiu a hipótese de que pudesse ter ocorrido uma diminuição no movimento de migrantes da cidade mineira para exterior. Isso decorrente da relevância com a qual a mídia tratou o caso, explicitando, acima de tudo, a grande comoção coletiva suscitada na comunidade em decorrência ao assassinato.

No Brasil, Gláucia Assis (2008) atenta para o fato de que as primeiras notícias sobre migração retrataram a época da ditadura e os exilados políticos na década de 70. No início da década de 1990, a imprensa brasileira abordou a imigração nacional como um fenômeno recente, pois até então a tradição do país fora marcada por receber imigrantes e exportar emigrantes. As informações produzidas na década de 90 traziam,

³⁹ O material utilizado encontra-se no endereço: http://br.groups.yahoo.com/group/niem_rj/

⁴⁰ Registros referentes ao período de setembro de 2005 a março de 2010. Para exemplificar a alta demanda destas reportagens, ao buscar, no arquivo das imprensas eletrônicas “Jean Charles”, como palavra chave, a incidência de reportagens alcança cerca de quinhentas matérias.

principalmente, fatos sobre os brasileiros vivendo nos EUA, explicando como eram as estratégias para imigrar sem documentação, deportações e a travessia pelo deserto na fronteira entre México e EUA (ASSIS, 2008). Porém, o marco da migração internacional nos meios de comunicação emergiu com os atentados de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos.

A repercussão do atentado fez com que muitos estados nacionais passassem a controlar e vigiar intensamente suas fronteiras. E milhares de imigrantes enfrentaram ainda mais dificuldades de circulação entre os espaços geográficos. A imigração transformou-se numa constante ameaça à segurança nacional de países da Europa (Reino Unido⁴¹, Portugal, Espanha, Itália e entre outros) e dos Estados Unidos. O temor que os ataques terroristas provocaram nestes países ocasionou um maior controle dos fluxos migratórios, pois os ataques foram atribuídos a jovens imigrantes oriundos do Afeganistão ligados à rede terrorista Al-Qaeda. Concomitantemente, esta vigia das fronteiras evidenciou as redes clandestinas de facilitação à migração, por isto todo e qualquer grupo de imigrante foi considerado suspeito, este período foi chamado de “guerra ao terror” (ASSIS, 2008). Desta maneira, os meios de comunicação aumentaram a veiculação de informações a respeito de conflitos envolvidos da migração como o aumento de prisões, deportações e restrições da entrada de imigrantes em diversos países.

Helion Póvoa (2006) em seu artigo “*A imagem da imprensa sobre a emigração brasileira*” levantou notícias publicadas no período de 2001 a 2005, com o intuito de destacar “*a nova situação brasileira de país de emigração como um fato social e político*” (PÓVOA, 2006, p: 26), pois a imagem dos imigrantes está se modificando na sociedade como um todo e o dessa alteração ocorreram através das grandes imprensas. A mídia recorreu aos especialistas e pesquisadores com o objetivo de legitimar seus argumentos que procuravam dar conta de explicar os processos migratórios. Todavia, não se aprofundou a análise desses processos caracterizados por um alto teor de complexidade.

⁴¹ O atentado ao metrô de Londres ocorreu no dia 07 de julho de 2005, o ataque ocorreu com uma série de três explosões em diferentes estações do metrô, em plena luz do dia e em um horário de grande movimento de pessoas, resultando em 52 mortes e 700 pessoas feridas. Assim, o país britânico elevou ao nível máximo o alerta de segurança quanto a entrada de estrangeiros no país. A responsabilidade do ataque foi atribuída a organização terrorista Al-Qaeda.

O interesse da mídia marcado por questões comerciais e financeiras – com o intuito de conquistar público, moldam o cotidiano e espetaculariza diversas situações, dando a elas grande repercussão. Os meios de comunicação no século XXI trataram a questão imigratória sob a luz dos atentados terroristas, do assassinato de Jean Charles e das clandestinidades do processo migratório, sem esclarecer, explicar ou relatar minimamente a dinâmica das relações de sociabilidade numa comunidade ou num grupo marcado por tal fenômeno. O quadro a seguir aponta a ocorrência do tema brasileiro no exterior na imprensa nacional - índice apresentado no trabalho de Póvoa (2006, p. 28):

Tabela 1 – Ocorrências do tema “brasileiros no exterior” no material examinado, por ano

	2001	2002	2003	2004	2005	total
Condições de vida e trabalho de brasileiros no exterior	6	6	3	13	16	44
Remessas de emigrantes brasileiros	2	1	3	1	8	15
Detenção, prisão, deportação de brasileiros por problemas de documentação ou travessia ilegal de fronteira	10	5	4	8	23	50
Envolvimento de brasileiros em tráfico de seres humanos, exploração sexual ou prostituição	8	-	-	10	21	39
Outros temas associados a brasileiros no exterior	7	8	4	10	24	53
Total	33	20	14	42	92	201

Figura 9: Ocorrências do tema “brasileiros no exterior” na imprensa.
Fonte: Hélio Póvoa.

Neste quadro observamos o aumento de notícias a respeito da migração justamente no período que se estende do atentado de 11 de setembro de 2001 (EUA) até o ano do assassinato de Jean Charles, em 2005. Como um exemplo do crescimento no assunto, a imprensa britânica aumentou a veiculação de reportagens sobre a presença brasileira e de outros imigrantes neste país justamente após o atentando terroristas no metrô de Londres e o assassinato do brasileiro pela polícia britânica. As matérias geralmente tratavam das condições de vida e do crescimento do número de brasileiros imigrantes, sobretudo daqueles em situação irregular realçando questões como: clandestinidade, falsificação de documentos, deportações e prisões. Já outros noticiários trouxeram como tema a deterioração da vida dos brasileiros em sua pátria, vinculando a questão

migratória aos altos índices de desemprego, as situações de violência e as desfavoráveis condições sociais no país. Fatores estes que seriam prováveis causas pelas quais jovens brasileiros, como Jean Charles, buscam oportunidades no exterior (PÓVOA, 2006).

No Brasil, no ano de 2005, a Rede Globo, mídia nacional de grande alcance populacional, transmitiu a telenovela “América” entre os meses de março e novembro. O tema central da teledramaturgia foi a migração de brasileiros para os Estados Unidos. No período em que a novela esteve no ar foi expressiva e incomum a presença da temática nos noticiários do país. No mês de setembro do mesmo ano houve o assassinato de Jean Charles, conseqüentemente, as notícias sobre os fluxos imigratórios internacionais ganharam maior destaque na imprensa como um todo.

É significativo que essa presença de informações sobre migração esteja vinculada ao fato de que em nossa sociedade a televisão é preponderante no sistema de comunicação, sendo hoje o maior meio de comunicação no Brasil. Como apontam os dados do IBGE (2006) cerca de 94% dos domicílios possuem um aparelho de TV⁴², ou seja, a televisão alcança quase todos os lares, atingindo praticamente toda a população, o que evidencia ainda mais o aspecto central dela nos meios comunicativos. A maioria dos canais de TV aberta no país são empresas privadas e se caracterizam como emissoras comerciais. A televisão, assim como outras imprensas (rádio, jornal, revista), mantém a programação através da venda dos espaços comerciais, pois “*a publicidade sustenta os custos da produção e distribuição da mídia, e a mídia oferece uma audiência pronta para os anúncios*”⁴³ (ALMEIDA, 2001, p.08) Este contexto brasileiro fez da televisão o padrão hegemônico de transmissão “*determinando estilo de vida e padrões de consumo tidos como mais ‘modernos’ e aceitáveis*” (ZANINI, 2005, p. 703), o que vem destacar a importância desta na influência sobre as outras grandes imprensas nacionais.

Heloisa B. Almeida (2001) destaca a novela como um dos programas mais importantes da televisão brasileira porque ela cria padrões de consumo, demonstrando a enorme capacidade comercial produtora de lucro às emissoras. A teledramaturgia possui um destaque considerável na história da TV brasileira (e da América Latina), o programa tornou-se presente na vida cotidiana dos brasileiros sendo um conjunto de

⁴² Acesso em 24/10/2010 (http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/default.htm).

⁴³ O meio publicitário investe cerca 60% das propagandas na televisão, seguindo com o investimento de 16% em publicidade por meio dos jornais impressos. Do total de 60% do investimento publicitário na televisão, 76% deste total foram destinadas a propagandas na Rede Globo. (AZEVEDO, 2006, p.96).

referências nacionais. Os enredos das telenovelas articulam contextos tradicionais, dramas familiares e universais da condição humana, além de fatos políticos, culturais e sociais significativos da conjuntura do período. Neste sentido, as novelas são consideradas, pelos próprios meios de comunicação, programas de estatuto de debate crítico atribuindo-lhes o título de “novelas verdades”, pois através da construção de personagens simulam a vida “real” dos brasileiros (BORELLI, 2001). Contudo, a televisão, assim como as outras grandes imprensas, transforma fatos e eventos ocorridos na sociedade num discurso narrativo que delimita noções de tempo, espaço e papéis sociais (ALMEIDA, 2003), de maneira que entrelaçam fatos do mundo transformando em uma ficção.

É possível entender a conversão que mídia faz entre os fatos do mundo e seu discurso de ficção ao pensar que a novela “América” foi exibida alguns anos depois da repercussão das questões imigratórias na imprensa com desenrolar dos atentados terroristas de 11 de setembro. Ademais, em 2005 a grande imprensa ainda fazia a cobertura ao contexto da “Guerra Contra o Terror” ao publicar diversos conflitos diplomáticos que envolviam o fluxo internacional de pessoas. O México, naquele ano, pressionado pela política norte-americana, passou a exigir o passaporte de brasileiros em sua fronteira, o que resultou no aumento expressivo de brasileiros deportados, inclusive apresentando um índice maior que o número de mexicanos presos na fronteira dos Estados Unidos (ASSIS; SIQUEIRA, 2007). Estas notícias destacavam ainda mais a relevância da novela “América” no debate nacional, afinal a trama retratou a história de uma jovem brasileira, que cansada de enfrentar dificuldades financeiras no país, decide emigrar para os Estados Unidos, mostrando as adversidades vivenciadas pelos brasileiros imigrantes. Não pretendo neste trabalho realizar um estudo sobre a recepção da novela “América” pelos mineiros de Gonzaga, porém destaco como se apresentava o cenário político internacional em interface com o discurso das grandes mídias, que determinou a relevância atribuída à morte de Jean Charles.

A morte de Jean Charles entrou como chave central para o repertório da imprensa escrita e televisionada, pois da morte “acidental” de um imigrante fez-se modelo de explicação e a realidade do porque jovens saem de cidades do interior ou de países periféricos a procura de melhores oportunidades de empregos. O assassinato de Jean Charles tornou-se um factóide para a imprensa repetir notícias que supostamente contextualizariam a emigração brasileira. A biografia de Jean Charles e as

circunstâncias de Gonzaga foram reconstruídas na imprensa enquanto discussão sobre os contextos de preconceito e problema político acerca da imigração.

Portanto, julgo como importante neste capítulo entender como a mídia interferiu na memória dos gonzaguenses, já que a cidade não se reconheceu naquele conjunto de informações. Mas desta contradição emergiu a reflexão dos gonzaguenses perante estas discordâncias com a representação da imprensa, ou seja, o discurso midiático os fez pensarem sobre si mesmos.

4.2. A opinião da população de Gonzaga sobre a mídia.

No primeiro capítulo menciono que a primeira visita à cidade ocorreu no ano de 2008, após três anos do assassinato de Jean Charles. Motivada pelas notícias da imprensa, procurei conversar com a população indagando sobre os temas da imigração e sobre Jean Charles. Entretanto não obtive sucesso em conseguir depoimentos e em estabelecer sólidos contatos. A dificuldade inicial de interação com a população gonzaguenses deu-se porque fui associada ao jornalismo, em vista do meu aparecimento repentino na comunidade e crescente interesse pelas questões mencionadas. Deste primeiro contato pude notar a impressão negativa que a população possui em relação aos estranhos que não têm qualquer vínculo familiar, trabalho ou qualquer outra relação que signifique um contato com alguém da cidade.

A etnografia apontou que o caso de Jean Charles não apresentou a mesma importância emocional para os (as) gonzaguenses, tal qual a mídia havia sinalizado, e também não influenciou o fluxo migratório. Ao longo da etnografia observei diversos gonzaguenses que emigraram, outros que retornaram ou aqueles que ainda arquitetavam o projeto. Apesar de não ter dados estatísticos sobre o movimento migratório da cidade, não identifiquei nenhuma modificação na continuidade dos fluxos migratórios por conta da repercussão do assassinato. A alteração decorrente da presença da imprensa foi uma maior intolerância com pessoas de fora da comunidade, por isto notei a necessidade de analisar Gonzaga a partir do estudo das micro-políticas e práticas sociais (MACHADO, KEBBE, SILVA, 2008).

Os meios de comunicação, ao buscarem atingir a parcela do público que corresponde às suas audiências, não levam em conta como as notícias podem afetar outros grupos que não o seu público alvo. Nas matérias de Jean Charles as mídias

desenvolveram uma representação sobre o assassinato manipulando dados específicos da vida pessoal do rapaz, interligando estas informações junto ao contexto social de Gonzaga, criando assim, um parâmetro discursivo para tratar a respeito dos processos migratórios. Embora, a questão da migração apresente motivação ligada aos processos macro-sociológicos do sistema capitalista, ainda sim, essa não é única chave argumentativa para explicar um caso particular de migração, como é o caso de Gonzaga.

Duas gerações depois, os brasileiros emigram em massa, para buscar a felicidade lá fora. O que aconteceu entre nós? Uma guerra? Um tsunami? Um terremoto? Que calamidade nos assolou? Nenhuma. Aqui a tragédia é silenciosa, diária, traiçoeira, mata muito e aos poucos, sem canhão e sem bomba, mas com injustiça, uma injustiça violenta que se perpetua há séculos e que nada, nada mesmo, parece capaz de mudar. **Hoje, a "mãe gentil" não consegue alimentar os seus filhos, não lhes dá esperança e caminho e os expulsa de seu próprio seio. Triste história, a dos emigrantes do paraíso. Quem matou Jean não foi só a polícia inglesa. Quem matou Jean foi o Brasil**". (Fritz Utzeri. Jornal do Brasil. 27/07/05. Grifo meu)⁴⁴.

Na articulação acima o autor, através de um nacionalismo às avessas, busca argumentos generalizantes para explicar o ocorrido, direcionando o debate para a questão sócio-econômica, como se ali estivessem expostas todas as problemáticas acerca da migração. O trecho de jornal acima deixa subentendido que se Jean Charles esteve na condição de imigrante clandestino foi devido à falta de recursos que cidades do interior brasileiro proporcionam aos seus cidadãos, os aspectos negativos da política e cidadania brasileira seriam as principais explicações do porque há evasão populacional. Muitas informações a respeito do Jean Charles trouxeram aspectos que ressaltaram o trauma que o assassinato provocou nas pessoas envolvidas neste processo. Nesse sentido, os artigos publicados construíram a imagem heróica de Jean Charles, colocando-o como vítima do sistema capitalista:

O destino deste pobre rapaz me encheu de amargura. Todos conhecemos a história dele, todos conhecemos alguém que deixou o país, suportando a **cidadania de segunda classe do exílio** em troca de um empreguinho razoável. Há uma ironia horrorosa nisso, de sair do Brasil, tão violento, para ser morto num país supostamente seguro, como a Inglaterra — afinal, é aqui que a polícia mata antes e pergunta

⁴⁴ Arquivo disponibilizado no email de grupo Yahoo Niem.

depois, é aqui que a vida humana não vale nada, não é mesmo?” (Córa Rónai. O Globo. 28/07/05)⁴⁵

O dia 22 de julho de 2005 aparece como marco na vida dos emigrantes brasileiros. Jean Charles é assassinado em meio à onda de medo espalhada por atentados terroristas em Londres. **Foi apenas mais uma vítima do processo. De quem é a culpa?**” (Sergio Rodrigo Reis. Portal Uai.26/06/2009. Grifo meu).

Neste trecho jornalístico é possível compreender a argumentação tendenciosa da imprensa, pois ambos os recortes salientam que nações receptoras de imigrantes são atrativas e superiores no quesito qualidade de vida, embora enfatize que a clandestinidade de imigrantes não é vantajosa quando se opta por morar em um país desenvolvido, sendo isto refletido na expressão: “*cidadania de segunda classe*. Já aos países de emigrantes restam os estereótipos de territórios marcados por graves problemas sociais, econômicos e políticos. Assim, vemos estes questionamentos enfatizados com a frase da segunda reportagem – *Foi apenas mais uma vítima do processo?* – o que leva o público a pensar que a necessidade financeira é o único meio pelo qual a migração se desenvolve. A maneira como a imprensa tratou o processo de transição e trânsito de indivíduos rompe com o argumento, ainda que simplista, mas de forte legitimidade de que a migração há muito tempo faz parte da história da humanidade. Muitos dos países que hoje recebem um fluxo elevado de trabalhadores emigrantes também já vivenciaram um momento de êxodo populacional, principalmente os países europeus (PÓVOA, 2006).

A grande mídia ao informar a realidade do momento desconsidera as complexidades e historicidades que permeiam o fenômeno da migração, de tal forma que polemizaram as correntes migratórias reduzindo-as a um grave problema para os Estados Nacionais, caracterizando os indivíduos migrantes enquanto trabalhadores autônomos e ilegais, e não enquanto grupos possuidores de memória e de distinções históricas. As notícias reconfiguram este processo contemporâneo por meio do conflito e imprevisibilidade, permitindo que as notícias sobre Gonzaga mantivessem consonância com o contexto sócio-político da “guerra contra o terror”.

⁴⁵ Notícia acessada por meio do grupo de email Yahoo Niem.

Os gonzaguenses não se viram adequadamente representados nos noticiários justamente porque a mídia apresentou um modelo explicativo da imigração internacional, generalizando como um recurso usado por indivíduos excluídos socialmente que se aventuram a procurar emprego em outros países. Ao observar o quadro apresentado na página 79, nota-se que a maior quantidade das matérias publicadas aborda temas como deportações, problemas de documentação de brasileiros ou travessia ilegal de fronteiras. Com estes preceitos, as reportagens que envolveram Jean Charles e Gonzaga trouxeram tais problemáticas enquanto cerne da questão e preocupação dos gonzaguenses em relação aos fluxos migratórios.

Os gonzaguenses refletiram e questionaram esta lógica construída pelos meios de comunicação porque contrariavam a realidade local e a subjetividade das famílias. De modo que acusaram a imprensa de dramatizar e forjar informações relacionadas ao envolvimento deles com a morte de Jean Charles. A mídia pouco desenvolveu entrevistas com os gonzaguense que mostrassem de fato a opinião deles sobre o assassinato ou pouco se preocupou em entender o porquê de parte da população se encontra emigrada. As notícias conduziram a pensar na existência de um cenário crítico em Gonzaga, a emigração clandestina é posta como um problema a população mineira. Observamos esta incongruência com o recorte de jornal abaixo, no qual a jornalista faz um pergunta para uma das mulheres que seguia rumo ao funeral.

"Acho que eu já tenho quase uns 20 amigos lá nos Estados Unidos", diz Darleane Reis, 16. **"Acho que a maioria dos jovens daqui está lá agora. Parece um vício"**, exclama, rindo.

A observação da estudante é um retrato preciso de Gonzaga. A cidade mineira onde foi criado o eletricista Jean Charles de Menezes, morto em Londres no último dia 22 pela polícia britânica, é conhecida na região como ponto de partida para muitos daqueles que tentam "fazer a América" (ou o Reino Unido ou Portugal). É impossível falar com alguém nesse município de pouco mais que 5.700 habitantes sem que a pessoa cite ao menos dois parentes ou amigos no exterior.

"Meus dois filhos estão nos Estados Unidos", diz uma senhora que entra apressada na casa paroquial da única igreja da cidade para acudir uma tia de Jean que passa mal durante o velório. **Indagada se eles têm visto, ela encolhe os ombros: "Tudo ilegal". E a senhora não tem medo, depois do que aconteceu com Jean? "Fazer o que? Aqui não tem**

outro jeito não", diz, antes de sair, sem tempo para dizer o nome." (Luciana Coelho, Folha de São Paulo, 31/07/2005. Grifo meu)⁴⁶

A pesquisadora Maria Catarina Zanini (2005) realizou um estudo de caso sobre a recepção da novela *Terra Nostra*⁴⁷ entre os descendentes de imigrantes italianos na região central do Rio Grande do Sul, e deste trabalho ela observou a mídia enquanto outro instrumento de análise antropológica na medida em que possibilita "*refletir sobre as múltiplas leituras que a imagem televisiva proporciona, permitindo, por vezes, ressignificações que dialogam com as categorias locais e que fazem com que a ficção e "não ficção" se inter cruzem abertamente nos imaginários individuais*" (ZANINI, 2005, p.710).

Em vista disso busquei entender como as informações repercutiram na opinião da população gonzaguense. Eles consideraram invasivas as inúmeras notícias veiculadas pelos meios de comunicação. Deste cruzamento de discursos observei que a reflexão dos gonzaguenses acerca das grandes imprensas nacionais evidenciou um importante valor compartilhado na cidade que apontou a especificidade da emigração local. A migração na cidade não é apenas motivada por questões financeiras, mas aspectos que envolvem a coesão do núcleo familiar influenciam diretamente jovens e chefes de família a trabalharem no exterior ou em outras cidades brasileiras. Por isto ocorreu o embate entre as questões apontadas pela imprensa e a desconsideração da população mineira com as grandes mídias.

Antes da morte de Jean Charles a cidade era pouco conhecida, porém com as frequentes visitas das autoridades britânicas e brasileiras isto alterou significamente o cotidiano da população, que até então jamais recebera tantos visitantes. Consequência dessas novas visitas na cidade, uma moradora relatou que certa vez um forasteiro a abordou para perguntar onde se localizava a casa da família de Jean Charles e ela respondeu que não fazia idéia do local da residência. Independente da intenção do forasteiro, ela achou conveniente manter silêncio para preservar e proteger a mãe do falecido, já que ambas são colegas. Isto a incomodou porque foi a primeira vez que ela

⁴⁶Acesso através do grupo email Yahoo Niem_RJ e Jornal Folha de São Paulo:

http://br.groups.yahoo.com/group/niem_rj/message/1853 -
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft3107200506.htm>.

⁴⁷ A novela narrou a saga dos emigrantes italianos para o Brasil no período final do século XIX. O melodrama foi exibido pela Rede Globo de Televisão em 1999-2000.

se preocupou com a sua segurança e dos seus conhecidos, afinal nunca antes um completo estranho procurara por informações sobre qualquer família local. Outros moradores se recordam da primeira ocorrência de um assalto à mão armada em uma casa de família, logo após o evento de Jean Charles. Os moradores responsabilizam a fama da cidade pelo acontecido, no sentido de que a imprensa estereotipou Gonzaga enquanto região imigratória, fantasiando que a população possui alta renda devido ao envio das remessas dos imigrantes. O que não é a realidade de todas as famílias e da casa assaltada.

As consequências dessa atenção não foram totalmente negativas, pois um dos informantes, que na época do evento estava na condição de imigrante nos Estados Unidos, disse que na casa onde ele morava e na qual residiam também outros gonzaguenses todos prestavam atenção nos noticiários quando eram transmitidas reportagens sobre Jean Charles. Eles ficavam na expectativa de reconhecer nas filmagens dos telejornais algum familiar ou amigo. Alguns dos imigrantes chegavam a ligar para suas famílias em Gonzaga, pedindo aos parentes que tentassem ser entrevistados ou filmados, sendo assim possível vê-los na televisão.

A igreja matriz da cidade se transformou em palco de uma homenagem ao brasileiro e de um ato de protesto contra o assassinato de um inocente, a maior manifestação popular vista na região. A cidade de seis mil habitantes recebeu uma multidão para o velório e o enterro (Programa Fantástico. Rede Globo. 16/11/2008)⁴⁸.

Ao mesmo tempo em que a mídia retratava sistematicamente a morte de Jean como uma tragédia incomensurável na memória dos (as) gonzaguenses, o relato deste informante expõe o contraste com o repertório da imprensa, pois a colaboração dos moradores com os jornalistas na época também fora um recurso usado para que as famílias se comunicassem visualmente com os parentes no exterior. Atento que não estou negando a informação de que houve uma sensibilização da comunidade pela

⁴⁸ Acesso em: <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL864247-15605,00.html>. idem anteriores

morte trágica de Jean, mas parte população se aproveitou da atenção da mídia para se entreter com a movimentação que sucedeu no local.

Para alguns gonzaguenses, na condição de imigrantes, a presença da mídia foi uma oportunidade para rever a cidade, parentes e amigos. Para outros foi motivo de transtorno, como é o caso de uma família que na época morava em Poá (SP). O marido da informante passou por um constrangimento no lugar onde trabalhava, pois o chefe e os colegas espalharam o boato de que ele era primo de Jean Charles, provocando muitas piadas e maus entendidos no ambiente de trabalho. O que deixou o homem profundamente incomodado porque foi impossível desmentir o comentário. A informante criticou que a repetição e aparição da cidade nos noticiários nacionais davam a entender que todos os gonzaguenses conheciam Jean Charles.

(...) Logo pela manhã, moradores cobriram a cidade com 10 mil rosas brancas de papel, confeccionadas a pedido da prefeitura e colocadas em canteiros, praças, nas portas das casas e de edifícios públicos.

Veículos brasileiros e estrangeiros enviaram representantes para cobrir o evento. Mas o assédio da imprensa tem causado desconforto à família de Jean Charles.

"Meu pai e minha mãe são muito simples, estão assustados (com o assédio)", disse Giovanni de Menezes, irmão de Jean Charles. "Os repórteres vêm falar com eles, mas (esse assédio) não traz nenhum resultado. Não dá para esperar muita coisa."

Neste sábado, praticamente todos na cidade, de 9.000⁴⁹ habitantes, vestiam camisetas brancas, algumas com frases pedindo a paz ou alusivas à morte de Jean Charles.

Uma placa na entrada da cidade, colocada no lugar do tradicional "Bem-vindo a Gonzaga", dá uma idéia do sentimento de seus moradores em relação à morte do brasileiro: "Terra de Jean Charles, vítima do terrorismo em Londres. Aqui se prioriza a vida".

As circunstâncias da morte do brasileiro foram discutidas calorosamente e Jean Charles virou uma espécie de mártir para os que acusam a polícia de ignorar os direitos civis em meio a sua guerra ao terror" (Uol. 22/07/2006. Grifo meu.).

⁴⁹ Esta reportagem indica um erro ao relatar o número de 9.000 habitantes em Gonzaga, pois segundo os dados censitários do IBGE o número de habitantes está em torno de 5.700.

A excessiva exposição do município nos diversos noticiários e o envolvimento da prefeitura com a imprensa não agradou os (as) moradores (as), que levantaram questionamentos sobre tal relação. Alguns informantes afirmam que o prefeito da época aproveitou-se para promover a sua imagem no cenário político da região. Isto porque os grandes veículos de comunicação publicaram que a prefeitura organizou o funeral e prestou auxílio à família de Jean Charles, incentivando um grande engajamento da comunidade na preparação do velório. Afirmando que a participação da escola, da igreja e dos funcionários públicos foi considerada indispensável pela prefeitura na organização do tributo ao jovem. Porém, as informantes garantiram que tal colaboração não partiu da espontaneidade dos envolvidos, mas da obrigação de prestar o serviço, devido a dependência financeira existente entre os funcionários públicos e o poder público local.

Em um dos relatos de crítica à ação da prefeitura, uma interlocutora conta que ao assistir ao enterro na cidade certo jornalista fez um comentário que a constrangeu. Satirizando, o jornalista riu depois de ver a queima de fogos de artifícios e o lançamento de balões ao ar, dizendo que tudo aquilo era um exagero, afinal se tratava de um velório e, no entanto, mais parecia com uma festa da cidade. A informante sentiu-se envergonhada porque tomou o comentário como crítica também à população, como se essa também estivesse de acordo com o “*velório show*”⁵⁰. Porém, a informante me certificou que todas aquelas alegorias não correspondiam à vontade da maioria do (as) gonzaguenses. Segundo ela, a grandiosidade do velório não agradou porque qualquer enterro necessariamente necessita de discrição, em respeito à dor da perda de uma família.

GONZAGA, Minas Gerais - A pequena cidade mineira de Gonzaga parou neste sábado para lembrar a morte de Jean Charles de Menezes, assassinado há exatamente um ano por policiais em uma estação de metrô de Londres, após ter sido supostamente confundido com um terrorista. Logo pela manhã, **moradores cobriram a cidade com 10 mil rosas brancas de papel, confeccionadas a pedido da prefeitura e colocadas em canteiros, praças, nas portas das casas e de edifícios públicos.**(UOL. 22/07/2006. Grifo meu)⁵¹.

⁵⁰ Expressão usada pela informante gonzaguense.

⁵¹ Acesso em: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/internacional/2006/07/22/ult27u56840.jhtm>.



52

Figura 10.
Fonte: Prefeitura de Gonzaga (MG)

Durante o trabalho de campo participei de dois funerais, observando as práticas e costumes do ritual na cidade, e é compreensível a ofensa da informante com o comentário do jornalista porque a maneira como a prefeitura conduziu o funeral de Jean Charles não condiz com a prática das famílias gonzaguenses. Primeiramente, não há um velório municipal, o velório ocorre na casa do falecido e depois o corpo segue para a igreja da ordem religiosa da família do morto. A família que enfrenta esta situação conta com a colaboração de vizinhos e amigos para organizar o enterro. Ao longo de vinte e quatro horas vela-se o corpo e inúmeras pessoas próximas da família, amigos, conhecidos e também desconhecidos participam da cerimônia em solidariedade à família. Após o amanhecer o velório segue em direção à igreja para a realização da missa póstuma, encerrando o ritual com o enterro no cemitério municipal. Assim, a participação de diferentes pessoas ao longo de um funeral é uma prática comum, mas não necessariamente quer dizer que haja uma comoção coletiva, como foi descrito nos noticiários.

Com esta experiência compreendi o porquê quase toda a comunidade participou do funeral de Jean Charles. Claro que a situação da prefeitura ajudar pela primeira vez na organização do velório de um cidadão causou desconfiança e curiosidade por parte da população gonzaguense, para acompanhar o velório. Entretanto, apesar de o jornalista perceber o exagero sobre a homenagem ao jovem gonzaguense, este fato só contribuiu para dar sequência à publicação de matérias referentes à cidade mineira que, em sua maioria, apontavam para a grande comoção despertada oriunda da tragédia de

⁵² Imagem que retrata a homenagem feita pela prefeitura de Gonzaga após um ano de falecimento de Jean Charles. Acesso em: <http://picasaweb.google.com/lh/photo/oXQ2FSzIN4TI-H6svFS74Q>

Jean. A morte de Jean Charles e a suposta reação da comunidade foram retratadas como um resultado fatídico da migração e como se houvesse uma relação de identificação direta entre a população com a figura de Jean Charles, colocado pelos meios de comunicação como o “cidadão gonzaguense” por excelência.

O descontentamento da população com a veiculação das reportagens sobre a cidade e com relação aos desdobramentos políticos da morte de Jean Charles decorre da utilização do discurso da mídia que apontou as relações sociais pautadas no processo de individualização, direitos individuais e os “Estados de bem estar” do “mundo ocidental desenvolvido” (MACHADO, 2001, p.12), o que produziu tensões sobre a noção de família gonzaguense. A mídia apresentou reportagens que enfatizaram tendências homogeneizadoras do mundo ocidental, com a expansão do individualismo, que não demonstraram, em nenhum momento, possíveis diferenças nacionais, regionais ou de classe. Jean Charles esteve imerso num contexto onde o colocaram numa espécie de “dessensibilização” do indivíduo em relação ao seu pertencimento social, o que diminuiu sua situação de compartilhamento com as noções de família gonzaguense.

Como no terceiro capítulo, analisei o discurso das mulheres a partir do entendimento da noção de família gonzaguense e novas constituições de família migrante na análise de Igor Machado, e a relação das esferas públicas baseada na categoria da “casa” e “rua” de Roberto DaMatta no segundo capítulo, compreendemos que em Gonzaga a relação da pessoa consiste no valor de família como princípio de uma moral, prestígio e poder, ao mesmo tempo que revela um conjunto de regras de reciprocidade, obrigações e dádivas. Concluimos que a família, lembrando que as informações da pesquisa são de um grupo restrito aos cristãos, permite permear a construção das subjetividades do indivíduo, ou seja, este conjunto de regras legitima relações hierárquicas e de gênero baseadas na reciprocidade de pertencimento de uma comunidade social. Como exemplo no auxílio entre parentes no trabalho, principalmente, no que diz respeito à emigração e nas relações matrimoniais entre um casal. Ao contrário ao que se nota nas reportagens que demonstram um personagem de Jean Charles que coloca em cheque o valor atribuído à família e o aloca enquanto cidadão do mundo configurado nas leis dos Estados nacionais e direitos humanos.

Já no que toca a recepção das reportagens pela população, as preocupações, sejam no local de trabalho ou na cidade de origem, eram as mais diversas e na maioria das vezes não tinham relação direta com discussões acerca do status dos direitos dos

migrantes ou sobre a morte de Jean Charles, mas sim com os desdobramentos do fato no cotidiano da cidade, da interferência na rotina dos cidadãos, tais como: os preparativos para o funeral, a colocação da placa na entrada da cidade e a possibilidade de reconhecer parentes e amigos pela televisão. Portanto, observei que os relatos sobre a repercussão do evento de Jean Charles tratavam sempre como a rotina ou segurança de alguma família da cidade foram afetadas, o que me levou a entender a importância da noção de família.

Os gonzaguenses valorizam aqueles que nascem e continuam a morar na cidade, mesmo os que imigram para trabalhar são respeitados desde que retornem à cidade e voltem à respectiva família. Por isto, ocorreu o embate com o discurso midiático que enfatizou apenas as condições socioeconômicas de Gonzaga como o fator primordial para a expulsão de jovens para outras regiões do mundo e alocou Jean Charles numa condição de vítima, determinado também o arquétipo da população gonzaguense.

4.3. O Filme

No dia 26 Julho de 2009 estreou o longametrage “Jean Charles” que retrata o período em que o jovem mineiro residiu em Londres meses antes do seu falecimento. Antes da estréia do filme a população já contrariada pelo discurso da imprensa, ainda depositava no cinema a esperança de encontrar nos protagonistas qualquer semelhança do ideal de cidadão gonzaguense, pois era sabido que alguns integrantes da produção do filme, como a atriz Vanessa Giácomo, interprete de Vivian – uma das primas de Jean Charles, frequentaram a cidade mineira por um breve período a fim de conhecerem a realidade local, levando esta experiência à trama.

Entretanto, a trama mostrou o contraste entre o personagem principal, Jean Charles, que representou o estereótipo dos imigrantes brasileiros que sobrevivem aos infortúnios da clandestinidade na Europa, e a protagonista secundária, Vivian, que retratou as características dos imigrantes gonzaguenses. Mas para o público gonzaguense o filme não retratou coerentemente os imigrantes gonzaguenses e, nem mesmo a caracterização cinematográfica de Gonzaga (a cena do velório e enterro de Jean Charles) correspondeu minimamente à arquitetura do município. Nada passou em vão pelas críticas da população mineira.

Os gonzaguenses, após se depararem com tantas construções advindas do discurso midiático refletiram sobre tais argumentações e questionaram tais retóricas a partir da necessidade de se auto-explicarem contradizendo a imprensa. A etnografia revelou as percepções da população enquanto uma sociedade que partilha valores e crenças, diferenciando seus emigrantes e desmistificando a oratória midiática que generalizou a figura dos imigrantes como um todo.

A produção da história de Jean Charles para a linguagem cinematográfica também correspondeu à mesma produção comercial das grandes imprensas. Assim como as telenovelas nacionais, o filme seguiu o roteiro com um estilo de narrativa que veicula um cotidiano que se propõe a ser crítico, mostrando histórias que estejam próximas da vida “real” e ainda pretendendo “*desvendar o que estaria ideologicamente camuflado na percepção dos receptores*”, no caso a vida dos imigrantes brasileiros (borelli, 2001, p.33). Ao associar as narrativas literárias brasileiras na adaptação às mídias de massa, como rádio, cinema e televisão, notamos a utilização do estilo literário melodrama⁵³ que trata de uma interpretação de ordem moral do cotidiano.

A narrativa do filme de Jean Charles focou o cotidiano de pessoas comuns e retratou a rotina dos brasileiros imigrantes através da construção do personagem de Jean Charles, embora o comum papel social de Jean Charles tenha se invertido com o assassinato, ressaltando a comoção e atenção dos telespectadores às questões da imigração enquanto um processo de imprevisibilidade. Nas entrevistas aos jornais brasileiros o diretor do filme afirma que logo que a morte de Jean se destacou na imprensa ele já pensou em escrever um roteiro, pois considerou a história de um enorme potencial dramático. O cineasta acredita que algo que o toca sentimentalmente também pode emocionar outras pessoas, por isto, a construção da trama articulou o que seria o ponto de vista brasileiro sobre o assassinato do jovem, buscando mostrar o *lado íntimo* de Jean Charles nas suas relações pessoais com família, amigos e trabalho, ao mesmo tempo, demonstrando semelhanças entre o protagonista e os outros imigrantes brasileiros, o *lado coletivo*⁵⁴ da história. Segue trecho da entrevista realizada pela equipe de jornalismo da UOL com o diretor Henrique Goldman.

⁵³ Para maiores detalhes da importância do melodrama no gênero literário e teatral ver: BROOKS Peter. *The Melodramatic Imagination: Balzac, Henry James, Melodrama, and the Mode of Excess*. New Haven, Yale University Press, 1976.

⁵⁴ Termos usados por Henrique Goldman, diretor do filme “Jean Charles”.

Você se identificou com o fato de Jean Charles tentar a vida em outro país, já que mora fora do Brasil há 27 anos? Henrique Goldman - Esse foi o talvez o principal ponto de identificação minha com o Jean Charles e essa história. E não é uma coisa só minha, é um evento histórico mais recente o fato de que o Brasil deixou de ser um país feito por imigrantes para produzir emigrantes. E o Brasil não conhece esse "Brasil do exterior"; esse olhar dos brasileiros no exterior é uma coisa que não foi bem explorada (UOL, 06/04/2009. Grifo meu)⁵⁵.

No filme vemos Jean Charles como um personagem articulado nas suas relações sociais, sugerindo o rapaz como conhecedor ávido das clandestinidades que acercam o cotidiano dos imigrantes. Reconhecemos esta característica logo na primeira cena quando o jovem engana os agentes britânicos de migração ao inventar uma história para garantir a entrada irregular de Vivian, após serem liberados da alfândega a cena segue com Jean Charles explicando à prima que saber contar uma boa mentira fora a primeira lição dela enquanto imigrante no país inglês, pois o “*sistema é bruto*”⁵⁶ na cidade inglesa. Outra “artimanha” do personagem é a maneira como ele arruma um emprego para Vivian, a cena insinua que Jean garantira a empregadora que a moça falava inglês, mas a empregadora acusa o rapaz de mentiroso porque Vivian ainda não entendia a língua. Como foi dito anteriormente, obviamente, a população gonzaguense não se enxerga enquanto mentirosa, ao contrário, ela classifica todos os seus cidadãos como pessoas dignas. Entre as informantes foi unânime a rejeição ao filme, todas disseram que não se retratou a realidade de um imigrante gonzaguenses, porque não mostrou o envolvimento dos personagens do filme com as famílias no Brasil, com exceção da personagem Vivian.

Na medida em que o filme avança vemos um Jean Charles que explora seus colegas vendendo passaportes falsos, que trai o seu empregador e amigo quando rouba o serviço de uma determinada obra civil e ainda contrata aqueles colegas que explorou. Enquanto personagem Jean Charles aparenta ser manipulador, malandro e sem um projeto de migração focando sua família, ou seja, como alguém que pensa apenas no próprio bem e não no coletivo familiar. É neste ponto que a população de Gonzaga repudia o filme.

⁵⁵ Acesso em: <http://cinema.uol.com.br/ultnot/2009/04/06/ult4332u1057.jhtm>

⁵⁶ Expressão usada pelo personagem cinematográfico Jean Charles.

Entretanto o personagem não deixa de “ser gonzaguense”, assim, após tentar articular todas as astúcias de um imigrante experiente, o roteiro recoloca Jean Charles na posição de vítima do processo migratório. À medida que as trapaças são descobertas, ele perde o bom emprego no setor da construção civil e é contestado pelos colegas explorados. Então o jovem surge novamente como humilde na trama, mostrando-o em conversa telefônica com a mãe, trabalhando como lavador de carros, pedindo consolo entre seus primos, tentando reaver a confiança dos colegas e, assim, reiniciando todo seu o processo de inserção nas redes de sociabilidade entre os imigrantes brasileiros. Mas isto é interrompido quando o ele é brutalmente executado pelos policiais da Scotland Yard.

A personagem Vivian contrasta com o Jean Charles da ficção, por isto ela não é alvo das críticas dos gonzaguenses. Desde a primeira cena Vivian estaria representando os valores morais de Gonzaga, quando ela é indagada pelos agentes britânicos, que a acusam de querer entrar ilegalmente no país, ela responde que não tem essa pretensão justificando que jamais conseguiria viver longe da sua família brasileira. Ao longo do filme Vivian é posta em situações que a fazem tomar atitudes coerentes, correspondentes a de um (a) imigrante gonzaguense, na perspectiva da população mineira. Como exemplo na cena em que Vivian conversa com Patrícia, outra prima de Jean Charles, ela explica que o motivo da mudança para o exterior é para ajudar no pagamento do tratamento médico da mãe e também para custear a reformar da casa da família; Patrícia então pergunta sobre o namorado de Vivian, insinuando que a jovem estaria prestes a perdê-lo, pois ele é um “*bom partido*”⁵⁷ em Gonzaga e a distância atrapalharia a estabilidade da união do casal. Vivian respondeu que o namorado deu total apoio e a necessidade dela ajudar a família era a sua maior preocupação.

Então, vemos Vivian com os valores tradicionais da família cristã gonzaguense e com a distinção de gênero compartilhada no seu grupo social, a jovem possui o apoio, em outras palavras, a aprovação do namorado para estar imigrando. Porém, o que marca sua aceitação enquanto personagem com a crítica da população é a hierarquia de sua família sobre seus atos, pois como as falas sugerem Vivian diz estar no país britânico para ajudar a reforma da casa da mãe e ajudá-la com tratamento médico, portanto, ela atende a expectativa feminina gonzaguense.

⁵⁷ Expressão usada no filme pela personagem Patrícia.

Depois do atentado terrorista, Vivian que trabalha numa lanchonete se depara com a atitude intolerante do patrão, que ao ver uma família mulçumana esperando o pedido, numa atitude de revolta, cospe na comida e ordena que Vivian sirva o prato cuspidado à família. Assustada com a ação preconceituosa ela desobedece ao patrão recusando-se entregar a refeição à família. Em seguida ela procura um colega, também imigrante de Gonzaga, pedindo ajuda para encontrar qualquer outro emprego, pois ela não quer mais a ajuda de Jean Charles, pelo fato dele já ter feito muitas coisas por ela, assim a moça não se sente a vontade para pedir mais favores ao primo.

Outra cena que ressalta as diferenças do personagem é a passagem do passeio que ela, Jean Charles e os primos fazem para conhecer um pouco mais a cidade londrina. A princípio Vivian recusa o passeio e argumenta que necessita descansar, pois na semana seguinte ela terá uma intensa jornada de trabalho, porém os primos convencem-na a participar da diversão. Num determinado momento em que eles tiram fotos demonstrando enorme felicidade, Vivian se revolta e diz que o passeio terminou e vai embora. Jean Charles não a deixa ir sozinha e no caminho ambos discutem. Ele diz que não há motivos para ela permanecer emburrada, pois é um privilégio estar em Londres, muitas pessoas sonham com esta oportunidade, por isto não há mal algum em aproveitar o turismo na cidade.

A cena segue com Vivian falando, de maneira irritada, ao primo que não se mudou para Londres com o intuito de se divertir ou de ser turista, afirma que sua única intenção é trabalhar para ajudar a família e que Londres não tem nada a mais para oferecer do que um salário miserável, ela diz estar cansada da vida de imigrante e com saudades da vida em Gonzaga. Jean Charles contra-argumenta a prima ironizando que as oportunidades em Gonzaga são superiores as de Londres, zombando que ela deveria voltar para o Brasil e continuar na antiga carreira de secretária do único dentista da cidade mineira. Vivian se enfurece e ofende-o ao chamá-lo de caipira, e ainda diz que a diferença entre eles é que ela não tem vergonha de ser quem é, insinua que Jean Charles despreza a origem da sua família. A discussão não se estende, os dois jovens pedem desculpas um ao outro, então, Jean Charles diz que faz tudo para que Vivian se sinta bem, pois o começo da vida de imigrante é difícil, mas depois as pessoas se adaptam.

As cenas do filme mostram personagens excessivamente individualistas, buscando “modernizar” a história ficcional de Jean Charles para atender as exigências mercadológicas da mídia (ABU- LUGHOD, 2003). O filme enfoca a subjetividade de

Jean Charles com a intenção de caracterizar os imigrantes brasileiros. Nas entrevistas com a produção do filme se enfatizou que a intenção não era retratar somente Jean Charles. O roteirista Marcelo Starobinas afirmou que a pretensão do filme era retratar um problema maior, que o Brasil deixou de ser um país receptor de imigrantes e passou a exportar emigrantes, assim, a importância da trama é mostrar quais as consequências deste problema na vida destes brasileiros. O ator Selton Melo ainda diz que o filme retrata a saudade dos imigrantes que estão tentando “*crescer, que querem evoluir*”⁵⁸.

A população de Gonzaga, depois da tamanha visibilidade dada pela mídia, esperava que a cinematografia não abordasse a questão da migração como algo dramático e negativo, pois como parte da produção do filme conviveu com as famílias da cidade e puderam observar que os (as) gonzaguenses não estão fugindo de problemas, não vêem dilemas na condição de imigrante, encara-se a migração enquanto opção de trabalho e projeto de família. Portanto, não há como negar a importância que os meios de comunicação proporcionaram a minha pesquisa. A grande mídia forneceu elementos que dialogaram com as informações recebidas pelos (as) gonzaguenses e estes se preocuparam em se distanciar do discurso da mídia, ressaltando os valores locais da população, noções que realçam a coletividade da população em suas distinções de migração familiar, assim, identificando-os enquanto um grupo social imerso no contexto migratório com distinções daquilo que o senso comum e os meios de comunicação enfatizaram no debate sobre Jean Charles.

O discurso gonzaguense demonstrou maior importância e preocupação com as questões familiares, por isto a crítica ao filme. Em conversas com as mulheres, elas enfatizaram que a película não retratou devidamente a vida dos migrantes, pois teria retratado que qualquer e todo imigrante preocupa-se somente com questões individuais como a aquisição fácil de dinheiro, busca de outras oportunidades, negando a origem da família. Tanto que as principais críticas sobre o filme se deram com as polêmicas cenas da briga entre os primos Jean Charles e Vivian e na outra em que o grupo de trabalhadores brasileiros após o término de trabalho em uma obra de construção civil festeja com bebidas alcoólicas e com a presença de prostitutas. Em síntese, os questionamentos dos (as) gonzaguenses sobre o discurso da mídia, levaram-me a

⁵⁸ As informações foram obtidas na reportagem produzida pelo Programa Zoom da TV Cultura. Reportagem realizada por Tatiana Redígolo. Acesso no site youtube (20/06/2010). <http://www.youtube.com/watch?v=LFgNq4M0gls&feature=related>

explorar como a imigração na cidade é mantida e reproduzida não somente por causa de questões econômicas, mas principalmente por estar entranhado nas estruturas familiares, onde o fluxo migratório é uma interface da construção de família gonzaguense.

Considerações Finais:

A primeira especulação ao analisar os fluxos emigratórios de Gonzaga, depois de acompanhar reportagens a respeito do assassinato de Jean Charles aguçou a minha perspectiva antropológica. Acreditei que a amplitude da repercussão do caso teria causado uma possível alteração nos fluxos emigratórios do município. Ainda considerei que as informações oriundas dos meios de comunicação fossem o suficiente para transmitir a veracidade das consequências do evento na população gonzaguense. A mídia indicou que o incidente internacional provocou uma repercussão e reflexão considerável sobre a emigração gonzaguense, de modo que, na primeira visita a campo a minha intenção foi coletar e já analisar quais seriam os resultados da visibilidade da morte do jovem nos fluxos emigratórios, supondo que isto seria o bastante para destacar as subjetividades população a respeito da emigração.

Segundo Zanini (2005) e Kebbe (2008), o meu equívoco ao considerar em demasiado a linguagem midiática deve-se ao fato que os meios de comunicação possuem a capacidade de confrontar as narrativas articuladas nas publicações com as percepções identitárias do público espectador. Assim, o discurso da mídia ao explorar o caso de Jean Charles de Menezes apresentou um jogo de símbolos que definem a emigração somente na situação de clandestinidade, perigo, a ausência de cidadania e sugerindo que o indivíduo imigrante não valoriza suas memórias (o seu passado e contexto social) por optar por um estilo de vida que o submete a inúmeras dificuldades. As semelhanças dos debates e informações presentes nas diversas imprensas demonstraram uma generalização que qualquer fluxo de emigrantes constitui-se de indivíduos sem ou de pouca ligação com a instituição da família, levando ao discurso do imigrantes um pessimismo em relação às configurações de cidadania, no caso do Estado brasileiro.

Nas informações sobre Gonzaga, os mesmos ainda enfatizaram que a população estaria revoltada com a morte do jovem e aqueles que concederam entrevistas, sem maiores problemas, enfatizaram aspectos da vida pessoal tornando a questão

emigratória algo corriqueiro ou banal para aquelas pessoas. Esta influência da articulação da imprensa sobre Gonzaga fez com que eu me posicionasse em campo acreditando que, abordar o assunto de emigração de imediato não geraria nenhum conflito com a população. Todavia, este equívoco provocou um impacto na comunicação na primeira articulação do trabalho de campo. O choque ocorreu depois que eu me apresentei como pesquisadora e já manifestei interesse em realizar entrevistas com indagações sobre o caso de Jean Charles vinculado ao fluxo emigratório local. Com a dificuldade do desenvolvimento do campo, a troca de experiência com parte da população foi determinante para me distanciar do evento Jean Charles. De modo que, o enfoque nas etapas da inserção etnográfica tornou-se prioritária para a compreensão do fenômeno emigratório local.

Em Janeiro de 2009, retornei à Gonzaga para dar continuidade ao trabalho de campo, já com a intenção de alcançar as significações das vivências compartilhadas com os (as) gonzaguenses. Assim, houve a necessidade de me aproximar dos habitantes para me envolver nas condutas sociais locais mediante a aceitação da população. A importância de classificar o desenvolvimento etnográfico por estágios de inserção é relevante porque estas interações mostraram diversos elementos que explicitaram a subjetividade emigratória da população. Aparentemente, distanciei-me do papel de pesquisadora, pois o ato de fazer entrevistas, gravar conversas ou mesmo direcionar perguntas específicas sobre migração me associavam a função de jornalista, profissão esta que os moradores caçoavam ao se lembrarem do evento Jean Charles. Assim, o meu posicionamento de me afastar do estereótipo de jornalista, permitiu a inclusão na comunidade enquanto uma possível amiga, alguém conhecida na região, o que facilitou acessar, ao menos parte, dos valores das famílias cristãs que contextualizam parte dos aspectos da emigração local, além de alocar a figura de Jean Charles de Menezes numa posição diferente daquela articulada na imprensa.

Logo, a intenção de explicar a emigração de Gonzaga envolvendo a morte de Jean Charles perdeu credibilidade à medida que as esferas morais presentes na convivialidade local apresentaram-se como expoentes contrastantes e de imprescindível relevância para o andamento da pesquisa. Retomando a discussão de Sahlins (1990), podemos tratar as características da emigração em Gonzaga influenciadas pelo contexto histórico da região geográfica, já que no Vale do Rio Doce a relação emigratória começou com o envolvimento de algumas cidades mineiras com empresas norte-

americanas, que efetuavam a exploração de minérios nas décadas de 40 e 50. Deste contato floresceu um imaginário nestes brasileiros de que as relações de trabalho e progresso estariam fora do país. Obviamente como nenhum evento é imutável e modifica-se na prática, esta relação economicista dos municípios do Vale do Rio Doce em relação aos Estados Unidos, hoje se transformou numa prática social que se estende desde as relações familiares ao o status do indivíduo nas redes de parentesco. Ou seja, a concepção do deslocamento / mobilidade é um símbolo de prática de conhecimento, em outras palavras o indivíduo que conhece o “mundo”, neste caso através da migração, adquire conhecimento. Portanto, a migração é uma das bases para que os indivíduos gonzaguenses construam suas relacionalidades.

De acordo com Roy Wagner (1981), os dados de campo revelaram o fenômeno migratório resultado de uma realidade que se desenvolve a partir de um ambiente específico, do momento histórico do local. A emigração gonzaguense se perpetua nas redes e relações da população, tanto daqueles que são ou foram emigrantes, quanto daqueles que nunca emigraram. A minha presença em campo foi marcada por diferentes situações, resultantes da repercussão da mídia sobre a cidade, e o olhar antropológico dessas etapas do campo são pontos fundamentais para entender como as questões migratórias estão sendo compartilhadas, não excluindo a possibilidade que futuramente isto poderá mudar.

Após o evento Jean Charles, a minha presença na cidade mineira ficou marcada, como a “*forasteira*”, já que inicialmente a população me classificou como “*outra jornalista paulista*”. Somente depois de levar e apresentar a minha mãe para os gonzaguenses com os quais eu vinha solidificando um contato e também após o convite de hospedar-me numa das casas de família, observei que passei a ser integrada socialmente porque me associaram à “*moça de família*”. Estas situações foram importantes para acessar os códigos locais, de maneira que, após esta mudança de minha imagem, a condição de pesquisadora fora aceita por parte da população. Embora, isto não tenha possibilitado a sistematização dos dados através de entrevistas, ainda sim, houve a relação da condição de pesquisadora com o contexto pós-evento Jean Charles.

Para desconstruir o estereótipo de “forasteira” foi necessário me adaptar e seguir as normas de convivência da família que me acolheu, por isto, as informações as quais acessei foram, principalmente, da perspectiva feminina, como abordei ao longo da dissertação, a minha figura demonstrava ser “a jovem amiga das moradoras”. Com as

dificuldades iniciais não poderia me envolver em nenhuma polêmica na cidade, pois logo seria considerada uma má influência àquelas próximas de mim, por algumas vezes quando me aproximei de homens para buscar suas perspectivas sobre a migração, imediatamente me atribuíam algum flerte, assim, com a insegurança de ser excluída das relações às quais já havia estabelecido, optei por me manter nas redes femininas de mulheres cristãs.

De acordo com Geertz (1989), o papel do etnógrafo consiste ser mais um interprete nativo, que com um olhar externo ainda compreende que qualquer análise é transitória. Assim, as observações de Gonzaga dependeram tanto da reação das informantes perante a minha presença, quanto das minhas intenções e articulações em campo. Considero importante frisar esta relação entre eu e o campo, pois em outras etnografias em diferentes municípios de Minas Gerais também apresentaram tal ponto, do interprete nativo com olhar externo. Como exemplo, Jonh Comerford (2003) identificou que a observação dos moradores do município de Muraí sobre os valores da família, o comportamento da pessoa vinculado aos laços de parentesco, é uma das chaves de interpretação para o discurso nativo. Da mesma maneira, Ana Carneiro Cerqueira (2010), pesquisando a cidade de Buracos (Sertão Mineiro), notou que para alcançar a interpretação da fala de seus informantes era preciso frequentar as rodas de conversas dos moradores e participar da culinária local, nestes dois aspectos que envolvem o cotidiano, a pesquisadora atingiu “determinado *conhecimento* sobre a *sociedade* buraqueira” (CERQUEIRA, 2010, p.10).

Desta maneira, tratando a inserção de campo enquanto etapas de interpretação, conclui que as alterações da visão dos (as) gonzaguenses sobre o evento de Jean Charles, devem-se ao fato de que jamais houve tamanha movimentação de pessoas desconhecidas na cidade, situação que pareceu causar grande incômodo nas informantes. A relação da construção da opinião da mídia sobre imigração com base em especulações político-econômicas não se ajustaram às considerações observadas no contexto etnográfico. O destaque de como a minha presença alterou-se no procedimento do trabalho de campo é entender que esta pesquisa pontuou a relação emigratória em Gonzaga como uma análise provisória. Ou seja, a repercussão da morte de Jean Charles levou inúmeras pessoas de fora, inclusive eu, à cidade mineira, situação que não pode ser desconsiderada na interpretação dos fluxos emigratórios locais, muito menos nas considerações sobre a repercussão do assassinato.

A população não reconhece o fenômeno migratório numa escala global, tanto que a etnografia se desenvolveu no contexto específico, exemplificado pela necessidade de demonstrações dos meus aspectos familiares, ou seja, observei a identificação da população com o fenômeno migratório à medida que o meu envolvimento se atrelava ao caráter de “amiga de fora”, daquela que não iria repassar as fofocas e histórias pessoais adiante. Nestas etapas de inserção se destacaram: a presença de minha mãe, ser convidada a morar numa casa de família, envolver-me em uma religião e com escola estadual. Aproximando-me das atividades cotidianas, minimamente, me foi atribuída a categoria de amiga das informantes.

Por isto, observamos ao longo da exposição das descrições etnográficas que a importância da relação entre o espaço público e doméstico se fez presente em todos os momentos do campo, quando os (as) gonzaguenses questionavam se eu possuía algum familiar na cidade. Isto indica a forte conexão entre os acontecimentos do espaço público e suas consequências na esfera doméstica. Vimos que o ambiente público pode afetar até mesmo as estruturas de parentesco, como exemplo, podemos associar as mudanças ocorridas depois que cheguei à cidade ao analisar a presença de minha mãe. A melhora na comunicação e aproximação com as mulheres gonzaguenses insinua que a população delimita expressivamente aqueles que são da cidade a partir do vínculo de parentesco.

Segundo Gilberto Velho (2004), através do espaço social o indivíduo desenvolve e articula sua identidade no seu ambiente. A categoria de pessoa em Gonzaga perpassa pelas relações familiares e o status da “pessoa”, na maioria das vezes, decorre da emigração. As relações sociais que envolvem o espaço público também são compartilhadas no doméstico, ambas as interações completam o todo coletivo e também o parentesco. Logo, o que importa são as relações entre todos os agentes. No caso de Gonzaga, observa-se que as pessoas compreendem suas particularidades através das diferenças entre as famílias. A “pessoa” está atrelada à idéia de papéis sociais, e a noção da individualidade da “pessoa” gonzaguense relaciona-se à decisão do indivíduo emigrar, que aparentemente é um ato isolado, mas como observamos no contexto de Gonzaga, está vinculado aos valores do indivíduo preso aos papéis sociais definidos pela noção de família (pai, mãe, filho, filha, sobrinho, sobrinha, provedor (a) da família e entre outros papéis sociais).

Neste sentido, o exemplo de ser imigrante não está apenas na noção solitária daquele que busca trabalho, mas sim na questão do “indivíduo”, que ordena suas atitudes em prol das relações familiares e relações cotidianas. A “pessoa” pertence a uma família específica e a “herança” familiar, a “pessoa” herda as características morais de seus parentes, fazendo com que isto também interfira na posição e status da pessoa perante o espaço público. Nas descrições etnográficas verificamos que a partir desta “herança” moral da família, muitos (as) gonzaguenses optam pela emigração para garantir a preservação da família e, assim, serem aceitos moralmente na sociedade. Deixo claro que não nego a importância da consangüinidade no parentesco gonzaguense, como foi exposto esta é transmissora de qualidades que estabelecem afinidade entre os indivíduos.

Desde o primeiro momento do trabalho de campo a família mostrou-se importante categoria de análise, sendo explicitada em diversos locais públicos, principalmente, nas igrejas e na escola. No religioso, os líderes pregavam nos sermões, o reconhecimento e valorização dos indivíduos que priorizam viver para o bem estar e manutenção da família nuclear, mesmo que fosse necessário o período de ausência devido à emigração, independente da emigração levar outros conflitos aos envolvidos. Já na educação das crianças presenciei na fala das docentes um discurso que incentiva as crianças a compartilharem a emigração enquanto parte do cotidiano e experiência de vida. Nos momentos de repressão a algum aluno, as professoras diziam que se crianças continuassem com o mal comportamento, futuramente, isto poderia se tornar motivo de vergonha ou de empecilho quando elas projetassem trabalhar com os familiares no exterior, pois a má conduta na infância poderia influenciar na moralidade delas enquanto adultas.

A importância das relações familiares em Gonzaga coloca a emigração enquanto um fenômeno que não ocorre isoladamente na ação de uma pessoa, mas que envolve toda uma conjuntura social que, obviamente, pode alterar ou transformar-se a qualquer momento. Todas as etapas do meu processo de inserção de campo permaneceram restritas ao discurso feminino, apresentando relatos das representações amorosas, afetivas e, ainda, desta perspectiva feminina classificou-se um ideal masculino com as principais atribuições: companheiro, protetor, trabalhador, sendo que muitos para conquistar este *status* recorrem à emigração para perpetuar o valor do trabalho da família. Ainda sim foi possível atingir as categorias sociais gonzaguenses que

simbolizam a divisão do trabalho, os papéis sociais compartilhados nos núcleos familiares, o sistema de parentesco e os princípios morais compartilhados na localidade.

Então, a imigração pode fortalecer ou enfraquecer o status do indivíduo gonzaguense através da relação dele com a família, como também pode interferir no respeito perante amigos, vizinhos e afins, o que pode vir a impedir a formação de um novo núcleo familiar. A consolidação do núcleo familiar é aprovação da “pessoa” perante a sociedade como um todo e para isto se concretizar algo é fundamental, a constituição da casa, tanto no sentido físico da palavra (a habitação), quanto na relação moral, a casa preservar e perpetuar o nome da família. A casa, então, garante a sustentação da centralidade das relações de um casal, como também o status dos jovens para a ascensão do casamento, alocando num novo núcleo familiar, garantindo a maturidade e o rompimento com a casa dos pais, e repetindo o meio para alcançar tal feito é a emigração.

Deste modo, parte da subjetividade das (os) gonzaguenses cristãos estão em proteger e evitar a desestruturação do matrimônio e do núcleo familiar. A partir desses elementos foi possível visualizar as hierarquias de gênero que são partilhados entre os indivíduos gonzaguenses, por isto em muitas situações acompanhadas em campo, a migração se apresentou como uma solução para evitar a falência do casamento ou para fugir da recriminação social de um divórcio e, para algumas mulheres, o preconceito em ser mãe solteira. Porém para aquelas (es) gonzaguenses que não alcançaram o *status* do casamento, o *status* de ser um “*bom partido*” a emigração também é uma solução para conquistar o respeito dos familiares, vizinhos e afins, pois há a idéia de que com o projeto emigratório a pessoa ou pretende manter a estrutura da família, ou está projetando a possibilidade de uma nova família ao constituir ou reformar a casa.

Como Machado (2010) analisou em Governador Valadares, a emigração na região do Vale do Rio Doce pauta-se em planos familiares. Na oratória das mulheres observa-se uma “*tensão constante entre a idéia de desestruturação da família e os planos e projetos familiares*” (MACHADO, 2010, p.23). Portanto, a imagem de Jean Charles difundida na mídia refletiu a antítese da noção de pessoa que os gonzaguenses compartilham de si mesmos, pois a imprensa relatou a imigração sem vínculos familiares, sugeriu somente o aspecto da ascensão financeira. Da mesma maneira, o filme sobre Jean Charles pouco mostrou as relações familiares em Gonzaga, segundo o roteirista, a narrativa somente tratou do aspecto daqueles que estão fora do país, sem

considerar as especificidades dos diversos grupos de imigrantes, realçando apenas os percalços da vida no exterior sem qualquer relação com os núcleos de parentesco que permanecem nas cidades de origem dos imigrantes, ou seja, a intenção foi demonstrar uma visão globalizante e solitária daquilo que os imigrantes sem documentação vivenciam nos países receptores.

E após os percalços da etnografia, concluímos que a emigração em Gonzaga está na sua relevância para a manutenção dos vínculos familiares e de parentesco, pois ao longo desta etnografia o que mais chama a atenção foram os aspectos da aceitação do meu papel de pesquisadora na cidade, embora todos marcados por situações que revelaram aspectos da noção familiar gonzaguense. Portanto, o evento de Jean Charles retratado pela mídia não gerou nenhuma mudança significativa nos fluxos emigratórios, já que a imprensa tratou o caso como mais um episódio de um imigrante qualquer que buscou outras oportunidades de emprego no exterior, marcado pela solidão e suposto individualismo, no sentido genérico da palavra, de que as pessoas não se preocupam com a memória de seu passado, conseqüentemente, com os vínculos de parentesco, entretanto, os dados etnográficos retrataram o oposto.

Referências

ABREU FILHO, Ovídio de. Parentesco e identidade social. *Anuário Antropológico*, v.80, p.95-118, 1982.

ABU-LUGHOD, Lila. “Melodrama egípcio: uma tecnologia do sujeito moderno?”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, p. 75-102, 2003.

ALMEIDA, Alexandra C. G. **Valadarenses em Portugal**: novas identidades e mercado de trabalho. São Carlos: UFSCar, 2007. Relatório final de Iniciação Científica (Fapesp).

ALMEIDA, Heloisa. B. “Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela”. **Revista Estudos Femininos**, Florianópolis, v.15, n.1, p.177-192. JAN-ABR 2007.

_____. Telenovela, consumo e gênero: "muitas mais coisas". Bauru: Anpocs /EDUSC, 2003.

_____. Melodrama Comercial – reflexões sobre a feminilização da telenovela. **Cadernos Pagu**. Campinas. Vol. 19, pp.171-194. 2002.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; SASAKI, Elisa Massae. Novos migrantes do e para o Brasil: um balanço da produção bibliográfica. **Migrações internacionais**: contribuições para políticas. Brasília: CNPD, 2001.

_____. Estar aqui, estar lá... uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos. Campinas. **Caderno Núcleo de Estudos de População (NEPO)**. Unicamp; nº41. JUN de 2002.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; SIQUEIRA, Sueli. “O Brasil e o Estados Unidos: o gênero, etnicidade e preconceito da novela América”. In. *Caderno Espaço Feminino*. Vol.17; nº1, JAN-JUL de 2007.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. De Gonzada para Londres: gênero etnicidade e preconceito na história de Jean Charles de Menezes. In: XI Encontro Nacional de Historia Oral, São Leopoldo, 2008. (Acesso 25/10/2010 <http://www.slideshare.net/observatoriojuvenildoale/glaucia-de-oliveira-assis-presentation>).

AZEVEDO, Fernando A. “Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e sistema político”. In. *Opinião Pública*. Campinas. Vol.12, nº1, pp.88-113. ABR-MAI. 2006.

BORELLI, Silvia H. S. “Telenovelas Brasileiras: balanços e perspectivas”. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo. Vol. 15, nº 3, 2001.

BRIGGS, Jean. Kapluna Daughter. In: GOLDE, Peggy. **Women in the field: anthropological experiences**. Londres: University of California Press, 1986.

CARSTEN, Janet. *After Kinship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. “O conceito de sociedade em antropologia”. **A inconstância da alma selvagem - e outros ensaios de antropologia**. Editora: Cosac & Naify. 2002.

CASTRO, Mary Garcia. “Migrações Internacionais e Políticas: Algumas Experiências Internacionais”. **Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas**. CNPD, Brasília, Agosto de 2001.

CASTRO, Elisa G. “ ‘Estudos de Comunidade’: Reflexividade de etnografia em Marvin Harris”. **Revista Universidade Rural do Rio de Janeiro**. Série Ciências Humanas, vol. 23 (2), pp. 195-210, Jul/Dez 2001.

CERQUEIRA, Ana Carneiro. “O "Povo" Parente dos Buracos: mexida de prosa e cozinha no cerrado mineiro”. Tese de Doutorado em Antropologia Social- Departamento de Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2010.

CHAVES, Christine de Alencar. **Festas da política: uma etnografia da modernidade no sertão (Buritis/MG)**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Núcleo de Antropologia Política, 2003.

CLIFFORD, James. **Experiência etnográfica: antropologia e literatura do século XX**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008.

COMERFOR, John Cunha. **Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural**. Ed: Relume Dumará, Núcleo de Antropologia da Política/ UFRJ. Rio de Janeiro, 2003.

COSTA, Flávia Carolina. Morro da Conceição: Uma etnografia da sociabilidade e do conflito numa metrópole brasileira. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. 2010.

CUNHA, Isabel Ferim et al. Título do artigo. **Revista: Media, Imigração e Minorias Étnicas**, Lisboa. Disponível em: <www.oi.acime.gov.pt>. Acesso em: JAN-2009

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997a.

_____. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª Ed. Rio de Janeiro. Rocco, 1997b.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

DURHAM, Eunice R. **A dinâmica da cultura**: ensaios de antropologia. Organizado por Eunice Ribeiro Durham e Omar Ribeiro Thomaz. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

_____. “Família e reprodução humana”. In. *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FAVRET-SAADA, Jeanne. ““Ser afetado” de Jeanne Favret-Saada”. **Cadernos de Campo**, USP, n.13, p.155-161. 2005.

FELDMAN-BIANCO, Bela. “Entre a “Fortaleza” da Europa e os laços afetivos da “irmandade” Luso-brasileira: um drama familiar em um só ato”. **Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas**. CNPD, Brasília, agosto de 2001.

_____. “Reinventando a localidade: globalização heterogênea, escala da cidade e a incorporação desigual de migrantes transnacionais”. **Horizontes Antropológicos**. UFRGS. Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 19-50, jan./jun. 2009.

FONSECA, Cláudia. **Família, Fofoca e Honra - Etnografia de gênero e violência em grupos populares**. 2ª edição. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

_____. “Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica”. **Saúde e Sociedade**, vol.14; nº2, pp. 50-59. MAI-AGO de 2005.

FUSCO, Wilson. **Redes Sociais na Imigração Internacional: O caso de Governador Valadares**. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Departamento de Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, Novembro de 2000.

_____. “Redes sociais nas migrações entre Governador Valadares e os Estados Unidos”. **Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas**. CNPD, Brasília, agosto de 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1989.

GIUMBELLI, Emerson. “Para além do trabalho de campo: reflexões supostamente malinowskiana”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.17, n.48, FEV- 2002.

GLICK SCHILLER, Nina; FOURON, Georges. Laços de sangue: os fundamentos raciais do estado-nação transnacional. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Coimbra,n. 48, p. 33-66, jun., 1997.

GOLDE, Peggy. “Odyssey of Encounter”. In: **Golde, Peggy. Women in the Fiel. Anthropological experiences**. Londres. University of California Press, 1986.

GOLDMAN, Márcio. “Alteridade e Experiência: Antropologia e Teoria Etnográfica”. **Etnográfica**. Vol.X (1), p. 161-173, 2006.

_____. “Os tambores do mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia”. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2003, V. 46 Nº 2. p.445-476.

INSTITUTO BRASILEIRO EM GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/default.htm>. Acesso em Abril de 2010.

KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Tradução de Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MACEDO, Carmen Cínira. **A reprodução da desigualdade**. São Paulo: HUCITEC, 1979.

_____. **Tempo de gênese: o povo das comunidades eclesiais de base**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1986.

MACHADO, Igor José de Renó. **Cárcere Público: O exótico e a imigração no Porto, Portugal**. Campinas, Tese de Doutorado em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Unicamp, 1999.

_____. “As comemorações dos 500 anos na mídia portuguesa: alguma crítica, muito ufanismo”. **Com Ciência**, Campinas, v. 20, 2001.

_____. “Interações das fronteiras e o ponto de vista etnográfico”. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n.31, p.167-187, jan./jul, 2009.

_____. “Reordenações da Casa no contexto migratório de Governador Valadares, Brasil”. **Etnográfica**, 14(1), 2010.

MACHADO, I. J. R.; SILVA, C. R.; KEBBE, V. H.. “Notas sobre a família transnacional”. **REMHU**, Brasília, v. 30, p. 79-98, 2008.

MACHADO, Lia Z. “Famílias e Individualismo: tendências contemporâneas no Brasil”. **Revista Interface** Botucatu, vol.5, no.8, p.11-26, Fev 2001.

MAGNANI, J. Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARGOLIS, Maxime L. **Little Brazil: an ethnography of Brazilian Immigrants in New York City**. New Jersey: Princeton University Press, 1994.

MARQUES, Ana Claudia. “Algumas faces de outros eus. Honra e patronagem na Antropologia do Mediterrâneo”. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, n. 5 (1). p.131-147, 1999.

NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS – Migrações e Sociedade < http://br.groups.yahoo.com/group/niem_rj/> Acesso em Dezembro de 2009.

PATARRA, Neide Lopes. “Migrações Internacionais: teorias políticas e movimentos sociais”. **Revista Estudos Avançado 20: Dossiê Migrações**, n. (57) (maio-agosto),p 07-24. . São Paulo. IEA. 2006.

PISCITELLI, Adriana. “Amor, paixão, casamento: Escolha de conjugue em famílias de camadas medias e altas no sul de Minas Gerais”. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 1990.

PORTAL UOL: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/internacional/2006/07/22/ult27u56840.jhtm>

PÓVOA, Helion Neto. “A imagem da imprensa sobre a emigração brasileira”. **Revista Estudos Avançado 20: Dossiê Migrações**, n. (57) (maio-agosto), p 25-39 . São Paulo. IEA. 2006.

SAHLINS, Marshal. **Ilhas de histórias**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1990.

SARTI, Cynthia. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas: Editora Autores Associados/FAPESP, 1996.

SCOTT, Russel Parry. “O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico”. **Cadernos de Pesquisa**, v.73, p.38-47, 1990.

SILVA, Victor Hugo Martins Kebbe. *Um Jornal entre Brasil e Japão: a construção de uma identidade para japoneses no Brasil e brasileiros no Japão*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2008.

SHOHAT, Ella. “Des-orientar Cleópatra: um tropo moderno de identidade”. **Cadernos Pagu** (23). Unicamp. 2004, pp.11-54.

SOARES, Weber. *Da Metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga*. Tese de Doutorado em Demografia. Programa de Pós-Graduação em Demografia do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (CEDEPLAR) pela Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte (MG), 2002.

SOUZA, Jessé. “A sociologia dual de Roberto Da Matta: descobrindo nossos mistérios ou sistematizando nossos auto-enganos?”. **Revista brasileira de Ciências Sociais**. Vol.16, n°.45, p.47-67. Fev 2001.

TRUZZI, Oswaldo. “Redes em processos migratórios”. **Tempos Social**. Revista de Sociologia da USP, v.20, n.1, pp.199-218. São Paulo. 2008.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Editora Jorge Zahar – 7ª ed. - Rio de Janeiro. 2004.

VILLELA, Jorge_Mattar. “Família como Grupo? Política como agrupamento? O Sertão de Pernambuco no mundo sem solidez”. **Rev. Antropologia**. Vol.52, nº 1, São Paulo, p.201-245, 2009.

WAGNER, Roy. **The invention of culture**. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZANINI, Maria C. Catarina. “Assistir, ouvir, ler e narrar: o papel da mídia nas construções identitárias étnicas”. *Revista de Antropologia*. São Paulo. USP. 2005, vol.48, n.2, pp. 699-736

Anexo 1: História Oficial de Gonzaga

Dados do IBGE:

Histórico

São Sebastião do Gonzaga foi o seu primeiro nome. Os pioneiros se instalaram às margens do Ribeirão Gonzaga, e ali iniciaram atividades agropecuárias, até hoje baseada na economia municipal. Está na zona do rio Doce. No início do século, chegaram às margens do ribeirão Gonzaga os primeiros povoadores. Joaquim Gonzaga doou as terras a São Sebastião, surgindo, então, o povoado de São Sebastião do Gonzaga. A partir de 1911, passou a pertencer ao município de Guanhães. Em 1923, com a criação do município de Virginópolis, São Sebastião do Gonzaga passa a integrá-lo, tendo a sua denominação mudada para Gonzaga de Guanhães. Em 1938, reduz-se para Gonzaga. O distrito foi elevado a município em 1962.

Formação Administrativa

Distrito criado com a denominação de Gonzaga, pela Lei estadual nº 556, de 30-08-1911, subordinado ao município de São Miguel de Guanhães.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o distrito de Gonzaga, figura no município de São Miguel de Guanhães.

Pela Lei estadual nº 843, de 07-09-1923, o distrito de Gonzaga de Guanhães (ex- Gonzaga), foi transferido do município de Guanhães (ex-São Miguel de Guanhães), para o novo município de Virginópolis.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o distrito de Gonzaga de Guanhães, figura no município de Virginópolis.

Assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937. Pelo Decreto-lei estadual nº 148, de 17-12-1938, o distrito de Gonzaga de Guanhães voltou a denominar-se simplesmente Gonzaga.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o distrito de Gonzaga (ex-Gonzaga de Guanhães), figura no município de Virvinópolis.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1960,

Elevado á categoria de município coma denominação de Gonzaga, pela lei estadual nº 2764, de 30-12-1962, desmembrado de Virginópolis. Sede no antigo distrito de Gonzaga.

Constituído de 2 distritos: Gonzaga e Conceição da Brejaúba, criado pela mesma lei do município. Instalado em 01-03-1963.

Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 2 distritos: Gonzaga e Conceição da Brejaúba.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

Alterações toponímicas distritais

Gonzaga para Gonzaga de Guanhões, alterado pela Lei estadual nº 843, de 07-09-1923.

Gonzaga de Guanhões para Gonzaga, alterado pelo Decreto-lei estadual nº 148, de 17-12-1938.

Transferência distrital

Pela Lei estadual nº 843, de 07-09-1923, transfere o distrito de Gonzaga de Guanhões do município de Guanhões para Virginópolis.

Anexo 2: Reportagens

1. Atirar para matar

Pe. Alfredo J. Gonçalves, CS

“Atirar para matar” é a ordem da tradicional Scotland Yard no combate aos responsáveis pelos atentados terroristas ocorridos em Londres. Por isso é bem legítima e oportuna a indignação de algumas centenas de manifestantes, por um lado, e a estranheza do chanceler Celso Amorim e do Itamaraty, por outro, sobre a morte de Jean Charles de Menezes, em Londres, Inglaterra, no dia 22 de julho pp. Morreu porque era suspeito de terrorismo, morreu porque era trabalhador ou morreu porque era migrante? O fato é que, com apenas 27 anos, o eletricitista de Gonzaga, interior de Minas Gerais, foi barbaramente assassinado com oito tiros disparados a queima-roupa por policiais à paisana da polícia londrina.

Em resposta aos protestos da comunidade brasileira nas ruas de Londres e à repercussão do caso na imprensa mundial, o chanceler britânico, Jack Straw, limitou-se a dizer que “lamenta, mas a polícia está lidando com suicidas”. A mesma resposta cínica foi endereçada pelas autoridades do Reino Unido à família de Jean Charles, com um simples pedido de desculpas pelo “engano”. O Ministro do Interior, Charles Clarke, por sua vez, classifica de “tragédia absoluta” o que ocorreu com o eletricitista mineiro. E acrescenta que “só tem elogio e admiração pelo modo como a polícia fez seu trabalho”. Admitiu, entretanto, que os métodos da polícia vêm sendo constantemente adaptados para lidar com a ameaça de terroristas suicidas” (Cfr. Folha de São Paulo, 25/07/05, pág. A 10 e 11).

Temos aí um precedente extremamente perigoso para os emigrantes que se aventuram a um futuro mais promissor nos países centrais. Em primeiro lugar, todo e qualquer estrangeiro, de cor, língua, religião ou hábitos diferentes, pode ser considerado suspeito; depois, todo o suspeito pode ser vítima da ordem “atirar para matar”, justificada pelas autoridades policiais e pelos próprios representantes políticos do Reino Unido; em terceiro lugar, depois de consumado o fato, basta um simples pedido de desculpas para a família, juntamente com a promessa de indenização, e a “garantia de que o caso será devidamente investigado”; enfim, realizados todos os procedimentos que o caso exige, o cadáver é respeitosamente devolvido aos parentes para que lhe dêem sepultura digna.

Se essa é a situação de um brasileiro regularmente estabelecido na Europa, o que dizer dos milhares de brasileiros clandestinos que residem nesse continente ou nos Estados Unidos e Japão? Pior, o que dizer dos milhões de imigrantes provindos da Ásia, da África e da América Latina, e que vivem de forma irregular nos países do Primeiro Mundo? E mais grave ainda, o que dizer das mulheres, meninos e meninas que são vítimas do tráfico internacional de seres humanos para fins de exploração sexual?

Os atentados terroristas ocorridos respectivamente em New York, Madrid e Londres, criaram um clima hostil e agressivo para os estrangeiros, tenham ou não visto de permanência. Mas é claro que os “sem documentos” sofrem de maior vulnerabilidade, estando expostos a todo tipo de exploração ou aos serviços mais sujos, pesados e mal pagos. Daí à criminalização pura e simples de todo estrangeiro a distância é muito curta.

O ato de sair de sua terra em busca de melhores condições de vida, por si só, torna o trabalhador um criminoso em potencial. No limite, é isso que o caso de Londres nos revela e nos alerta. Dada a atmosfera do terrorismo e do contra-terrorismo, a vida dos imigrantes está por um fio. Em outras palavras, é verdade que o terrorismo bárbaro e sem rosto deixa cadáveres, fogo, cinza e escombros por toda parte; mas também é verdade que o terrorismo de Estado, “legal e civilizado” semeia o medo, a perseguição e a morte.

Enquanto ambos medem o poder e a força de suas armas, a população migrante, já tão desfigurada pelos golpes de um vaivém sem fim, experimenta a insegurança de ser tratada como criminosa em qualquer país do planeta. Em meio a esse fogo cruzado, o resultado é que não poucos migrantes, ao invés de um horizonte novo e aberto, acabam caindo nas mãos da polícia, na prisão ou são imediatamente deportados. O sonho converte-se em pesadelo!

Ao mesmo tempo que as leis de imigração tornam-se cada vez mais rígidas para os que desejam cruzar a fronteira, aumenta a vigilância e a severidade sobre os que já o fizeram. Sob o pretexto de proteger-se das ameaças dos terroristas e de seus atentados, os países ricos criam barreiras intransponíveis. Visíveis ou invisíveis, multiplicam-se os muros que separam povos e nações. Não é sem razão que em vários países do Primeiro Mundo, nesse clima de rechaço ao estrangeiro, tem crescido o número e a violência dos grupos neo-nazistas e neo-fascistas. Até mesmo em lugares como São Paulo, por exemplo, assistimos a manifestações de hostilidade aos nordestinos e aos latino-americanos. Sabemos que, em tempos de crise, é comum “demonizar” o outro, o estranho e o diferente. Nesse tiroteio mundial entre o terrorismo e seu combate, facilmente caímos no fundamentalismo político ou religioso, no maniqueísmo e no individualismo exacerbado.

Não custa lembrar, por fim, que Gonzaga, a cidade natal de Jean Charles, localiza-se na grande área de Governador Valadares e Ipatinga, estado de Minas Gerais, região de intensa saída de jovens para os Estados Unidos, Portugal e outros países da Europa. Jovens que, só pelo fato de migrarem, denunciam uma ordem mundial globalizada, assimétrica e injusta e anunciam a necessidade de mudanças profundas em vista de uma nova ordem mundial, ou de uma globalização solidária. Tais jovens significam, na verdade, sangue novo nas veias de cidades e gerações cada vez mais decrépitas e, ao

mesmo tempo, entusiasmo primaveril em sociedades que se aproximam do outono. Nesta perspectiva, os emigrantes/imigrantes são portadores de esperança e de renovação, além de abrirem espaços para o intercâmbio de valores culturais entre todos os povos. Não podemos permitir que a fobia paranóica do terrorismo mate na raiz esses embriões de um mundo recriado. Ao contrário, retomando a expressão do Papa João Paulo II, é preciso cultivar a “cultura da solidariedade” e avançar em direção a uma cidadania sem fronteiras.

2.La Insignia, 25/07/05:

http://www.lainsignia.org/2005/julio/cul_039.htm

Improviso para Jean Charles Menezes

Nei Duclós

La Insignia. Brasil, julho de 2005.

Tua biografia escassa, Jean Charles, jaz fuzilada com cinco tiros pelas costas. Tua precariedade é tão profunda, que por instantes foste confundido com um terrorista no metrô de Londres. Nossa vista cansada embarcou nessa nota fria, antes que te reconhecessem, antes que confessassem a culpa. Não eras apenas a rotina dos assassinatos de uma metrópole tomada pelo medo. Eras um pouco mais. Descobriram que encarnaste por alguns minutos esse pânico que gera o terror e põe a culpa nas vítimas. Vinhas de um nebuloso conjunto de apartamentos vigiados pela vingança. Ias para o trabalho com teus olhos de índio, que uma testemunha definiu como asiáticos, com tuas pernas criadas no interior de Minas, que ao expressarem pressa sugeriam fuga. Vestias um casaco num dia de calor, porque aprendeste como é traiçoeiro o clima para quem confia excessivamente nele. Mas a suspeita provocada pela tua roupa era apenas a violência engatilhada na esquina. Não eras tu, eletricista sem nome na multidão em trânsito, em busca da cidadania que te negaram. Eras um "criminoso" levando embaixo do braço, oculto no casaco improvável, uma estupidez que enfim puxou o gatilho.

Covardia

Estavas lá por acaso, Jean Charles, porque eras indiferente à trama que aprontaram neste tempo de covardia. Nada tinhas a ver com a armadilha. Eras o único bravo num evento medonho, em que o terror está em quem persegue movido pela cega certeza, mira por falta de juízo, e mata por vocação. Vivias longe da política, mas não te deram esse direito sagrado. Trilhavas uma sobrevivência sadia, e isso te bastava. Mas escolheste o lugar onde não te queriam. Tua identidade oficializada num passaporte por anos experimentou essa sensação de viver num lugar que parecia de verdade, e não num país

abandonado pela incúria, como acontece na tua nação de origem. Desde cedo, como lembra tua família, querias aprender lá fora o que aqui não te ensinavam. Cedo descobriste que, aqui, só a mentira enriquece, enquanto a verdade pede esmola nas calçadas demolidas. Por isso quando estavas pronto, quando havia determinação suficiente no teu espírito, tiveste coragem para dar um salto e lá foste viver o teu exílio desta terra sem palmeiras. Talvez na viagem lembraste os passarinhos que caçaste no mato junto com os primos e os amigos, Jean Charles. Fugiste da gaiola pela porta da frente e nada devias na cidade que é vista como um modelo de tolerância. Mas enquanto atravessavas o mar, o mundo mudava e o rosto da paz possível tomou a forma da máscara do horror sem limites.

Abutres

A polícia britânica, que era tão famosa por jamais usar armas, sinal de um país civilizado num mundo cercado pela barbárie, agora bate no peito e se diz arrependida. Como poderão ser perdoados, se estás morto, compatriota? Se te mataram porque eras um desterrado em terra estrangeira? Se tua avó, que tanto te amava, não dispõe mais da esperança de mostrar, orgulhosa, as fotos da tua viagem bem sucedida? Se teus parentes choram o amargo fim de uma vida que a todos encantava? Como poderão ser perdoados esses abutres de olhos fuzis, que, tomados pelo mais profundo medo, encontraram em ti o motivo para resgatar as vidas que perderam naqueles trens jogados no fogo? Eles queriam expiar a culpa de terem perdido tantos cidadãos de uma só vez. Estavam envergonhados porque isso aconteceu nas fuças deles, tão competentes que são, tão científicos nas divisões que fazem da humanidade, entre hispânicos, caucasianos e asiáticos. Como se fôssemos gado, animais em busca de comida.

Bravura

A verdade é que Jean Charles não precisava de vocês, seus megalômanos de merda. Nós temos uma civilização aqui, caralho, e ela se manifesta na bravura de um povo e não na incúria dos ladrões que sempre nos governaram. Não somos este país quebrado, somos um povo que não foge à luta, que enfrenta chumbo todos os dias, que verte sangue direto da carne exposta, que assim mesmo se movimenta pelo país e o resto do mundo numa diáspora inspirada na insubordinação, fundada na esperança e direcionada para a grandeza. Não somos cavalos, por isso não nos chamem com esses nomes racistas que fazem a civilização de vocês. Somos a humanidade, meus caros. Somos de uma outra natureza e de outra têmpera. Somos brasileiros cidadãos do mundo. E Jean Charles, que não conhecíamos porque isso não era da conta de ninguém, apenas da família dele, é o que temos a oferecer. Velem seu corpo brutalizado. Expatriem seu esforço e fiquem com vosso ódio. É isso o que vocês merecem. Devolvam Jean Charles e mantenham perto de vocês os inimigos que vocês mesmo criaram, graças à soberba que os governa, a ambição que os aniquila, a dor que vocês compartilham com quem nada tem a ver com isso. Nós ficamos com nossa pobreza e nossa biografia escassa. Não somos nada, nem ninguém. Somos um corpo peneirado pelas balas no subterrâneo de um país distante.

Somos Jean Charles Menezes, nome próprio de uma nação que é a soma de todas as outras. E que chega à pátria que o esqueceu para ser depositado no pranto de quem o amou.

3. Jornal do Brasil, 27/07/05 :

<http://jbonline.terra.com.br/>

Quem matou Jean Charles de Menezes?

Fritz Utzeri

Resposta de um emigrante ao ministro italiano que o aconselhava a não emigrar: "Que coisa entendeis por uma nação, senhor ministro? É a massa dos infelizes? (...) Plantamos e ceifamos o trigo, mas nunca provamos pão branco. Cultivamos a videira, mas não bebemos vinho. Criamos os animais, mas não comemos carne. (...) E apesar disto, vós nos aconselhais (...) a não abandonar a nossa pátria. Mas é uma pátria a terra em que não se consegue viver do próprio trabalho?"

A resposta do emigrante italiano, mais de cem anos depois, ainda vale para explicar quem matou Jean Charles de Menezes, emigrante brasileiro assassinado pelos esbirros da Scotland Yard (o termo é esse mesmo). Jean é uma vítima do sistema econômico e político que domina o mundo hoje e do qual Inglaterra e Brasil são exemplos claros. Por que Jean, como milhões de seus compatriotas, foge de uma terra abençoada como o Brasil? O que leva esses jovens a sujeitar-se a uma vida de miséria e riscos em terra estrangeira? Exatamente o mesmo motivo que levou milhões de europeus a virem buscar o sonho aqui, fugindo da fome, da falta de oportunidades em suas terras natais para procurar o leite, o mel e a esperança - tantas vezes traída - sem a qual o homem não pode sobreviver.

Jean nasceu em Gonzaga, Minas Gerais. Um terço dos 6 mil habitantes da cidadezinha está no exterior. Jean trabalhava como eletricista e, como pobre, teve o azar de morar num quarteirão vigiado pela polícia. Foi seguido de sua casa até um ônibus e, depois de uma viagem de 15 minutos, até a estação de metrô, onde cometeu seu primeiro erro, erro banal, que cansei de ver em todos os metrôs do primeiro mundo: pulou a roleta. Os policiais (à paisana) ordenaram que parasse. Apavorado, correu e já dentro do vagão caiu e foi simplesmente dominado e executado à queima-roupa. Sete tiros na cabeça e um no ombro, todos de costas, significam que a polícia inglesa ganhou dois zeros, ou uma licença para matar.

Imagino o escândalo que seria se um inglês inocente fosse abatido no metrô do Rio por agentes da Polícia Federal. O mundo viria abaixo e o qualificativo de "selvagens" seria o mais doce que nos reservariam. A justificativa da polícia inglesa, cujo chefe declarou - publicamente - orgulho pela truculência assassina de seus rapazes, é que essa é uma norma de serviço para lidar com terroristas. É preciso matá-los antes que detonem os explosivos que carregam. Nada de imobilizar, dominar, prender. A pérfida Albion acaba de decretar que, na guerra contra o terrorismo, ela não faz prisioneiros. Nem os suspeitos são poupados. Os nossos esquadrões da morte não fariam melhor. Essa guerra o Bin Laden ganhou.

Mas não imaginemos que estamos isentos desse crime. O que o Brasil, a começar por suas autoridades tão indignadas, deveria começar a perguntar-se é por que Jean foi assassinado numa estação de metrô de Londres. O que ele estava fazendo lá? Era um turista? Não, ele faz parte da geração de milhões de brasileiros que olha para a sua terra e só vê impossibilidades. Impossibilidade de trabalhar, de crescer, de ansiar por uma vida melhor.

Quando Elsa, minha mãe, decidiu vir para a América, mais especificamente para o Brasil, ela estava só numa Europa destruída pela guerra, tendo em seus braços apenas um pequeno filho, rejeitado por toda a família dela por ser filho do inimigo. Meu pai, um soldado alemão, morrera antes de eu nascer. Ela veio em busca da esperança. Passou fome, lutou, sofreu, mas encontrou o que queria. Pôde tomar o vinho da videira, comer o pão e a carne, mas - sobretudo - formar o filho, vida e fruto de uma história de amor enlouquecido pela guerra e pela morte.

Duas gerações depois, os brasileiros emigram em massa, para buscar a felicidade lá fora. O que aconteceu entre nós? Uma guerra? Um tsunami? Um terremoto? Que calamidade nos assolou? Nenhuma. Aqui a tragédia é silenciosa, diária, traiçoeira, mata muito e aos poucos, sem canhão e sem bomba, mas com injustiça, uma injustiça violenta que se perpetua há séculos e que nada, nada mesmo, parece capaz de mudar. Hoje, a "mãe gentil" não consegue alimentar os seus filhos, não lhes dá esperança e caminho e os expulsa de seu próprio seio. Triste história, a dos emigrantes do paraíso. Quem matou Jean não foi só a polícia inglesa. Quem matou Jean foi o Brasil.

Fritz Utzeri escreve no JB às quartas-feiras

[enviado por Miriam de Oliveira Santos]

4. Revista Amanhã, julho de 2005

Todos somos Jean Charles de Menezes

por Isaac Bigio

Londres tem uma relação muito especial com a América Latina. A maior cidade europeia sempre abriu suas portas aos latinos - hoje, cerca de 300 mil deles vivem por lá, contribuindo para fazer de Londres a cidade mais cosmopolita do “velho mundo”. Todas as madrugadas, escuta-se o espanhol pelas ruas, pois o centro não funciona sem que, previamente, um exército de sul-americanos limpem suas oficinas.

No dia 6 de julho, quase todos eles festejaram a escolha de Londres como a sede das Olimpíadas de 2012. Um dia depois, quando a cidade foi vítima de bombas, nenhum latino morreu. Entretanto, no dia 22 de julho, a primeira pessoa que a polícia anti-terrorista matou foi um dos “nossos”: um humilde jovem brasileiro. Os “uniformizados” alegam que ele não parou quando foi solicitado e que por isso atiraram em sua cabeça, para evitar que se auto-explodisse. Jean Charles era um dos 50 milhões de latino-americanos que viajam para trabalhar no hemisfério norte, buscando escapar da pobreza e emitir remessas de dinheiro para ajudar seus familiares em seus países de origem.

O jovem foi assassinado em Stockwell, bairro onde mais se fala português na Inglaterra.

Especula-se que Jean não tenha parado por não querer que fosse descoberta sua situação imigratória. Apesar de nada ter demonstrado que ele estava ilegal, o certo é que no Reino Unido há centenas de milhares que não podem regularizar seus papéis.

Enquanto isso, muitos, diariamente, pedem deportação massiva, a verdade é que essa massa é a chave na economia, pois são mão-de-obra mais baratas do que outras.

Enquanto a Espanha e vários países europeus formalizam essa “massa”, decretando anistias, a Grã-Bretanha segue sendo uma triste exceção em seu continente. O resultado é um grande mercado negro, onde o fisco é burlado.

Londres tem uma grande dívida com seus latinos. É hora de legalizar todos os irregulares e permitir que os imigrantes sejam plenamente incorporados à sociedade.

O analista internacional Isaac Bigio é o colunista político latino-americano mais citado na web e um dos autores hispânicos mais mencionado em homepages em português. Ensinou política brasileira e latino-

americana na London School of Economics. Tem uma coluna diária no jornal “Correo” (13 edições regionais no Peru), um dos diários sul-americanos de maior circulação. Escreve para dezenas de meios de comunicação nos cinco continentes. Conta com artigos publicados na CNN, BBC, DPA, AFP e na maioria dos grandes diários latino-americanos.

5.O Globo, 28/07/05:

Cora Rónai

Há coisa de duas semanas, pensei em escrever sobre a eficiência da polícia inglesa, que descobriu num tempo que me pareceu recorde quem eram os terroristas do metrô. Isso, claro, foi antes do assassinato covarde do brasileiro que cometeu o tríplice crime de não ser louro, de usar jaqueta e de correr de pessoas que vinham ao seu encalço com a pior das intenções.

O destino deste pobre rapaz me encheu de amargura. Todos conhecemos a história dele, todos conhecemos alguém que deixou o país, suportando a cidadania de segunda classe do exílio em troca de um empreguinho razoável. Há uma ironia horrorosa nisso, de sair do Brasil, tão violento, para ser morto num país supostamente seguro, como a Inglaterra — afinal, é aqui que a polícia mata antes e pergunta depois, é aqui que a vida humana não vale nada, não é mesmo?

Por outro lado, o erro fatal da polícia inglesa só ficou claro porque o morto, além de brasileiro, se chamava Jean Charles de Menezes; duvido que o engano teria sido assumido, ou sequer descoberto, se, brasileiro ou não, ele se chamasse Ali, Salim ou Osama.

Para o prefeito de Londres, os culpados pela morte de Jean Charles de Menezes foram os terroristas, que transformaram a Inglaterra num país de paranóicos. Ele errou. Os verdadeiros culpados por esta tragédia são os mesmos culpados pelos mortos nossos de cada dia, que tombam pelas esquinas sem alarde, vítimas de balas perdidas, de traficantes, de policiais equivocados. Os verdadeiros culpados são os nossos políticos, gerações deles, que nunca se preocuparam em criar um país mais justo, com educação e oportunidade para todos. Falar é fácil, falar bobagem é mais fácil ainda. Mas fazer, que é bom, ninguém faz.

É indamissível que, num país do tamanho do Brasil, com tanta riqueza e tanto por construir, com tanto

dinheiro saindo pelo ladrão, tantos Jean Charles ainda tenham que deixar sonhos e família para trás em busca de trabalho e de esperança.

6. O Globo, 23/07/05: <http://oglobo.globo.com/jornal/mundo/169168932.asp>

Terror faz brasileiros pensarem em retornar

Fernando Duarte

Correspondente

LONDRES. Por razão muito maior que o mero desconforto, o paulista José Di Michele tem evitado entrar nos vagões de metrô mais cheios. Teme que a obstrução de sua visão aumente ainda mais a angústia que o acompanha desde 7 de julho, quando este analista de sistemas de 35 anos teve que escapar pela janela de um trem da linha Piccadilly atingido por uma explosão entre as estações de King's Cross e Russell Square.

Situação no Brasil poderia ser mais perigosa

No atentado, 21 pessoas morreram. Psicologicamente, Di Michelle não saiu ileso.

— Estou pensando em sair de Londres. Fico agoniado quando entro no metrô e, por mais que goste de Londres, não dá para viver com essa insegurança. Ganhei uma segunda chance e não quero perdê-la. Muita gente vai dizer que no Brasil é mais perigoso, mas sou de Piracicaba, uma cidade calma — diz ele, há seis anos vivendo na cidade.

Gente da comunidade brasileira com menos tempo de Londres também já pensa em buscar o caminho do aeroporto, como conta Marcelo de Souza. Ele é um dos donos do restaurante Brazil By Kilo, ponto de encontro de brasileiros no Reino Unido e que, como outros negócios do gênero, teve queda de movimento nas últimas semanas.

— As pessoas estão assustadas e com medo de usar o transporte público. Já ouvi muita gente dizer que vai fazer as malas assim que possível — conta Souza.

A incerteza não é o único problema de brasileiros. Semana passada, o estudante Lauro Mesquita, entregador de sanduíches, recebeu olhares inquisidores de passageiros do metrô ao entrar no vagão com a enorme mochila em que leva o produto. Chegou a ser revistado por policiais. Já a estudante Tatiana Morales diz ter sofrido com a xenofobia e o preconceito racial numa mercearia em Elephant and

Castle, no sul de Londres.

— Estava comprando frutas e uma mulher começou a dizer que era por causa de estrangeiros que o Reino Unido se encontra sob ameaça. Reagi dizendo que o problema maior é a atitude de pessoas racistas e ignorantes — conta ela.

Empresas aéreas não registram mais desistências

Para Reinaldo Morato, dono do restaurante Barraco, o maior termômetro verde-amarelo são os pedidos de clientes para que as novelas e o futebol na TV dêem espaço aos canais de notícia. Morato também se transformou numa espécie de conselheiro da turma mais assustada:

— Tem gente que pergunta sobre cuidados a tomar no metrô, ou que chega dizendo que quer ir embora. Lembro a eles que o terrorismo em Londres ainda é muito menos perigoso que a violência no Brasil, sobretudo nas grandes cidades.

Já o padre Frederico Meirelles, cujas missas atraem mais de mil fiéis brasileiros semanalmente, diz não ter percebido um reflexo imediato da ameaça do terror em Londres.

Empresas aéreas com vôos para Londres não mudaram sua rotina. Segundo a British Airways, o número de cancelamentos de passagens não ultrapassa o padrão registrado ao longo do ano, e não poderia ser atribuído aos atentados. A companhia mantém seus dez vôos semanais com partidas de Rio e São Paulo. Já a Varig disse continuar operando seus sete vôos semanais para a capital britânica e que não registrou desistências decorrentes dos ataques.

Nas operadoras de turismo, o clima ainda é de incerteza. A CVC, uma das maiores do país, reconhece a possibilidade de queda nas reservas de pacotes para Londres, mas ainda não teve cancelamentos. Já a Marsans afirma que, após as primeiras explosões, há duas semanas, passageiros não abriram mão de suas reservas e mantiveram as viagens.

7. Folha de São Paulo, 24/07/05: (<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2407200505.htm>)

Imigração aperta cerco a brasileiros

Desde 11 de setembro de 2001, brasileiros e outros emigrantes que tentam a vida no Reino Unido estão trocando o sorriso da chegada por uma realidade bem mais dura. As leis para concessão de visto estão

mais rigorosas e a fiscalização para flagrar e prender estrangeiros ilegais, mais atuante. Há cada vez mais gente presa, deportada e removida do Reino Unido, segundo duas consultoras que auxiliam brasileiros no país.

As dificuldades têm início já nos aeroportos. "A imigração britânica declarou guerra ao nosso passaporte verdinho", afirma Francine Mendonça da Silva, que, em sua lista, possui os contatos de 8.000 dos estimados 250 mil brasileiros que vivem por lá -grande parte ilegalmente.

"Há relatos de oficiais da alfândega que tratam mal os brasileiros. Uma cliente minha, mesmo com visto, ficou três horas para sair do aeroporto", conta.

Até 1º de outubro de 2004, era possível tirar o visto de estudante no aeroporto inglês.

Agora, só no Brasil. E a troca de um tipo de visto por outro também enfrenta uma longa burocracia.

"Todo dia há brasileiros removidos, gente que nem conseguiu entrar na Inglaterra, foi breçada no aeroporto", diz Vitória Nabas, que tem dois clientes presos recentemente com documentos falsos -cuja pena é de até 14 anos.

Os deportados são aqueles flagrados na rua ilegalmente. Eles enfrentam processos e, se condenados, são mandados de volta ao país de origem -e ficam proibidos de retornar por cinco anos, em média, ao Reino Unido.

"Os brasileiros estavam acostumados a chegar e entrar com facilidade. Agora, as portas estão se fechando por aqui", diz Vitória Nabas. Entre seus clientes, mais da metade procura seu escritório por dificuldades na imigração.

"Ontem mesmo soube de oito brasileiros que foram devolvidos. Isso acontece todos os dias. É gente que diz que veio estudar, mas, na verdade, quer trabalhar ilegalmente para juntar dinheiro. O que ocorreu é que esse pessoal é mal orientado por agências picaretas no Brasil e dá com a cara na porta por aqui", diz a consultora.

Francine acredita que os brasileiros acabam sofrendo mais com a polícia inglesa porque "aprontaram muito no passado", envolvendo-se na falsificação de documentos e na fuga do país com empréstimos bancários não pagos. "Alguns abusaram do sistema e agora outros estão pagando por isso", afirma.

(FABIO SCHIVARTCHE)

Explode número de brasileiros barrados.

ÉRICA FRAGA
DE LONDRES

Jean Charles de Menezes, 27, morto pela polícia britânica por engano no último dia 22, decidiu viver em Londres em busca de um futuro melhor. Gente das mais diversas partes do Brasil tem seguido a mesma rota. Mas um número crescente nem chega a pisar no Reino Unido. Dados do governo britânico obtidos pela Folha revelam que a quantidade de brasileiros barrados pela imigração do país anualmente deu um salto enorme, de 142% entre 2000 e 2003, passando de 1.814 para 4.385 pessoas.

A estatística é o reflexo concreto da combinação de dois processos. O primeiro é a decisão do governo britânico de combater mais fortemente a imigração ilegal. O segundo é a tendência, também crescente entre brasileiros, de querer viver em Londres, ainda que de forma irregular.

Segundo o Ministério do Interior britânico, esse foi exatamente o caso de Jean, que estaria morando ilegalmente na capital britânica. Mas, se muitas pessoas como o electricista -que tinha um visto falsificado, de acordo com as autoridades, e trabalhava normalmente no país-, conseguem driblar a imigração, milhares têm sido mandadas de volta para casa do próprio aeroporto.

Mais rígido

O serviço de imigração britânico se torna mais rígido a cada dia. Percebo isso com o volume cada vez maior de documentos pedidos para a renovação de vistos", diz Vitoria Nabas, advogada brasileira especializada em imigração, que atua em Londres.

Em 2002, 130 mil brasileiros conseguiram entrar no Reino Unido. Outros 2.400, no entanto -número 60% maior que o registrado em 2001-, foram barrados. Ou seja, para cada mil pessoas que cruzaram a fronteira, mais de 18 voltaram para casa.

No ano seguinte, o número de brasileiros cuja entrada foi negada voltou a explodir, passando para 4.385, um aumento de 82,7% em relação a 2002. A proporção entre pessoas aceitas e recusadas também deu um salto. No total, 127 mil brasileiros ingressaram no país, em 2003. Portanto, para cada

mil pessoas aceitas, mais de 34 foram "devolvidas".

Entre 2000 e 2003, o Brasil passou do quinto para o segundo local no ranking das nacionalidades com maior número de recusas de entrada, perdendo apenas para a Polônia. Com a entrada desse país na União Européia, no entanto, o Brasil teria passado a ocupar a primeira posição, em 2004, segundo declaração dada no ano passado à Folha por Peter Collecott, embaixador do Reino Unido no Brasil.

Exigências

Outras nações que ganhavam no passado do Brasil em quantidade de cidadãos barrados pela imigração, como Zimbábue e Jamaica, caíram na lista porque o governo britânico passou a exigir que os cidadãos dessas nacionalidades peçam visto previamente.

No caso de brasileiros, o pedido de visto prévio não é exigido. Mas a legislação britânica se torna mais dura a cada dia para todos os países de fora da União Européia.

Agora, por exemplo, quem quer permanecer no país por mais de seis meses como estudante tem de solicitar uma "autorização de entrada" ao Consulado Britânico previamente no país de origem.

Para quem quer se casar com um europeu -muitos brasileiros arranjam casamentos desse tipo, comprados por até US\$ 7 mil, para conseguir o passaporte da União Européia-, a vida também está mais complicada.

Um brasileiro que quer se casar com uma britânica, por exemplo, e que não tem visto de estudante ou trabalho válido por mais três meses precisa pegar um voo e realizar o matrimônio no Brasil. Se o casamento for com um europeu de outro país, o matrimônio também tem de ser realizado no Brasil, mas, nesse caso, é possível fazer o trâmite por procuração.

De acordo com Vitoria, com os dois atentados terroristas ocorridos nas últimas semanas, a imigração tende a se tornar ainda mais restrita. Um sinal disso é que, nos aeroportos, passou-se a carimbar alguns passaportes, aleatoriamente, com uma estampa de saída.

Isso é uma forma indireta de fiscalização, pois, ao olhar o documento, o funcionário registra os nomes daqueles que estavam vivendo ilegalmente no país, o que tende a dificultar um retorno no futuro.

"As portas estão cada vez mais fechadas, principalmente porque muitos brasileiros vivem aqui ilegalmente. Isso deve explicar esse aumento no número de pessoas barradas pela imigração britânica que já identifiquei essa tendência", afirma a advogada.

Mas a comunidade brasileira em Londres segue aumentando. Segundo Fernando Mello Barreto, cônsul-geral do Brasil no Reino Unido, um sinal disso é a procura crescente pelos serviços do consulado, que aumentou cinco vezes entre janeiro de 2001 e dezembro de 2004.

Não existe uma estatística precisa de quantos brasileiros vivem em Londres. Estimativas de líderes comunitários indicam 100 mil pessoas. A atratividade da capital britânica tem feito com que pessoas de variadas cidades brasileiras venham viver aqui.

A oferta grande de trabalho, o fato de que empregadores britânicos fazem vista grossa, muitas vezes, para a falta de visto válido e a alta cotação da libra -a moeda britânica vale quatro vezes mais do que o real- são motivos citados por brasileiros.

Mas as condições econômicas difíceis do Brasil nos últimos anos parecem ser determinantes para a opção dos imigrantes. "A situação no Brasil está muito difícil. Eu ganho bem mais aqui e ainda ajudo a família lá", diz Everaldo Luiz Elias, que trabalha como ajudante de cozinha em Londres de forma ilegal há quatro meses.

Os rumores de que valeria a pena viver em Londres parecem ter se espalhado pelo Brasil.

É bastante comum ouvir de alguém que resolveu tentar a sorte na capital britânica que amigos vieram antes e estão conseguindo juntar dinheiro. Essa é a história contada, por exemplo, pelos quatro primos de Jean que se mudaram para a capital britânica seguindo os passos do electricista.

O medo do terrorismo parece ter assustado algumas pessoas.

"Minha mulher resolveu voltar para o Brasil. Agora, talvez, venha para cá de novo", conta Elias.

Mas muitos nem cogitaram essa hipótese. "Estou seguindo minha vida normalmente. Não penso em voltar. Acho que viver no Brasil é mais perigoso. Eu nunca pegaria um ônibus à noite lá, por exemplo, como faço aqui", diz a jornalista Mariana Grapiúna.

9. Ilegais "driblam" imigração britânica

Mecanismos incluem compra de carteiras de identidade e carimbos de visto falsos por até 100 libras

ÉRICA FRAGA

DE LONDRES

GABRIELA BOEING - COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, EM LONDRES

Para cada nova barreira levantada pelo governo britânico a fim de dificultar a imigração ilegal, os brasileiros que querem viver irregularmente em Londres parecem encontrar uma forma diferente de driblar.

Os mecanismos vão da compra de carteiras de identidade portuguesas falsas à aquisição de cartas "frias" com registro de frequência em escolas -para renovação, por exemplo, de vistos de estudante-,

passando pela busca em um mercado negro de carimbos falsificados que imitam as estampas do Ministério do Interior britânico.

Pelas ruas da capital britânica, brasileiros que vivem ilegalmente no país especulavam que, provavelmente, fosse um desses carimbos que Jean Charles de Menezes, 27, possuía. Anteontem, o governo do Reino Unido divulgou uma nota dizendo que Jean chegou a ter um visto de estudante que expirou há dois anos e, agora, possuía, em seu passaporte, uma estampa que "não era usada naquela data" pela imigração.

Não ficou claro se Jean tinha um carimbo falsificado -comprado por 50 ou cem libras (entre R\$ 210 e R\$ 420) no mercado paralelo- ou, por exemplo, uma estampa da própria imigração britânica que, porém, não era válida na data em que foi carimbada no seu passaporte. Mas uma coisa é certa, dizem brasileiros que moram e trabalham na capital britânica, é possível comprar carimbos falsificados.

"Eu cheguei a ter um visto de estudante falso, que comprei por cem libras", conta o paulista Cléber Luiz, 26, que vive em Londres desde 2003. Formado em educação física, Cléber trabalha guiando bicicletas que levam passageiros em um banco acoplado atrás e vive hoje de forma totalmente ilegal. Seu último visto venceu no fim de 2004. Em setembro, ele volta ao Brasil para conhecer a filha de seis meses, mas já tem planos para retornar para Londres em 2006.

O paranaense Anderson, 25, usa há dois anos um documento português falsificado. Quando chegou a Londres, recebeu um visto de turista de dez dias e comprou a identidade, com o "insurance number" (equivalente ao CPF) para poder trabalhar, por 170 libras.

Anderson conta que chegou a ser descoberto. "Eu trabalhava em uma pizzaria, e o gerente descobriu. Ele disse que não iria me denunciar porque, assim, teria que pagar uma multa por ter me empregado com documento falso. Ele apenas me demitiu", conta.

Quem teme a imigração por algum motivo tenta driblar as autoridades britânicas usando rotas alternativas para entrar no Reino Unido. Um dos meios mais comuns entre os brasileiros é chegar de barco. A entrada via aérea costuma ser por Dublin ou Edimburgo.

"A imigração parece menos rígida nessas cidades, por isso optei por vir do Brasil por Dublin", afirma Cléber.

Talvez a forma ainda mais usada por brasileiros para enganar o Ministério do Interior britânico é trabalhando com visto de estudante, mas fazendo jornadas até três vezes maiores que as 20 horas semanais permitidas.

"É impossível sobreviver aqui, pagar curso e contas, sem trabalhar mais do que as 20 horas permitidas. Trabalho 28 horas num restaurante e pego empregos temporários em duas agências que me rendem entre mais dez e 20 horas de trabalho por semana", diz Diego (nome falso).

Gonzaga tem 1/3 da população no exterior

Em MG, cidade do brasileiro morto pela polícia londrina vive do dinheiro enviado pelos que emigraram
JOSÉ MASCHIO

DA AGÊNCIA FOLHA, EM GONZAGA

Um terço da população de Gonzaga (MG), cidade de origem do brasileiro Jean Charles de Menezes, 27, morto na última sexta-feira pela polícia britânica, mora fora do Brasil.

Vizinha de Governador Valadares -cidade famosa internacionalmente pela constante migração para os EUA-, Gonzaga segue o caminho e tem hoje cerca de 2.000 pessoas morando fora do país, para uma população de quase 6.000 habitantes, de acordo com cálculos da prefeitura.

Como Menezes, morto com cinco tiros por policiais ingleses na estação de metrô de Stockwell, os gonzaguenses buscam no exterior -EUA, Portugal e Inglaterra- oportunidades de trabalho.

Na cidade, onde a agricultura de subsistência é predominante, não existe oferta de mão-de-obra, segundo o prefeito, Julio Maria de Souza (PSDB), 52.

Souza, que foi quem comunicou a morte de Menezes à família do eletricitista, afirma que 80% da arrecadação do município provém do FPM (Fundo de Participação dos Municípios), "e o exterior é a única saída para os jovens e aqueles economicamente ativos". A arrecadação mensal de Gonzaga é de R\$ 200 mil.

Menezes emigrou para o Reino Unido pela primeira vez em abril de 2000. Em 2002, voltou à cidade mineira e, já com visto de trabalho em Londres, levou o primo Alex Alexandre Alves Pereira, que agora cuida da liberação de seu corpo no Reino Unido. Menezes retornou ao Brasil no início deste ano e voltou a Londres em abril. Com ele foram duas amigas.

Fluxo

A busca pela Inglaterra, e em menor escala Portugal, foi intensificada depois dos atentados de 11 de setembro de 2001 nos EUA -a partir daí, os EUA passaram a exercer maior vigilância sobre a entrada de estrangeiros.

"A tendência é o fluxo migratório para os EUA diminuir, pois o controle está muito rígido", afirma Rielson Vinícius de Arcanjo Alves, 29, de Gonzaga.

Alves é um exemplo do aumento do rigor americano. Nos EUA desde 1998, ele conta que tinha visto de permanência e que, mesmo assim, foi deportado há dois meses. "Cassaram meu visto e me mandaram embora sem a menor justificativa, tudo por culpa dos traumas contra o terrorismo", afirma.

O ex-vereador na Câmara Municipal de Gonzaga pelo PMDB (93-96) Geraldo Rubens, 51, morou nos EUA nos últimos cinco anos. Na próxima semana, ele embarca novamente para a Pensilvânia, onde trabalha na reforma e na construção de casas. Rubens desconversa sobre estar ou não legalizado nos EUA, mas diz que os "ganhos financeiros compensam os riscos".

Subsistência

Com apenas um posto de saúde e uma escola de nível médio, Gonzaga concentra pequenos produtores rurais, que produzem apenas para a sua subsistência. A cidade vive basicamente do dinheiro enviado aos parentes pelos brasileiros que emigraram.

"A situação de Gonzaga não é diferente da maioria das cidades pequenas e médias do Brasil, onde a falta de perspectivas leva os jovens para o exterior", afirma o prefeito.

Segundo ele, somente a longo prazo, "caso o país consiga se desenvolver economicamente", esse quadro poderá ser alterado.

11. BBC NEWS, 30/07/05: <http://news.bbc.co.uk/1/hi/world/americas/4730943.stm>

Brazil's youth in poverty escape

By Jo Wright
In Gonzaga

About half of the young people from the Brazilian town of Gonzaga move abroad in the hope of securing a better future.

One of them was 27-year-old Jean Charles de Menezes, the man mistakenly shot dead in London by police officers who feared he was a suicide bomber.

In the tiny cobbled town, houses and small apartment blocks being built among dilapidated bungalows give the appearance of a holiday resort, except there are no tourists.

The construction is paid for with foreign earnings, as those who stay in this rural area struggle to earn the minimum wage.

Jean's family live half an hour outside the town, along a dusty red dirt track. Hundreds of small hills dot the landscape, where smallholdings are surrounded by subsistence crops of maize, sugar cane and banana trees, and the richer families raise a few cattle.

At the family home, Matosinhos Otoni da Silva, a bricklayer, spoke about his son in the present tense.

Describing his pride in the way his "well-mannered" son behaved with people, and the future he was building by working as an electrician, the 66-year-old said: "My son only went to primary school because we are poor. But he is intelligent.

"When he was a child he said: 'Father, I heard on the radio people make good money in England, the United States, France. If I have money to go, I will go. I will take advantage of my age and my energy to help you out.'"

Jean and his older brother, who now works in Sao Paulo as a bank clerk, spent their childhood in an adobe hut. Now the family has a small, bright bungalow in front of the hut.

Mr Silva said Jean had always wanted to be an electrician - as a child, he would make electrical toys with batteries, copper and matchboxes.

Jean trained in Sao Paulo, before leaving for England at the age of 24 where he joined relatives in London and quickly learnt to speak English.

"Of course people worry when a son leaves," said Mr Silva. "But it was his desire to travel.

A girlfriend helped arrange his ticket to London. He was in good hands.

"He didn't make a lot of money in England as he was a self-employed electrician. Most of his money went on rent and food. He wanted to stay for another two years to save money so he could come back and invest in a ranch.

"He was happy in London. He said it was a marvellous capital, where the people are very nice, where it is quiet and you can work without problems. He said it was a positive place, a very rich capital."

Since being told of Jean's death, his grandmother has been taken to hospital, while his 50-year-old mother Maria was too distressed to speak.

But friends and relatives who had gathered outside on the dusty ground remembered how Jean was "always smiling", "never had a cross face" and was well known in the area as he would fix people's TV aerials. A young cousin showed off a red Honda motorbike Jean had bought and emblazoned with a sticker of a Union flag.

'Very poor'

Gonzaga, in the state of Minas Gerais, is located 100km (62 miles) from the poorest area of south-eastern Brazil. It is 12 hours from Rio de Janeiro along 700km (434 miles) of eroded highway, where lorries weave from side to side dodging craters.

"Our region historically has a very strong relationship with the Americans and English," said Octuvaldo Oliveira, a friend of Jean's family.

"The English mined mica and precious stones. The relationship between the Brazilians and the foreigners was very strong. This stimulated the exit of Brazilians from this part of the country to other countries."

The town Mayor, Julio Maria Souza, estimates that about half of Gonzaga's young people travel abroad.

"My town is very poor," he said. "A lot of people go to the United States, work and spend it here. They build or improve homes, buy a small farm or a store.

"There are about 6,000 people, 4,000 of them young, including children, and of these maybe 1,500 are abroad."

A teacher from the local school added: "The great majority of young people go away, so they can invest here. The ambition for most is to go away."

Ronaldo, 29, spent five years working in the US on construction sites. He earned about \$20,000, and over the past three years has built a small block of apartments that he rents out.

He always planned to return to his home town. "I wasn't sure how much money I would earn, but it was always my intention to invest it here."

A spokesman from the Brazilian ministry of external relations said there were an estimated three million Brazilians living abroad, with about 1.3 million in the US and 100,000 in the UK.

Emigrants are typically males aged 25 to 35.

"In general, they are people with very low education levels. People who don't find many opportunities. They want to try their luck in the first world," said the spokesman.

Most return, but in the last few years the ministry has noticed more people are staying abroad, particularly in the US and Japan. "Migration is pushed by low incomes and violence. Better jobs and good incomes are the attraction."

People traffickers have targeted those who want to leave.

"We have had some problems, mainly in Spain and Portugal, with prostitution. Mafias come here and are very organised. They offer jobs and when the women get there, they are forced into prostitution," said the ministry spokesman.

He added that an incident such as the killing of Jean Charles de Menezes was unlikely to be a deterrent for those who want to leave.

'Romantic'

Brazil's prime-time soap opera, *America*, shows Latin immigrants pursuing the "American dream" in the US.

Leonardo Monteiro, a lawmaker for the Workers' Party, said: "The soap opera only shows the romantic side of the story - parties, a woman who wins a prize on the lottery, people who get very rich. It doesn't show the bad side, with the police and repression against Latin people.

"The soap opera ought to be showing American culture, Mexican culture and our culture here. To stimulate us to create conditions for us to live and be productive in Brazil.

"In Governador Valadares [the nearest major town to Gonzaga], every day there are enormous queues of people trying to get passports so that they can go to the United States, Europe and Japan."

The procedure to get a US visa has recently been tightened, so more people are trying to sneak over the border from Mexico. Between April and May, 7,000 Brazilians were arrested as they tried to make the crossing.

And since it got harder to get into the US, many more Brazilians are going to Europe.

In spite of Jean's death, his younger cousin, 13-year-old Juaelia, told how she wanted to work in London as a seamstress when she was older, to send money back to her family.

"I think London is a beautiful place and England a very nice country. I still want to go," she said.

12. SanLuisObispo.com, 30/07/05: <http://www.sanluisobispo.com/mld/sanluisobispo/12261551.htm>

Brazilians seek their fortunes overseas

ALAN CLENDENNING
Associated Press

GONZAGA, Brazil - Horse-drawn buggies still deliver milk door to door in this sleepy Brazilian town, while young men flush with dollars and euros open stores and buy fully loaded four-wheel-drive pickup trucks.

Gonzaga, the remote hometown of the Brazilian electrician killed in London when he was mistaken for a suicide bomber, is at the center of a mostly illegal migration boom from Latin America's largest country to the United States and Europe.

There's no end in sight, even with the death of 27-year-old Jean-Charles de Menezes, shot seven times in the head on the subway on his way to fix an alarm.

Menezes, who was working in Britain to save enough money to buy a cattle ranch back home, was buried Friday in the cemetery on a hill overlooking this Brazilian town of 6,000.

Friends and relatives who threw roses on his casket had hoped he would return to Gonzaga smiling, like they had, with wads of foreign currency and set for life in a country where millions are mired in low salaries and chronic unemployment.

Few in Gonzaga believe the flow of townspeople seeking fortunes overseas will ebb because of Menezes' death. The rewards, they say, are just too rich.

The number of Brazilians captured on the U.S.-Mexico border - 27,000 from October to July, nearly triple the previous year - illustrates the trend. Brazil's government estimates half the 1.5 million Brazilians in the United States are there illegally.

While the United States is the prime destination, many - like Menezes - head to Britain, Germany, Italy, Portugal or Spain because it's easier to fly there legally as a tourist, then take jobs off the books.

"For a few months people will be scared of going, but they'll forget about this because Brazil's economy is too tough," said Romir Pereira, who worked construction illegally for five years in Framingham, Mass.

Pereira wouldn't say how much he brought home last year, but the close friend of Menezes said his savings allowed him to erect the largest building in Gonzaga, a four-story concrete structure with a red-tile roof shadowing the palm-lined central plaza.

The 29-year-old entrepreneur runs a grocery store on the ground floor, rents three large apartments upstairs and drives a shiny black 2005 Chevrolet S-10 extra cab pickup with a turbo engine.

A few miles away on a dirt road in a valley dotted with orange and banana groves and fields of 12-foot sugarcane, Rubens Menezes, one of Jean-Charles' many cousins, lives in a new three-bedroom home with a vegetable garden and a pond he plans to stock with tilapia fish.

He paid for the house and built an apartment building in the capital, Brasilia, with the \$50,000 he earned as a landscaper in Massachusetts for five years.

His only regret: U.S. immigration authorities captured him and sent him home a few months before he had enough money to pay for a wraparound terrace and an American-style grassy front yard.

Pereira and Rubens Menezes got to the United States legally on tourism visas before U.S. authorities tightened requirements for Brazilians.

But almost all Brazilians from Gonzaga and other towns in the central state of Minas Gerais now turn to smuggling rings promising to deliver them for \$10,000 to \$15,000.

The gangs bus immigrants to Brazil's largest city of Sao Paulo, then fly them to Mexico City. Smugglers take them across the U.S. border, police and residents say. Payment is made from Brazil only after the immigrants arrive in their city of choice, often Boston or Philadelphia, and phone relatives in Brazil.

Ground zero for smugglers is Governador Valadares, a city of 250,000 just 50 miles from Gonzaga, where federal police issue the passports allowing immigrants to enter Mexico, which lifted a visa requirement for Brazilians in 2002.

Governador Valadares Mayor Jose Mourao estimates 40,000 residents from his city alone have lived abroad. Ninety percent return, he said, and entire neighborhoods have sprung up from foreign currency.

The trend started as a trickle during World War II, when American companies came to the region to extract mica, a mineral used in insulation and electrical equipment, and a few Brazilians were invited to work in the United States.

It turned into a flood by the 1990s as residents realized they could make far more money abroad than elsewhere in Brazil.

Brazilians in the United States now send more than \$1.5 billion home every year.

"They go there to work at jobs Americans and Europeans don't want, don't commit crimes and they're not terrorists," he said.

Menezes came home to Gonzaga last summer after several years in Britain, telling friends he would return for good in three more years.

"He had the money to pay a smuggler, but he wanted to do things right," Pereira said. "Our story is the same, but his ended in tragedy."

Associated Press Writer Vivian Sequera in Brasilia, Brazil, contributed to this story

13. Folha de São Paulo, 31/07/05: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft3107200506.htm>

Gonzaguenses tentam "fazer a América"

LUCIANA COELHO
ENVIADA A GONZAGA (MG)

Ir para EUA para EUA "parece um vício", diz moradora; segundo estimativa do prefeito, 2.000 habitantes estão fora

"Acho que eu já tenho quase uns 20 amigos lá nos Estados Unidos", diz Darleane Reis, 16. "Acho que a maioria dos jovens daqui está lá agora. Parece um vício", exclama, rindo.

A observação da estudante é um retrato preciso de Gonzaga. A cidade mineira onde foi criado o eletricitista Jean Charles de Menezes, morto em Londres no último dia 22 pela polícia britânica, é conhecida na região como ponto de partida para muitos daqueles que tentam "fazer a América" (ou o Reino Unido ou Portugal). É impossível falar com alguém nesse município de pouco mais que 5.700 habitantes sem que a pessoa cite ao menos dois parentes ou amigos no exterior.

"Meus dois filhos estão nos Estados Unidos", diz uma senhora que entra apressada na casa paroquial da única igreja da cidade para acudir uma tia de Jean que passa mal durante o velório. Indagada se eles têm visto, ela encolhe os ombros: "Tudo ilegal". E a senhora não tem medo, depois do que aconteceu com Jean? "Fazer o que? Aqui não tem outro jeito não", diz, antes de sair, sem tempo para dizer o nome.

"Maluquice"

O discurso se repete em cada sala de aula da única escola da cidade, nos bares, na igreja, na praça principal (onde os jovens se reúnem), na "roça" (como os gonzaguenses se referem à extensa zona rural da cidade) e na Câmara dos Vereadores -os filhos deles, afinal, também estão fora.

Gonzaga, é preciso concordar com seus moradores, não vai muito além disso. Os empregos se restringem ao pequeno comércio (uma pousada, duas farmácias, duas lojas de construção, algumas mercearias, um restaurante, alguns bares), à lavoura e à prefeitura. O resultado é que, segundo o prefeito Júlio Maria de Souza, cerca de 2.000 gonzaguenses estão tentando a sorte fora do país.

Irmã de Darleane, Josivânia, 19, diz estar com viagem marcada para janeiro. Vai para os EUA chamada por amigos -os mesmos que dizem estar sofrendo com a solidão e o excesso de trabalho. Maluquice? "Não existe maluquice numa cidade que não te oferece nada. Quem vai para lá volta bem. No mínimo, com carrão."

Os políticos da região montam seus discursos em cima dos expatriados. De Governador Valadares, um pólo de emigração, às menores cidades, todos valorizam o que vêem como "espírito aventureiro" e, principalmente, as remessas de dinheiro dos que deixam o país.

O prefeito de Governador Valadares, José Bonifácio Mourão, chegou a dizer no dia da chegada do corpo de Jean, na última quinta, que "os países precisarão aceitar os imigrantes brasileiros ilegais" simplesmente "porque é gente demais". "Essa situação tem de ser regularizada. Vão fazer o que, deportar toda essa gente?"

Arrependimento

"O único lugar que paga um salário razoável, um salário mínimo, é a prefeitura", balança a cabeça em desaprovação o estudante Marcos Martins, 16.

Conhecido pelos amigos como "Brad" -uma alusão ao ator americano Brad Pitt por conta da cor dos cabelos-, o adolescente lamenta o que por muitos ali é dado como destino certo. "Muita gente aqui ouve desde pequeno que a única solução na vida é ir para lá tentar ganhar dinheiro. Eles esquecem até a importância de estudar", diz. "Meu irmão mesmo. Tem 11 anos, tomou "bomba" duas vezes na escola e já disse que assim que terminar a oitava série vai para os EUA."

Brad e Darleane concluem neste ano o ensino médio. Mas têm planos distintos -à primeira vista. Ela está ansiosa por reencontrar os amigos que vivem nos EUA e, tão logo seja aprovada em uma faculdade, pretende trancar a matrícula e viajar. "Meu pai não gosta da idéia. Minha irmã, que é professora, já disse que é besteira. Mas eu quero reencontrar meus amigos, ficar lá um tempo, ver como é, juntar um dinheiro."

Indagada sobre o que os amigos lhe contam, Darleane ri. "Só reclamam, dizem que estão arrependidos, que têm saudade." Isso não a abala. "Preciso ir, reencontrá-los, ver como é."

Já Brad privilegia os estudos. "Vou tentar uma bolsa neste ano. Se conseguir, não vou sair do país de jeito nenhum", diz. E se não conseguir a bolsa? "Meu pai está nos EUA faz uns quatro anos. Se não conseguir a bolsa, vou atrás dele. Ele já disse que me leva."

O pai de Brad trabalha como carpinteiro e, como é praxe entre os gonzaguenses, está ilegalmente nos EUA. "Ele foi primeiro para Nova Jersey. Agora eu não tenho mais certeza de onde ele está, porque ele vive mudando."

Darleane diz que, na maioria dos casos, as pessoas não tentam a via legal, "muito demorada". "Já vão direto pela fronteira do México." O preço? "Uns US\$ 10 mil, tem gente da região que leva. Geralmente o pessoal faz empréstimo de uma parte e fica devendo o resto para quem leva. No primeiro ano lá, praticamente só trabalham para pagar."

O que mais assusta os adolescentes, no entanto, é a sensação de desamparo exprimida pelos amigos que deixaram o país.

"Aqui é um por todos e todos por um", afirma Brad. "Lá é cada um por si e Deus por todos."

14. Por trás de um pedido de desculpas, a defesa do Estado policial

Arlene Clemesha

Enquanto as várias versões que cercaram a morte de Jean Charles de Menezes começavam a ser esclarecidas por testemunhas e pessoas próximas da vítima, o chefe de polícia de Londres, Sir Ian Blair, já podia ser visto na rede pública de televisão dizendo que lamentava o ocorrido, mas que a polícia estava cumprindo a sua missão, e que muitos mais poderiam vir a ser mortos no combate ao terror (ou seja, praticamente reivindicando o acontecido). Já o premiê britânico, Tony Blair, declarou que "lamentava terrivelmente, mas, e se ele fosse de fato um terrorista? Estaríamos sendo criticados por não o ter matado. Temos que permitir, e apoiar a polícia, para que ela faça o seu trabalho... Vamos continuar com a nossa política "

Empossado para o seu segundo mandato com 36% dos votos, uma das menores porcentagens para uma maioria governamental no país, o trabalhista Tony Blair só consegue implementar a política de "guerra ao terror" e luta contra o "eixo do mal", alinhando a Grã-Bretanha com a política internacional dos EUA, na medida em que acentua o caráter policial do aparelho de Estado. Quando Blair

vai à televisão dizer que “o objetivo do terrorismo é causar o terror; não vamos nos deixar aterrorizar”, o que há por trás dessa declaração que, de tão simplista, até parece incompreensível, é uma mensagem bem clara: os londrinos em particular, e os britânicos em geral, que já estão vivendo um cotidiano de incerteza e medo, devem apóia-lo agora mais do que nunca. A força policial armada, notoriamente racista, além de muito bem preparada e equipada, recebeu luz verde para agir com toda brutalidade, e as declarações de Blair em sua defesa já não deixam dúvida sobre a natureza do Estado que está emergindo na Inglaterra.

No entanto, muitos moradores de Londres estão demonstrando raiva e revolta pela execução de Jean, bem como por tudo que ela envolve. Durante a vigília de domingo em frente à estação Stockwell do metrô (onde Jean foi executado), pudemos ouvir vozes que se recusaram a aceitar que a polícia executasse impunemente uma pessoa inocente, não armada, caída no chão e imobilizada. Vários disseram que já não sabem a quem se temer, se aos terroristas ou à polícia; que “tudo isso se deve à política genocida de Tony Blair, que transformou a Inglaterra num Estado terrorista, numa potência ocupante, que sustenta a política racista de permitir que se atire em alguém só porque essa pessoa tem a pele morena e feições ‘orientais’”. Feições árabes? Paquistanesas? No caso, eram brasileiras mesmo, para decepção do aparelho de repressão.

Após a morte brutal desse trabalhador inocente, contra quem a polícia não foi capaz de sustentar evidências sequer de suspeita de terrorismo, e que só poderia ser “suspeito” pela cor da sua pele, não se pode mais ignorar que um Estado policial não é um Estado seguro, mas um Estado terrorista - tão, ou mais, terrorista, do que o terrorismo que alega combater.

A verdade é que o caso é apenas aparentemente parecido com as execuções da polícia brasileira nos morros do Rio ou nos becos de São Paulo. Porque o motivo que levou a polícia britânica a executar o Jean ultrapassou o racismo em si, ou o preconceito anti-“oriental”, e tem a ver com a natureza do estado policial supostamente “democrático”, na “guerra (infinita) contra o terror”. A polícia das “civilizadas” potências ocidentais age com a mesma brutalidade, e superior eficiência, da polícia de Diadema ou do morro da Rocinha, mas o faz em nome de uma nova cruzada mundial anti-árabe (ou “anti-terrorista”) que é, na verdade, uma agressão aos direitos democráticos dos cidadãos do mundo todo, cada vez

>mais incompatíveis com a dominação do mundo por um punhado de magnatas super-bilionários parasitas e especuladores, brancos ou de qualquer outra “raça” ou cor.

Arlene Clemesha é doutora em História pela USP. Autora de “Marxismo e Judaísmo”, pela Boitempo/Xamã, “Mandato britânico na Palestina”, Editora Xamã, e “De la Declaración Balfour a la derrota del movimiento obrero árabe-judío”. Traduziu “Freud e os Não-Europeus”, do intelectual palestino Edward Said, pela Boitempo.

15. Pagina 12, 28/07/05:<http://www.pagina12web.com.ar/diario/contratapa/13-54251.html>

El caso del extranjero abatido

Por Rodrigo Fresán

UNO “Veamos... El extranjero salió, el viernes 22 de julio, de una casa en Tulse. Camina hasta la cercana parada del autobús de la línea 2, se sube a él y, luego de un trayecto de unos diez minutos, desciende cerca de la estación de metro de Stockwell. Se supone que unos oficiales de civil lo consideran sospechoso por algún motivo, posiblemente les inquietan sus rasgos que no son del tipo británico, y le dan la voz de alto. El extranjero comienza a correr, salta los molinetes, baja por las escaleras mecánicas, corre por el andén de la Northern Line, entra a un vagón, tropieza y cae al suelo. Allí, sin pedir explicaciones ni dudarle un segundo, uno de los policías lo alcanza y le dispara ocho veces: siete tiros a la cabeza y uno al hombro... Ahora bien, qué nos dice todo esto, querido Watson.”

DOS Sherlock Holmes nunca pasará de moda mientras exista Inglaterra. Y es ahora cuando los ingleses lo necesitan más que nunca: alguien que imponga la razón por encima de la pasión y el frío cerebro oponiéndose a la cabeza caliente. Lo primero que se habría preguntado Holmes es, claro, por qué los policías que venían siguiendo al brasileño Jean Charles de Menezes desde que salió a la calle por considerarlo hipotética bomba andante, le permitieron subir a un autobús lleno de personas. Lo segundo es por qué el brasileño no se detuvo cuando se lo indicaron. La respuesta al segundo interrogante parece ser que el extranjero tenía el visado vencido y entonces salió disparando temiendo una deportación sin imaginarse que, a partir de ahora, al que dispara sobre sus piernas le disparan a la cabeza. La respuesta a lo primero parece ser que así son las cosas, que vivimos tiempos raros y que – explicó Blair– “tenemos que entender que la policía está haciendo su trabajo en circunstancias muy difíciles, y es importante que le demos todo nuestro apoyo en su tarea de proteger a la gente”. Por lo que Watson hubiera mirado a Holmes y, con timidez y cautela, respondió: “Supongo que lo que nos revela todo esto es que no es bueno andar corriendo por ahí si se es extranjero”. Y entonces Holmes habría mirado a Watson con ternura, sonriendo, casi con piedad, como se mira a un niño más o menos

brillante.

TRES Sherlock Holmes murió y los ingleses llevaron luto por él como si se tratara de un ser querido y su autor –Sir Arthur Conan Doyle– se vio obligado a resucitarlo y así la creación ha sobrevivido al creador. Muerto Conan Doyle –quien, contrario a su racional personaje, creía en hadas y en fantasmas– fueron muchos los escritores que no dudaron en apropiarse de la leyenda. Se ha dicho que para los narradores escribir una historia con Sherlock Holmes equivale a lo que un actor siente frente a Hamlet: un desafío tan complejo como imposible de rechazar. De ahí que no pase temporada sin que surja algún nuevo pastiche holmesiano y los más interesantes de la presente cosecha son *The Italian Secretary* de Caleb Carr, *The Final Solution* de Michael Chabon y, la mejor, *A Slight Trick of the Mind* de Mitch Cullin. Pero la novela para este verano londinense –dejemos de lado a Harry Potter, por favor– es *Arthur & George* de Julian Barnes. Este gran escritor inglés –quien comenzó su obra escribiendo policiales bajo seudónimo y que en más de una ocasión exploró en sus libros vidas reales como la de Sibelius, Turgeniev, Delius y, por supuesto, Flaubert– investiga aquí un episodio poco conocido de la vida de Conan Doyle. Una aventura en la que el autor se convirtió en Sherlock Holmes para desenredar una madeja judicial que en 1903 se conoció, periodísticamente, como “*The Great Wryley Outrages*” y cuya víctima fue un tal George Edalji, hijo de indios y más inglés que muchos ingleses cuando se trata de amar y honrar al imperio de entonces. A Edalji se lo acusó de casi todo lo malo que ocurría en su pueblo –sacrificio ritual de ganado, autoría de anónimos amenazantes– y así pasó tres años, de una condena de siete, en la cárcel. Fue finalmente liberado por falta de pruebas, desprolijidades procesales y protestas varias; pero Edalji no se conformó e insistió en limpiar su nombre y le escribió a Conan Doyle pidiéndole ayuda. Y Conan Doyle –súbito detective privado y público– respondió. *Arthur & George* –objeto hermoso, imitando diseño y encuadernación edwardiana, letras e ilustración grabadas en una portada sin sobrecubierta– puede leerse tanto como un thriller judicial, una crónica tan íntima como épica de una amistad o, sí, una advertencia sobre los peligros y las tentaciones de pensar en que el mal siempre viene de afuera.

CUATRO Pero en lo que más nos hace reflexionar *Arthur & George* –no es una idea novedosa– es en el modo en que la realidad se parece cada vez más a una versión diluida de la literatura, en el modo en que las obras contaminan las vidas. Así, el año pasado leímos la noticia de la misteriosa muerte del millonario de cincuenta años Richard Lancelyn Green: máxima autoridad mundial en Sherlock Holmes, quien apareció en la cama de su casa de Londres estrangulado con un cordón de zapatos y rodeado de sus peluches favoritos. Los últimos en verlo con vida dijeron entonces que Green parecía muy perturbado. No dejaba de repetir que “Alguien de la Holmes Society quiere desacreditarme” y que “Se avecinan grandes revelaciones”. Su muerte volvió a poner en circulación los rumores acerca de una tutankamoniana maldición de Sherlock Holmes –parece que son varios los cultores del mito que murieron raro– y así leo hoy mismo que un equipo de investigadores se prepara para exhumar el

cadáver del escritor Bretram Fletcher Robinson, fallecido en 1907. Y es que son muchos los estudiosos que aseguran que Robinson fue envenenado con láudano (y una ayudita de su esposa infiel) por Conan Doyle para así silenciar un escándalo mayúsculo: el que Robinson fuera el verdadero responsable de *The Hound of the Baskervilles*, gran novela holmesiana. Muchos otros estudiosos dicen que todo esto es absurdo, un delirio sin fundamento. Verdadera o falsa, la trama de un escritor devenido criminal para proteger a su justiciero no deja de ser atractiva. Y cosas más infundadas y más absurdas y delirantes se han visto y se ven y –todo hace pensarlo– se seguirán viendo en estos días y noches de un abatido mundo que no deja de correr. Un mundo cada vez más complejo y cada vez menos elemental, querido Watson. Mientras tanto, en una casa en un suburbio de Londres...

16. No lugar errado, na hora errada - 24/07/05:

http://br.groups.yahoo.com/group/niem_rj/message/1818

Helion Póvoa Neto

Mineiro de Gonzaga, morto por engano com tiro na cabeça em estação de metrô pela polícia. Essa violência do Rio, essa polícia violenta e mal preparada. Mas não é possível poupar marginais e suspeitos que possam vir a atentar contra a segurança dos cidadãos de bem.

Suspeito de terrorismo abatido em Londres, durante operação de repressão a possíveis atentados. Esses muçulmanos, esses radicais, claro que nem todos são perigosos, mas o fato é que aderiram a uma religião que instiga o ódio e prega o martírio. Um inocente que cai, mas a causa da segurança contra o terror permanece intacta.

Duas notícias corretas, duas informações equivocadas. Jean Charles de Menezes não estava no inseguro Rio de Janeiro onde, dizem, a vida não vale nada. Tampouco o agente mirara um muçulmano. Buscando radicais provenientes daquela grande área geográfica e cultural em que predomina a religião dos seguidores do Profeta, a eficiente polícia britânica matara um latino-americano, um brasileiro do município de Gonzaga, Minas Gerais, perto de Governador Valadares, a conhecida terra de arribação para os que buscam a sorte nos Estados Unidos e, cada vez mais, na velha Europa.

Por mais improvável que pudesse parecer um eletricista mineiro abatido em Londres como possível terrorista, que agentes da inteligente Scotland Yard confundissem a tal ponto a origem étnica de um suspeito, o fato é que aconteceu, chegamos enfim a esse ponto. Fechadas cada vez mais as portas dos EUA aos brasileiros, estes buscam outros destinos na Europa. Nela, exalta-se a necessidade de proteção contra esse Sul que deseja dólares, euros e libras do Norte, quando não atentar contra a própria vida dos seus privilegiados cidadãos.

Pior para nosso amor próprio de nascidos num país que um dia recebeu europeus fugidos da fome, querendo construir sua história num novo mundo pleno de possibilidades. Um país que hoje vê milhões de seus filhos buscando sobreviver num Norte que os rejeita. Pior para as forças de segurança do mundo desenvolvido, que já não sabem em quem mirar, a quem apontar, como possíveis ameaças a seu bem-estar e riqueza.

Jean Charles de Menezes era suspeito por ter saído de um endereço sob investigação desde os ataques a bomba de semanas atrás. Foi alvejado porque, tendo « aparência sul-asiática » (quase um sinônimo para muçulmano), vestindo um agasalho aparentemente incompatível com a temperatura do dia, alegadamente desobedeceu às ordens para parar. Resultado: cinco tiros na cabeça, parte do corpo que a polícia israelense recomenda como alvo mais adequado para deter imediatamente um possível atentador suicida.

Onde o trabalho de inteligência feito há mais de duas semanas pela eficiente Scotland Yard? Onde a política de direitos humanos de uma polícia que, segundo nos dizem, investiga, adverte, e só dispara em último caso? Onde os indícios que deveriam apontar conclusivamente para a suspeição de alguém que merecesse ser sumariamente executado para evitar um atentado?

O fato é que a guerra ao terror mira os que estão no lugar errado, na hora errada. Com traços raciais errados, usando o vestuário errado, agindo de forma errada. O estranho, o diferente, é sempre um suspeito, mesmo na Londres multicultural de tantas cores e etnias. A presença destas, que já dura décadas, não conseguiu ainda modificar o padrão que atribui suspeição a quem não é branco, de aparência anglo-saxônica, vestido e atuando segundo um padrão “normal”.

Ainda mais num momento em que se caçam possíveis atentadores, em que direitos humanos parecem um luxo quando se trata de investigar e deter terroristas. Em que a tortura é política de estado em Guantanamo e nas prisões do país que se define como o grande defensor das liberdades. Em que a imigração é cada vez mais criminalizada na Europa, constituindo-se o mero ato de migrar em infração passível de encarceramento.

Segundo as informações disponíveis, Jean era filho de agricultores, a quem ajudava com o dinheiro enviado de Londres. Antes, já fora migrante também em São Paulo e em Portugal. Na Inglaterra, estava em situação legal, o que não impediu que fosse vítima desse lamentável engano. Dezenas de milhares de outros emigrantes brasileiros – os números são desconhecidos – vivem irregularmente em Londres e em outras capitais européias. Nosso país já é, em termos absolutos, um dos grandes exportadores de mão-de-obra para o mundo desenvolvido.

A família, os amigos de Jean e a pequena Gonzaga devem estar agora se perguntando sobre o significado deste vasto mundo em que tantos brasileiros estão tentando a sorte, onde ganham sua vida e onde continuam a ser vistos como os estranhos fora do lugar.

18. Fantástico – 16/11/2008

Mãe de Jean Charles: polícia inglesa mentiu

A história do brasileiro vai virar filme.

Em Londres, diante das câmeras, Selton Mello é um brasileiro como tantos outros, que vivia fora do país, anônimo: Jean Charles de Menezes. Até que um dia entrou para a história como o inocente morto no metrô pela polícia que era considerada uma das melhores do mundo.

“A gente só tem a imagem da tragédia, é quase um mito, mas quem era esse cara? O que ele fazia? Essas são as perguntas que o filme pretende responder”, explica o ator Selton Mello.

Pouca gente sabe, por exemplo, que o electricista Jean Charles consertou o equipamento de som e salvou um show que estava prestes a ser cancelado.

Duas primas de Jean Charles estão na trama: Patricia da Silva, que representa seu próprio papel, e Vivian, interpretada pela atriz Vanessa Giacomini.

Na época do assassinato, julho de 2005, Vivian defendia o primo diante das câmeras. “Ela é importante, porque ela é o fio condutor da história. Uma menina ingênua, que vira mulher através de tudo o que aconteceu com Jean Charles”, afirma Henrique Goldman, diretor do filme.

Para Patricia, o desafio é grande. “Às vezes eu fico um pouco ansiosa, triste. Você tem que reviver emoções muito fortes e tem que lembrar também para poder atuar no filme”, conta.

“Nós usamos em vários níveis essa combinação de realidade e fantasia”, acrescenta o diretor do filme.

Jean Charles nasceu e cresceu na pequena Gonzaga, interior de Minas. A igreja matriz da cidade se transformou em palco de uma homenagem ao brasileiro e de um ato de protesto contra o assassinato de um inocente, a maior manifestação popular vista na região.

A cidade de seis mil habitantes recebeu uma multidão para o velório e o enterro. No cinema, a imagem foi reproduzida em Paulínia, no interior de São Paulo. O diretor exigiu que alguns atores nem lessem o roteiro, para que a reação fosse mais próxima do real.

“Não foi fácil fazer, porque eu não li o roteiro, a minha parte ele queria toda improvisada, então eu chegava nas cenas assim de surpresa”, lembra a atriz Vanessa Giacomini.

O ator Luis Miranda interpreta Alex, um dos primos que dividia apartamento com Jean Charles. “É ele basicamente que defende a família, um cara que acabou estudando e aprendendo como funcionavam as leis lá na Inglaterra para poder entender e ajudar melhor a solução desse caso”, diz.

A mãe de Jean Charles, Dona Maria Otoni de Menezes, e o irmão, Giovani Silva, voltaram esta semana de Londres. Durante 40 dias, eles acompanharam a primeira parte de um inquérito que apura responsabilidades. Diante deles, testemunhas relataram o que aconteceu naquele dia no metrô.

“Aquilo ali foi uma tortura para mim que sou mãe, não foi muito fácil. Eles falaram no depoimento que foram para matar, para matar mesmo, e mataram um menino inocente”, desabafa a mãe.

Eles assistiram às cenas gravadas pelo circuito interno do metrô, que foram liberadas somente para a Justiça britânica.

“Foi dita muita mentira da polícia para nós. Agora no inquérito foi passado tudo, todas as câmeras que filmaram, todos os filmes, passou tudo para a gente, como ocorreu este evento neste dia”, conta Giovani.

“Fiquei sabendo que foi tudo mentira da polícia. Não teve ameaça nenhuma, ele morreu completamente, humildemente inocente. Eu sabia que era mentira deles, porque a mãe conhece seus filhos”, comenta Dona Maria.

O inquérito só termina em dezembro. O filme deve entrar em cartaz em julho do ano que vem. Mas a dor, Dona Maria diz que não vai passar: “Desde o primeiro dia em que recebi essa notícia, eu não tive mais paz. Isso não vai acabar nunca”.

22/07/2006 - 18h59

19. Gonzaga pára por um dia para lembrar morte de Jean Charles -

<http://noticias.uol.com.br/ultnot/internacional/2006/07/22/ult27u56840.jhtm>

Por Netun Lima

GONZAGA, Minas Gerais (Reuters) - A pequena cidade mineira de Gonzaga parou neste sábado para lembrar o morte de Jean Charles de Menezes, assassinado há exatamente um ano por policiais em uma estação de metrô de Londres, após ter sido supostamente confundido com um terrorista.

Logo pela manhã, moradores cobriram a cidade com 10 mil rosas brancas de papel, confeccionadas a pedido da prefeitura e colocadas em canteiros, praças, nas portas das casas e de edifícios públicos.

Os pais de Jean Charles, Maria e Matozinhos, estiveram no cemitério municipal, para visitar o túmulo do filho. Emocionada, a mãe chorou ao depositar flores na sepultura.

Depois, o casal recebeu alguns jornalistas para um almoço em sua casa, em um humilde sítio na zona na zona rural.

"Hoje, para eu sorrir, ainda preciso fazer esforço", disse Maria, afirmando que ainda não superou a morte do filho. "s vezes fico dias sem comer."

Na parte da tarde houve uma concentração de moradores em uma praça no centro da cidade seguida de um culto ecumênico ministrado por um padre católico e um pastor evangélico.

Cerca de 200 pessoas acompanharam a cerimônia, e Maria e Matozinhos, sentados na primeira fileira, foram diversas vezes cumprimentados por moradores.

Veículos brasileiros e estrangeiros enviaram representantes para cobrir o evento. Mas o assédio da imprensa tem causado desconforto à família de Jean Charles.

"Meu pai e minha mãe são muito simples, estão assustados (com o assédio)", disse Giovani de Menezes, irmão de Jean Charles. "Os repórteres vêm falar com eles, mas (esse assédio) não traz nenhum resultado. Não dá para esperar muita coisa."

Neste sábado, praticamente todos na cidade, de 9.000 habitantes, vestiam camisetas brancas, algumas com frases pedindo a paz ou alusivas à morte de Jean Charles.

Uma placa na entrada da cidade, colocada no lugar do tradicional "Bem-vindo a Gonzaga", dá uma idéia do sentimento de seus moradores em relação à morte do brasileiro: "Terra de Jean Charles, vítima do terrorismo em Londres. Aqui se prioriza a vida".

ASSASSINATO

O assassinato de Jean Charles de Menezes, em 2005, aconteceu em meio a uma histeria que tomou conta de Londres ante a ameaça de ataques suicidas. Quinze dias antes do episódio, quatro extremistas britânicos explodiram bombas em trens do metrô e em um ônibus na capital inglesa, matando 52 pessoas.

Policiais confundiram o brasileiro com um possível homem-bomba e perseguiram Jean Charles quando ele entrava na estação. Dois dos oficiais dispararam sete tiros na cabeça do eletricitista, depois que ele já tinha entrado no vagão do metrô.

As circunstâncias da morte do brasileiro foram discutidas calorosamente e Jean Charles virou uma espécie de mártir para os que acusam a polícia de ignorar os direitos civis em meio a sua guerra ao terror.

O chefe da Scotland Yard, Ian Blair, foi fortemente criticado pelo incidente e sofreu grande pressão para renunciar ao cargo.

No último dia 17 de julho, a Justiça britânica decidiu que os policiais envolvidos na morte do brasileiro não seriam indiciados por crime algum, já que eles "acreditavam verdadeiramente que o senhor Menezes era um homem-bomba".

Em vez disso, a Polícia Metropolitana Britânica será processada com base nas leis de segurança e saúde pelo episódio.

Vivian menezes figueiredo - “Esperamos Justiça”

Por Daniel Santini

daniel.santini@folhauniversal.com.br



Vivian Menezes Figueiredo tinha 20 anos quando decidiu, em 2004, deixar Gonzaga (MG) para ir para Londres, na Inglaterra. A coragem da menina que cresceu no interior de Minas Gerais foi inspirada no primo mais velho, Jean Charles de Menezes. Foi ele quem a ajudou a comprar a passagem e tirar passaporte; quem a entusiasmou com as possibilidades de trabalho e cuidou dela no exterior. Um ano depois, em 2005, no flat que dividia com Jean, ela foi uma das primeiras a saber que ele havia sido morto pela Scotland Yard com sete tiros.

Agentes da famosa polícia britânica o confundiram com um terrorista e, em meio ao clima de medo na cidade após uma série de atentados, dispararam. Três anos se passaram desde que o erro absurdo custou a vida do brasileiro e nenhum policial foi punido.

Na semana retrasada, um novo inquérito teve início e Vivian foi uma das primeiras ouvidas. Por telefone, direto de Londres, ela falou sobre a investigação, contou como está a família e esclareceu que, ao contrário do que a mídia noticiou, nenhuma indenização foi paga.

A história vai virar filme.

1 – Como foram os primeiros dias da investigação?

Está tudo sob controle. O inquérito começou segunda-feira, dia 22 de setembro. Tem muitas coisas que a gente não sabia que estão sendo levantadas, muitas questões que estão sendo feitas. É um procedimento importante. Meu primo, Giovanni (irmão de Jean Charles), e os pais do Jean Charles vão participar agora em outubro.

2 – E como está a família?

Passsei um mês de férias no Brasil e acabei de chegar em Londres. Comparado com como todos estavam há 3 anos, já deu uma aliviada. Mas pelo que aconteceu, do jeito que aconteceu, é muito complicado a gente se conformar. É um erro imperdoável pela forma que ocorreu. Vamos esperar para ver o que acontecerá. A gente acredita que a Justiça será feita.

3 – É uma investigação, não um julgamento. Vocês têm expectativa de que os policiais envolvidos ainda sejam punidos?

Não deixa de ser um julgamento. Antes, ninguém havia sido citado. Agora, todos os envolvidos serão identificados. Continuarão anônimos, mas terão que responder. Os verdadeiros culpados sofrerão punição. Tenho esperança.

4 – Como vê os policiais envolvidos terem alegado que, se identificados, não poderiam mais atuar como agentes secretos?

Pela quantidade de policiais anônimos isso é ridículo. Alguns até se explica, por eles

terem que trabalhar em sigilo, mas para outros isso é ridículo. De qualquer forma, não tem muito a ser feito. A gente até vai poder ver o rosto deles nesta investigação, através de câmeras, por vídeo-conferência. Será a primeira vez.

5 – Vocês foram indenizados?

Não houve indenização. O que houve no processo foi que, atendendo à Lei de Saúde e Segurança, a polícia teve que pagar multa para o Estado. Três anos depois, a família não recebeu nada. O caso ainda não chegou a um final. Estamos esperando.

6 – O chefe da polícia, Ian Blair, pode perder o cargo devido ao caso. É o que a família espera?

Para falar a verdade, essa é uma resposta difícil. A investigação está no início e tem muito para acontecer. Fatos que estavam sendo atribuídos a ele não são responsabilidade somente dele. A gente nunca falou cara a cara, nunca me aproximei. Ele até quis, mas a gente acabou recusando. É o mínimo que ele poderia fazer. De certa forma, essa liberdade de podermos perguntar, questionar os procedimentos, isso é um pouquinho de Justiça.

7 – Em meio ao temor de novos ataques, a ordem era atirar primeiro, checar depois. O que pensa disso?

É uma coisa ridícula. Uma identificação é difícil de fazer, às vezes confundimos uma pessoa na rua, isso é comum. Eles não tiveram cuidado. O Jean teve que pagar um preço muito alto para eles tomarem mais cuidado em relação à vida. Isso serve não só para os policiais ingleses. Quando se trata de vidas, tem que haver respeito. Uma vida não é algo com que se brinca, que se tira dessa forma.

8 – Dá para comparar a polícia inglesa e a polícia brasileira?

Não gosto de comparações. Cada um tem seus defeitos e suas qualidades. Hoje, não sei se falta responsabilidade ou seriedade em relação à vida. No policiamento existem muitas falhas, não só no Brasil, no mundo inteiro. E os policiais têm toda uma preparação, é difícil explicar.

9 – Como tem sido a relação com os ingleses? Há preconceito contra estrangeiros?

Todo mundo que acompanha o caso vê o absurdo que é. Recebemos mensagens, às vezes postais. Há um memorial em que as pessoas deixam recados, bilhetinhos, flores. Particularmente, minha vida continua mais corrida. Além do corre-corre pessoal, ainda tem o caso do Jean. Mas não mudou tanto. Quanto ao preconceito, acho que, de 3 anos para cá, desde que tudo começou a acontecer, aumentou o medo. Mas não mudou tanto para nós. Brasileiro não se envolve com terrorismo.

10 – E o Selton Mello como Jean Charles no filme sobre a história?

É um ótimo profissional, fico feliz. Vi o roteiro, mas só um esqueleto. Não acompanhei as filmagens porque estava no Brasil, mas minha expectativa é a melhor possível em relação ao filme.

21. Nenhum policial será processado pela morte de Jean Charles **13 de fevereiro de 2009** - <http://noticias.terra.com.br/mundo/interna/0,,O13514013-E18142,00.html>



O pai de Jean Charles, Matozinho Otoni da Silva, exibe foto do filho em Gonzaga (MG), em 24 de julho de 2005

Foto: AFP

Nenhum agente será processado pelo caso do eletricista brasileiro Jean Charles de Menezes, afirmou nesta sexta a Promotoria britânica, após revisar as evidências que vieram à tona no ano passado no inquérito público sobre a morte do jovem.

A Promotoria informou que não há evidências suficientes para processar um agente por participação na morte do brasileiro, que foi assassinado em 22 de julho de 2005 na estação de metrô de Stockwell ao ser confundido com um terrorista suicida.

Em dezembro, o júri do inquérito público decidiu que a morte do brasileiro não foi um homicídio justificado e se pronunciou por um veredicto denominado "aberto".

O júri, formado por dez pessoas, tomou essa decisão depois que o juiz Michael Wright negou a eles a possibilidade de um veredicto de homicídio injustificado.

O advogado Stephen O'Doherty, responsável por revisar as provas, disse hoje que não encontrou evidências suficientes para rever sua decisão, tomada há mais de um ano, de não processar nenhum agente.

"Após a investigação sobre a morte de Jean Charles de Menezes e o veredicto aberto alcançado pelo júri, eu fiz uma revisão do caso à luz das novas provas surgidas da investigação", acrescentou O'Doherty.

"Cheguei à conclusão de que não há provas suficientes de que um agente em particular

tenha cometido um crime em relação à trágica morte de Jean Charles", explicou o advogado.

O eletricista de 27 anos levou oito tiros (sete na cabeça e um no ombro) disparados por agentes da brigada antiterrorista da Scotland Yard após ser confundido com um dos autores dos atentados fracassados do dia anterior, que pretendiam ser uma imitação dos ataques de 7 de julho de 2005.





<http://www.votebrasil.com/noticia/brasil-mundo/estacao-de-metro-de-londres-tera-monumento-a-jean-charles>

10/12/2009 - 13h11

Fonte: da Efe, em Londres

20. Estação de metrô de Londres terá monumento a Jean Charles

"A dor de não ter conseguido nunca Justiça para a morte de Jean continua nos perseguindo a cada dia. Mas saber que com este monumento sua memória se manterá viva na comunidade local é um tributo que não tínhamos sonhado"...

Altere o tamanho da letra: [A-](#) [A+](#)



Um monumento lembrará o brasileiro Jean Charles de Menezes na estação de metrô em Londres na qual foi baleado, em 2005, por policiais que o confundiram com um terrorista, confirmaram nesta quinta-feira seus familiares.

Um colorido mosaico da artista Mary Edwards que reproduz o rosto de Jean Charles será exposto na estação de Stockwell (sul de Londres), que substituirá a improvisada montagem de flores, velas, pinturas e artigos de jornais que lembravam o fato. A família do electricista e a Transport for London (empresa encarregada do transporte na cidade) chegaram a um acordo após anos de discussões sobre a maneira mais adequada de lembrar a vítima.

"A dor de não ter conseguido nunca Justiça para a morte de Jean continua nos perseguindo a cada dia. Mas saber que com este monumento sua

memória se manterá viva na comunidade local é um tributo que não tínhamos sonhado", disse Vivian Figueiredo, prima de Jean Charles.

"Do fundo de nosso coração, agradecemos aos cidadãos que nos apoiaram", afirmou Vivian, que confirmou a notícia depois que a família chegou a um acordo com a Polícia Metropolitana de Londres para cobrar uma indenização.

No último dia 23, o jornal britânico "Daily Mail" informou que a família de Jean Charles aceitara um acordo segundo o qual receberia somente 100 mil libras (R\$ 286 mil). O montante nunca foi confirmado nem pela família nem pelo governo britânico, porque ficou protegido por uma cláusula de confidencialidade.

Erro trágico

Jean Charles foi morto depois que agentes policiais o confundiram com Hussain Osman. Ele e outros três cúmplices tinham escapado depois dos ataques terroristas frustrados de 21 de julho de 2005, uma ação que tentava repetir os atentados de 7 de julho, que mataram 52.

No inquérito sobre o caso, o júri apontou uma sucessão de erros da polícia --entre eles, a falha em avisar Jean Charles verbalmente antes de atirar contra o brasileiro. A versão policial de que o brasileiro teria corrido contra os policiais também foi descartada. No entanto, o júri considerou que não havia provas suficientes de que Jean Charles foi morto em ação ilegal.

A família do brasileiro Jean Charles de Menezes entrou em acordo com a polícia londrina para receber uma indenização, informaram as duas partes em um comunicado divulgado nesta segunda-feira (23).

As negociações foram feitas na semana passada, segundo o comunicado. O valor não foi revelado. Segundo o documento, a família está "satisfeita" com o acordo, que permite que eles "deixem para trás os acontecimentos" e "seguir adiante com suas vidas", interrompendo as ações penais contra a Polícia Metropolitana.

Menezes foi morto em 2005, em uma estação do metrô londrino, vítima de erro policial, ao ser confundido com um suposto terrorista.

Em sua edição desta segunda-feira, o tabloide britânico "Daily Mail" havia especulado que a indenização seria de apenas um terço das 300 mil libras esterlinas (pouco mais de R\$ 860 mil) sugeridas pelos advogados da família.

O jornal não informa suas fontes. Segundo o "Mail", a indenização seria baixa porque a família Menezes é "pobre" e "não poderia esperar muito apoio financeiro" do electricista. Também pesou o fato de que ele era solteiro e não tinha filhos, afirmou o jornal.

Até agora, a única ajuda que a família recebeu da Scotland Yard foi o valor de US\$ 15 mil para custear o envio do corpo de Jean Charles para sua cidade natal, Gonzaga (MG).

Leia também: Em Gonzaga, mãe diz que ainda não sabe da indenização

Além de representar, apenas, um terço do que os advogados da família deram a entender há alguns meses que solicitariam, correspondem a 25% das 400 mil libras recebidas pelo chefe de polícia de Londres na época, Ian Blair, após sua demissão no fim de 2008, de acordo com o mesmo jornal.

O crime

Jean Charles de Menezes, de 27 anos, foi morto na estação de Stockwell, no metrô de Londres, em 22 de julho de 2005. Confundido com o terrorista etíope Hussain Osman, um dos autores dos ataques fracassados no dia anterior na capital britânica, o electricista levou sete tiros na cabeça, disparados pela polícia metropolitana, a Scotland Yard.

O crime ocorreu duas semanas depois dos atentados de 7 de julho de 2005 em Londres.

Cerca de 30 horas depois da morte do brasileiro, seu verdadeiro nome e nacionalidade foram divulgados pelas autoridades britânicas, que admitiram que o electricista não carregava explosivos.

No dia 27 de julho, o corpo de Jean Charles foi trazido para o Brasil e velado na igreja matriz de Gonzaga, em Minas Gerais, onde mora sua família.

22. [Leia mais notícias de Mundo](#)

Atualmente, o Brasil é o segundo país na América Latina em recepção de dinheiro do exterior, atrás apenas do México. Em reportagem publicada nesta quinta-feira, a Agência Brasil, oficial do governo, afirma que, conforme dados do Banco Central, em 2007, chegou a US\$ 2,8 bilhões a quantidade de dinheiro enviado a famílias no Brasil por brasileiros que moram em outros países.

Desse total, mais de US\$ 1,3 bilhão vem dos Estados Unidos, praticamente a mesma quantia apurada pelo BC em 1997, no total de valores remetidos.

Esse dinheiro, que se costuma ser chamado de remessa, é proveniente do trabalho de brasileiros que deixaram o país para buscar melhores condições financeiras e trabalham também para ajudar a família que ficou no Brasil.